



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

“UM FILHO ILUSTRE DESSA TERRA”: AS MEMÓRIAS DE ALUNOS DA EJA
SOBRE TANCREDO NEVES E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO

BRUNA APARECIDA GOMES COELHO

SÃO JOÃO DEL-REI

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

“UM FILHO ILUSTRE DESSA TERRA”: AS MEMÓRIAS DE ALUNOS DA EJA SOBRE
TANCREDO NEVES E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO

BRUNA APARECIDA GOMES COELHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de São João del-
Rei como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Cultura e Identidades.

ORIENTADORA: PROF. DR. CÁSSIA RITA LOURO PALHA

SÃO JOÃO DEL-REI

2019

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB) e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C672	<p>Coelho, Bruna Aparecida Gomes.</p> <p>"Um filho ilustre dessa terra": as memórias de alunos da EJA sobre Tancredo Neves e o processo de redemocratização / Bruna Aparecida Gomes Coelho ; orientadora Cássia Rita Louro Palha. -- São João del-Rei, 2019.</p> <p>131 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado - História) - Universidade Federal de São João del-Rei, 2019.</p> <p>1. Ensino de História. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Memória. 4. Tancredo Neves. 5. Redemocratização. I. Palha, Cássia Rita Louro, orient. II. Título.</p>
------	---

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“UM FILHO ILUSTRE DESSA TERRA”: AS MEMÓRIAS DE ALUNOS DA EJA SOBRE
TANCREDO NEVES E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO

BRUNA APARECIDA GOMES COELHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.
Linha de Pesquisa: Cultura e Identidades

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Cássia Rita Louro Palha - Orientadora
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)

Prof^a. Dra. Patrícia Teixeira de Sá
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof^a. Dra. Sílvia Maria Jardim Brügger
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)

SÃO JOÃO DEL-REI

2019

Aos meus pais, Cid e Marli.

AGRADECIMENTOS

Ao final de um ciclo sempre nos deparamos com o sentimento de alegria pela conquista de uma nova etapa e o sentimento de gratidão por todos aqueles que contribuíram em nossa jornada. Ao longo dessa pesquisa muitas pessoas me apoiaram, me estenderam a mão quando eu precisei e não permitiram que eu abandonasse meus objetivos. Tive o privilégio de conhecer nesse período muitas pessoas especiais que me auxiliaram em algum momento e tenho reconhecimento por cada gesto de solidariedade que vocês tiveram comigo.

Agradeço a Deus, à Iansã e Ogum, e aos guias, porque nos momentos de fraqueza sempre me mostraram que eu nunca estava sozinha e que tinha forças para continuar seguindo em frente.

Aos meus pais, Cid e Marli, e minha irmã Amanda, por todas as vezes que me incentivaram a continuar meu caminho, vencendo as dificuldades e superando os desafios. Aos meus familiares por toda a compreensão e apoio nos momentos de dúvidas e incertezas. Aos amigos que sempre se fizeram presentes em minha vida.

Aos irmãos e membros do Ilê Axé Omolocô Ti Oxossi Ogbani por toda a paciência e carinho. Ao meu pai espiritual, Cláudio, que apenas com seu exemplo me ensinou coisas valiosas. Todos vocês contribuíram no meu crescimento, me ensinaram a respeitar as diversidades do mundo e, principalmente, mostraram-me que o caminho é árduo, mas “se for da fé e do merecimento de cada um tudo pode ser alcançado”.

Aos meus amigos de faculdade e companheiros de mestrado, em especial ao Estevão e ao Filipe, com os quais pude ter momentos de alegria e dividir as constantes aflições que só a vida acadêmica pode nos proporcionar.

A todos os mestres que tive nessa jornada, os quais colaboraram para minha formação como educadora e pesquisadora, principalmente aqueles que me integraram em seus projetos acadêmicos, dando-me a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e experiências.

À minha orientadora, Cássia Palha, pelas críticas e sugestões que enriqueceram o trabalho e pelas palavras de afago em momentos de aflição.

Agradeço à Patrícia de Sá e Sílvia Brügger, por todo o ensinamento. Vocês, assim como a Cássia, fizeram parte da minha vida acadêmica e estou feliz por participarem do encerramento desse ciclo.

Agradeço a CAPES, pela bolsa de mestrado conferida, essencial para a realização dessa pesquisa.

Aos membros da E. E. Cônego Osvaldo Lustosa e da E. E. Milton Campos, os quais me acolheram e auxiliaram na construção das fontes, abrindo espaço para que eu pudesse desenvolver minha pesquisa.

Por fim, agradeço principalmente a todos os alunos que aceitaram ser voluntários neste estudo. A experiência de trabalhar com vocês foi especial para mim, sobretudo como educadora. A cada resposta que lia nos questionários compreendia melhor o universo da EJA e como é a realidade das pessoas que enfrentam seus desafios diários para conseguir retornar à sala de aula. Agradeço aos alunos que aceitaram ser entrevistados. Cada encontro com vocês foi único. Ao responderem as perguntas referentes ao processo histórico vocês falaram sobre suas alegrias e sofrimentos, seus momentos de vitória e de derrota. A cada vida que se abria vocês me acolhiam não apenas como pesquisadora, mas como uma pessoa que era digna de sua confiança.

Eterna gratidão a todos vocês!

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”

Hampatè Ba

RESUMO

A redemocratização foi um processo histórico que teve seu término nos anos oitenta, o qual reestabeleceu a democracia no Brasil. Alguns de seus personagens entraram para a história nacional devido a seus atos. Este é o caso do mineiro Tancredo Neves, que nasceu na cidade de São João del-Rei e foi o primeiro presidente civil eleito indiretamente após o fim do regime militar. Sua trajetória marcou a história de sua cidade natal e suas ações refletiram tanto na memória das pessoas que viveram esse período quanto dos filhos e netos de seus contemporâneos. A transição democrática pode ser considerada um processo histórico recente na história do país, ainda vivo na memória das pessoas. Ao trabalharmos esse período com os alunos da EJA buscamos ter acesso às memórias que tais indivíduos possuem sobre Tancredo Neves e a redemocratização, além de compreender como os alunos se relacionam com a história de sua cidade e do país. Os alunos da EJA tem sido o foco de pesquisas em diversas áreas e os recursos utilizados por eles em sala de aula durante processos de aprendizagem se tornaram objeto de alguns estudos como, por exemplo, o uso da memória como fonte histórica. Assim, coletamos dados através de um questionário inicial, para todos os voluntários, e de entrevistas individuais com alguns alunos selecionados a partir do questionário. Os resultados demonstram que para os alunos as ações de Tancredo Neves causaram os acontecimentos que resultaram em sua eleição na década de 1980. Dentre os entrevistados foi possível avaliar que existe uma memória coletiva sobre Tancredo Neves, a qual pode ser considerada positiva por causa de suas afirmações durante os depoimentos. Além disso, a maioria dos depoentes considera que existe uma memória sobre o político em sua cidade natal e que essa memória pode ser considerada positiva. Tais resultados podem se basear na imagem construída do político ao longo dos anos, a qual se perpetua de geração para geração. Apesar da maioria dos entrevistados acreditarem que as atitudes de Tancredo visavam apenas o bem do país, alguns alunos ao ressignificarem as narrativas em torno do político avaliaram que suas ações também possuíam um interesse em benefício próprio.

Palavras-chave: EJA; Memória; Tancredo Neves; Redemocratização.

ABSTRACT

Redemocratization was a historical process ended in the 80's which reinstated democracy in Brazil. Some of the characters became notorious in the national history due to their acts. It is the case of Tancredo Neves. He was born in São João Del Rei, Minas Gerais and was elected the first civil president after dictatorship. His trajectory was very important to the history of his hometown and his actions have reflected not only the memory of the people who lived the period but also the memory of their children and grandchildren. The democratic transition can be considered a recent historical process in Brazil, therefore, still alive in the memory of people. By working this period with EJA students, we seek access to the memory these individuals have about Tancredo Neves and the redemocratization, furthermore, comprehend how they relate themselves with the story of his city and country. The EJA students have been the focus of many researches in many areas and the resources used by them in class during the process of learning became the object of some studies, for instance, the use of memory as a historical source. Therefore, we collected data through an initial questionnaire, to all volunteers, and also from individual interviews with some students selected based on the questionnaire. The results demonstrate that for the students, the actions of Tancredo Neves caused the events which led to his election in the 80's. Among the interviewees, it was possible to evaluate the existence of a collective memory about Tancredo Neves, which can be considered positive due to the cause of his statements along the testimony. Besides that, the majority of the deponents thinks that it really exists a memory about the Politician in his hometown and this memory can be considered positive. Such results are based in the image of these politician that was built along the years, and which perpetuates itself for many generations. Despite the majority of the interviewees believe that the attitudes of Tancredo intended the good of the country, some of the students, after realizing a new meaning to the narratives beyond the Politician, evaluate that his actions also had an interest in his self-benefit.

Keywords: EJA; Memory; Tancredo Neves; Redemocratization.

LISTA DE IMAGENS

Imagem I: Tancredo Neves	123
Imagem II: Tancredo Neves votando nas eleições de 1982	127
Imagem III: Campanha eleitoral de Tancredo Neves	127
Imagem IV: Funeral de Tancredo Neves, Brasília	128
Imagem V: Cortejo fúnebre de Tancredo, Brasília	128
Imagem VI: Velório de Tancredo Neves, Belo Horizonte	129
Imagem VII: Familiares no velório de Tancredo, Belo Horizonte	129
Imagem VIII: Cortejo fúnebre de Tancredo, São João del-Rei	130
Imagem IX: Enterro de Tancredo Neves, São João del-Rei	130
Imagem X: Estátua de Tancredo Neves no centro de São João del-Rei	131
Imagem XI: Memorial Tancredo Neves localizado em São João del-Rei	131

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I: Idade dos alunos	39
Gráfico II: Constituição familiar	40
Gráfico III: Situação profissional	40
Gráfico IV: Residência dos alunos	41
Gráfico V: Autodeclaração de cor	42
Gráfico VI: Religião	42
Gráfico VII: Meio de acesso à internet	44
Gráfico VIII: Locais de acesso	45
Gráfico IX: Sites mais visitados	45
Gráfico X: Consumo televisivo	46
Gráfico XI: Consumo musical	46
Gráfico XII: Opinião dos alunos sobre morar em São João del-Rei	51

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Os principais cinemas, teatros e museus citados pelos alunos	48
Quadro II – Os principais elementos de São João del-Rei citados pelos alunos	52
Quadro III – Fatos que aconteceram na infância dos voluntários	55
Quadro IV – A oralidade do nome Tancredo Neves nas respostas dos alunos	63

ABREVIATURAS

CNE – Conselho Nacional de Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEJA – Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos

LDBN/LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

SUMÁRIO

Introdução	16
Capítulo 1	24
1.1 – Breve histórico da EJA no Brasil	24
1.2 – Campo de pesquisa	32
1.3 – Perfil dos alunos	38
1.4 – Os educandos e a cultura histórica	42
1.5 – Narrativas dos alunos sobre a história de São João del-Rei	50
Capítulo 2	59
2.1– O uso da memória: identificando Tancredo Neves	59
2.2 – O processo de redemocratização	65
2.3 – A processo histórico em narrativas dos estudantes	76
2.4 – Perfil dos entrevistados	79
Capítulo 3	87
3.1 – O método da história oral temática	87
3.2 – A história como disciplina escolar e o conceito de histórico	91
3.3 – Tancredo Neves e o processo de redemocratização	99
Considerações finais	116
Referências	118
Anexo I	123
Anexo II	125
Anexo III	127

INTRODUÇÃO

A percepção que o indivíduo possui de si mesmo, do lugar que ocupa no mundo e em suas constantes relações sociais perpassam seu passado, presente e futuro. À medida que nos desenvolvemos enquanto membros de um corpo social quase sempre também estamos envolvidos no ambiente escolar, que contribui para a nossa formação enquanto cidadãos. Com se dá, porém, essa relação quando já somos adultos que assumiram sua posição na sociedade, mas precisaram retornar ao ambiente escolar? Estudantes da Educação de Jovens e Adultos se enquadram nesta indagação e também em outras. Qual é a relação que eles possuem com o seu passado? Como eles avaliam a sua própria história? Essas dúvidas surgiram em um breve encontro com uma senhora que tinha 70 anos de idade, era negra, moradora de um bairro de periferia da cidade de São João del-Rei e que retornou à sala de aula com o sonho de se alfabetizar. Ao ouvir suas narrativas sobre seus antepassados escravizados pude notar o seu orgulho em não desistir de um objetivo: entender seu lugar no mundo através das letras.

Assim nasceu a ideia que deu origem à minha iniciação científica *A música e a construção do conhecimento histórico de jovens e adultos*. Ao pensar como era a relação daquela senhora com sua própria história me questionei como era a construção do seu conhecimento histórico e quais aspectos de seu conhecimento prévio eram mais acionados em debates na sala de aula. Percebi, ao observar uma turma de EJA da Escola Estadual Governador Milton Campos, que a memória (pessoal ou de pessoas próximas) era indispensável para os alunos, independentemente de sua idade, e acionada diversas vezes como referencial do que eles consideravam importante para sua história, de sua cidade ou do país. A cidade de São João del-Rei é rica neste sentido, pois alguns eventos históricos importantes poderiam estar vivos na memória de seus habitantes como a Inconfidência Mineira, na figura de Tiradentes, ou a Segunda Guerra Mundial, na referência dos antigos pracinhas. Contudo, a trajetória de Tancredo de Almeida Neves pareceu-me um caminho promissor.

A Educação de Jovens e Adultos “é marcada pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988” (MOURA,

2006: 5). Tais políticas surgiram a partir de ações individuais e coletivas, mas elas não tem conseguido dar conta das demandas dos jovens, que cada vez mais tem optado pela EJA devido ao seu insucesso no ensino básico regular (MOURA, 2006: 5-6).

Ao se pensar o direito que a Constituição de 1988 garantiu aos brasileiros de ter acesso à educação, surge o debate sobre qual o papel dos professores e pesquisadores nessa luta por uma educação de qualidade. Paiva (2006), adverte que é impossível pensarmos o direito sobre a EJA sem pensarmos em democracia e nas políticas de educação e, por isso, são necessárias pesquisas construídas em torno desse objeto: os alunos da Educação de Jovens e Adultos.

O campo de disputas no ensino da Educação de Jovens e Adultos sempre esteve em debate e mais recentemente está ligado à Reforma do Ensino Médio. Segundo a pedagoga Lisete Arelaro (2017), em entrevista à Revista Retratos da Escola, o grupo que propôs a reforma não está preocupado com os estudantes e não detalha nada sobre a EJA. Para ela a reforma do ensino nessa modalidade deveria ter um projeto à parte, preocupado com o perfil dos estudantes que trabalham cerca de 8 a 10 horas por dia e que tem atendido um público, em sua maioria, com cerca de 15 a 19 anos idade. Os dirigentes do Estado não estão preocupados em atender as necessidades desse público e, por isso, nas palavras de Arelaro “é preciso mais respeito, melhores condições de funcionamento e criatividade para eles.”

Talvez, um dos primeiros passos para compreender melhor quais são as necessidades desse público é dar voz a esses alunos. Isso é possível ao transformarmos o público da EJA em objeto de pesquisa. Logo, um dos intuitos desta pesquisa é também valorizar o conhecimento desses estudantes, buscando compreender suas expectativas sobre o futuro e como elas estão atreladas ao seu retorno à sala de aula. Um estudo sobre as memórias que alunos da EJA possuem sobre Tancredo Neves e o processo histórico da redemocratização está relacionado com reflexões sobre a história do tempo presente, especialmente por lidar com memórias de indivíduos.

Henry Rousso (2016) esclarece uma característica da história do tempo presente que lhe é essencial: essa nova vertente da historiografia “se interessa por um presente que é o seu, em um contexto em que o passado não está mais acabado, nem encerrado, em que o sujeito da sua narração é um ‘ainda-aí’ ” (ROUSSO, 2016: 18). O presente passa a ser um momento em suspensão, pois o passado não é mais intocável. Desta

forma, na perspectiva de François Hartog surge um “presentismo” que é uma mudança de concepção do futuro, o qual passa a ser incerto e acaba se transformando em presente (HARTOG *apud* DELGADO & FERREIRA, 2013: 21). Essa mudança trouxe “uma supervalorização da memória e de temas como identidades e comemorações. Testemunhos ganham novas dimensões” (DELGADO & FERREIRA, 2013: 21). Contudo, os testemunhos não substituem a história, nem os historiadores; eles começam a ser vistos como fontes capazes de fazer um movimento do presente para o passado contribuindo, assim, para a própria construção da história (HARTOG, 2017: 204). Tais reflexões influenciaram na decisão de dar foco na trajetória de uma figura importante na história local e nacional, ainda viva na memória dos moradores.

Tancredo de Almeida Neves nasceu em São João del-Rei no dia 4 de março de 1910 e tornou-se importante na política nacional, principalmente por causa dos acontecimentos que marcaram o fim da ditadura militar e o início de um novo período democrático. Dedicou-se por quarenta anos à vida pública brasileira e teve sua “capacidade de aprendizagem política” ressaltada diversas vezes por políticos (SILVA & DELGADO, 1985: 23). Tancredo se adaptava facilmente frente às mudanças políticas, observando-as e aprendendo com seus movimentos, além de conceber a política como uma negociação que se realizava por meio do diálogo: em sua vida pública sempre se posicionou contra os golpes de Estado que ocorreram no Brasil, pois considerava que essas práticas apenas dificultavam o diálogo entre os adversários e, conseqüentemente, negociações que poderiam contribuir para o futuro do país (SILVA & DELGADO, 1985: 24-26). Talvez, por isso, tenha sido descrito como um conciliador.

Tancredo Neves tem sido considerado o protótipo do político conciliador. O valor atribuído a esta qualidade varia, dependendo de quem faça avaliação. Para os que se identificam mais à esquerda do espectro político, a conciliação é uma forma de atrasar mudanças mais radicais e mais genuinamente democráticas. É, conseqüentemente, uma prática política a ser olhada com reservas, quando não inteiramente rejeitada. Para os que estão mais à direita, aqueles que não desejam mudanças rápidas e mais abrangentes na estrutura das relações sociais, a conciliação é vista como uma estratégia desejável de reforma gradualística. Através dela podem incorporar-se novos interesses ao jogo político sem que sejam rompidos radicalmente os padrões anteriores de mando sobre a sociedade. Para Tancredo Neves, conservador que era, mas convencido da necessidade circunstancial da necessidade histórica de democratizar a política brasileira, a conciliação não era apenas uma opção política circunstancial e pragmática. Não era mero oportunismo, mas impunha-se pelo próprio

tipo de evolução da sociedade brasileira. (SILVA & DELGADO, 1985: 32-33)

Essa conciliação tornou o político de São João del-Rei um dos principais personagens do processo de redemocratização. Fico (2016) afirma que Tancredo Neves se tornou praticamente um consenso na mídia, entre os políticos e para a maioria dos brasileiros. “Sua imagem de conciliador e moderado, além de seu carisma pessoal, fez sua candidatura imbatível” (FICO, 2016: 107) e, além disso, segundo este autor, os militares passaram a aceitar Tancredo após sua afirmação de que não promoveria nenhum tipo de “revanchismo” contra eles.

O mineiro foi o primeiro presidente civil eleito indiretamente após o fim do regime ditatorial, mas não assumiu o cargo porque faleceu no dia 21 de abril de 1985, antes de tomar posse. Antônio Britto, porta-voz de Tancredo, fez o anúncio oficial no *Jornal Nacional*, que foi assistido por cerca de 80 milhões de pessoas:

Lamento afirmar que o Ex. Sr. Presidente da República, Tancredo de Almeida Neves, faleceu esta noite, às 10 horas e 23 minutos. Acrescento o seguinte: nos últimos cinquenta anos a vida pública de Tancredo Neves confundiu-se com os sonhos e com os ideais brasileiros de união, de democracia, de justiça social e de liberdade. Nos últimos meses, pela vontade de Tancredo Neves, essas ideias se transformaram na Nova República. A emocionante corrente de fé e de solidariedade das últimas semanas enquanto o presidente Tancredo lutava pela vida só fez crescer esse sentimento de união que sempre foi ação, exemplo e objetivo de Tancredo Neves. Com a mesma fé, com a mesma determinação, o Brasil haverá, a partir de agora, de realizar os ideais do líder que acabamos de perder: Tancredo Neves. (BARBOSA, 2011: 229 *apud* *Jornal Nacional*, emissão de 21 de abril de 1985)

As notícias de seu cortejo fúnebre foram transmitidas em vários canais de comunicação. Milhares de pessoas acompanharam o corpo de Tancredo por Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, até chegar a sua cidade natal onde foi sepultado. As circunstâncias de sua morte o transformaram em um herói da política nacional, marcando seu nome na memória do povo brasileiro, principalmente dos conterrâneos de seu berço político: a cidade mineira de São João del-Rei, onde foi realizada a presente pesquisa.

A cidade histórica fica localizada no Campo das Vertentes, sudeste do Estado de Minas Gerais. Sua população foi estimada em 90.263 habitantes em 2017 e, em sua maioria, se declara pertencente à religião Católica Apostólica Romana. A economia se concentra no comércio e nas fábricas têxteis, que começaram a ser implantadas na cidade durante o século XIX. A taxa de escolarização de 6 aos 14 anos é de 99,1%¹ e o município é sede da Superintendência Regional de Ensino, que coordena as escolas estaduais que estão localizadas na região.

Os alunos de EJA tem sido objeto de diversas pesquisas em áreas da educação, que investigam a compreensão do processo de aprendizagem deste público que possui experiências pessoais e profissionais muito distintas de alunos do ensino regular. Averiguar esses processos de aprendizagem, sua produção e quais são os seus mecanismos de mediação têm sido algumas das perguntas que inúmeros pesquisadores tentam responder.

Por se tratar de um público que atende diversas faixas etárias, torna-se possível encontrarmos em uma mesma sala de aula diferentes gerações que representam seus respectivos grupos sociais. A memória é construída a partir de experiências pessoais e coletivas, que são transmitidas e compartilhadas dentro de um mesmo grupo (NEVES, 2009: 27-30). Ou seja, em uma turma da EJA podemos encontrar distintas narrativas sobre o mesmo fato histórico, exatamente por termos essas diferentes gerações.

Os acontecimentos históricos mais recentes na história do país possivelmente foram testemunhados pelos alunos mais velhos, enquanto os mais novos podem ter tido contato com esses fatos através de diferentes mediações como o ambiente escolar, convívio com amigos ou o seu local de trabalho. Desta forma, as memórias podem estar inseridas em narrativas dos estudantes sobre os processos históricos, principalmente quando se trata de um evento mais recente, que de alguma forma afetou sua rotina ou se tornou parte do seu cotidiano.

Tancredo Neves faz parte da história de São João del-Rei. Seu nome está presente em ruas, instituições e na memória das pessoas. O processo histórico da redemocratização pode ser considerado um fato recente na história do país e que constantemente é lembrado em notícias, eventos e nos meios de comunicação. Não há

¹ Informações retiradas do último censo do IBGE.

pesquisas que analisem as memórias de alunos da EJA de São João del-Rei sobre Tancredo e o processo de redemocratização. Assim, o objetivo desta pesquisa é compreender quais as memórias dos educandos sobre esse processo histórico e como eles consideram a participação de Tancredo Neves nos eventos que ocorreram na década de 1980. Além disso, averiguar também qual a relação que esses estudantes têm com sua cidade e a história do país; como avaliam o uso da memória em sala de aula; e sua opinião sobre o próprio estudo da História como disciplina escolar.

Os dados foram produzidos em duas escolas estaduais que oferecem a EJA, modalidade Ensino Médio. Na primeira etapa um questionário inicial foi respondido por 123 alunos, divididos em sete turmas, os quais aceitaram voluntariamente participar da pesquisa. Após a avaliação dos questionários, convidamos 12 estudantes para uma entrevista individual. Portanto, os dados apresentados ao longo deste texto são resultados da análise de fontes obtidas em um estudo qualitativo.

O levantamento dos dados para a pesquisa começou no segundo semestre de 2017. Foi necessário um contato inicial com a direção, a orientação pedagógica e os professores para expor os objetivos do estudo e esclarecer quaisquer dúvidas. Após a permissão desses membros da comunidade escolar iniciamos observações nas salas de aulas, no intuito de avaliar o público. Esse primeiro contato foi essencial para aprimorar as perguntas do questionário, pois algumas dúvidas surgiram durante conversas rotineiras no intervalo das aulas e os relatos dos próprios alunos.

O questionário contou com três momentos específicos: primeiro os alunos deveriam responder perguntas relacionadas à memória da cidade, de Tancredo e do processo histórico; num segundo momento, eles indicaram dados pessoais, como idade e situação profissional; e, por fim, as perguntas se voltaram para seu consumo midiático/digital e sua cultura histórica. Esses momentos do questionário não foram escolhidos de forma aleatória, mas pensando no objetivo da pesquisa e do próprio objeto de estudo, que são os alunos de EJA. Averiguar o perfil social e econômico, como os alunos lidam com seus momentos de lazer e seu consumo cultural, é parte de um estudo que envolve indivíduos.

Após a análise desses questionários selecionamos 12 alunos para uma entrevista individual baseada em metodologias de história oral. O intuito era aprofundar o tema da pesquisa, sem perder de vista a trajetória dos alunos – por qual(s) motivo(s)

interromperam os estudos, o porquê de estarem estudando e qual seu objetivo no futuro escolar/profissional. Além disso, conseguimos que os estudantes respondessem um pouco sobre sua própria relação com o ensino de história, com a cidade e seu patrimônio. As entrevistas focaram mais na participação de Tancredo Neves e o processo histórico.

A EJA significa a possibilidade de formação na escola básica para os cidadãos que não tiveram essa oportunidade na idade própria, além de sua oferta ter se tornado uma obrigação do Estado, assim como já era o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O primeiro capítulo se inicia com uma discussão sobre esse desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, dialogando um pouco da legislação e instituições que contribuíram para que o ensino de jovens e adultos fosse implantado em todo o país. Em seguida, há uma descrição do campo de pesquisa em que foram produzidas as fontes: as duas escolas estaduais que oferecem a EJA, modalidade Ensino Médio, na cidade de São João del-Rei. É possível observar como as escolas criaram mecanismos para que seus alunos não abandonassem novamente os estudos, enquanto os professores buscavam caminhos metodológicos que possibilitassem uma melhor formação desses estudantes em um curto prazo de tempo. Através dessas observações e dos resultados do questionário esboçamos neste primeiro capítulo um perfil dos voluntários da pesquisa, com estatísticas referentes a suas informações pessoais (gênero, idade, religião etc.) e seu consumo midiático e cultural, que possibilitou também a análise de sua cultura histórica. Por fim, encerramos o capítulo com narrativas dos alunos sobre a cidade de São João del-Rei. Ao serem questionados sobre sua infância e lembranças marcantes, os alunos fizeram relatos descrevendo acontecimentos importantes para os moradores da cidade, os quais incluem Tancredo Neves.

O segundo capítulo começa com uma discussão sobre os conceitos e usos da memória. Ao analisarmos uma pergunta do questionário direcionada especificamente para Tancredo Neves observamos que ele foi identificado por um número expressivo de alunos. Alguns deles, que afirmaram não conhecer a trajetória do político mineiro, o reconheceram no questionário demonstrando que a imagem de Tancredo estava presente em suas memórias através de recordações pessoais, lembranças de familiares, ou dos marcos que existem na cidade. Neste capítulo há um debate historiográfico sobre o processo de redemocratização, listando alguns dos fatos que ocorreram nesse momento histórico e as interpretações sobre a participação de Tancredo Neves. Em seguida, são

apresentadas as narrativas dos alunos sobre o processo de transição política, elencando os principais elementos citados em suas respostas e o que ficou registrado em suas memórias. Finalizando o capítulo, há uma descrição do perfil de cada aluno que foi selecionado para as entrevistas: um pouco de sua trajetória, as escolhas que os afastaram da escola e por quais motivos retornaram, além de suas perspectivas para o futuro.

O terceiro capítulo se refere à análise das entrevistas. Primeiro com uma discussão sobre a metodologia empregada durante os depoimentos, como o ambiente em que elas ocorreram. Posteriormente, são expostos os resultados das perguntas em que os alunos explicaram e justificaram algumas de suas opiniões relativas à própria História como, por exemplo, o que eles consideram “histórico” e suas preferências temáticas na disciplina. Encerramos o capítulo com uma discussão dos principais pontos citados durante os depoimentos em relação a Tancredo Neves e o processo de redemocratização; as memórias dos alunos sobre os episódios da transição política; o que significa para eles estudar esse período da história; e, por fim, como avaliam o uso da memória como recurso didático em sala de aula.

CAPÍTULO 1

“Tancredo de Almeida Neves. Eu era pequena, mas jamais esqueceria. Fui ao enterro dele e me lembro como se fosse ontem. A Avenida Tancredo Neves estava cheia de pessoas, do início ao fim. O outro lado da praia, em frente à Associação dos Sargentos, lotada de gente. Meu pai nos colocou, eu e minha irmã gêmea, em cima do cais (uma beiradinha da praia). E no cemitério nem se fala, nem conseguimos entrar.” (Andréa Auxiliadora Cabral, 39 anos)

As especificidades dos estudantes da EJA, quando consideradas, possibilitam que a visão de mundo desses alunos possa ser averiguada dentro do processo educativo por meio de diversos estudos. Um exemplo são suas memórias e interpretações sobre eventos importantes na história. A redemocratização é um processo histórico recente, ainda vivo na memória das pessoas, ou seja, alunos que estão hoje em sala de aula podem ter testemunhado esse momento histórico e fazer uso desse conhecimento em seu processo de aprendizagem.

Desta forma, se torna importante compreender a trajetória da EJA na educação brasileira para uma reflexão dos embates políticos e sociais que sempre envolveram esse campo do ensino, que será apresentada no primeiro item deste capítulo. Em seguida, há uma descrição do campo de pesquisa onde os dados foram produzidos, citando um pouco da rotina escolar e semelhanças e diferenças entre as escolas. E, por fim, o capítulo se encerra com tópicos referentes às respostas dos alunos sobre seu perfil pessoal, socioeconômico e sua cultura histórica, além de suas narrativas sobre a história da cidade.

1.1 BREVE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

A EJA (Educação de Jovens e Adultos) é definida como uma modalidade da educação básica, que foi reconhecida na LDBEN nº 9.394/1996, destacada no art. 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria” (SOUZA, 2012: 16). Na atualidade “é praticamente um consenso que o sujeito da EJA possui uma

vasta bagagem cultural e que os conteúdos da EJA precisam ter estreita ligação com essa realidade” (SOUZA, 2012: 17). Portanto, a história da EJA no Brasil se insere num cenário político, social e econômico, em que seus sujeitos são trabalhadores, jovens em busca do primeiro emprego ou aposentados. Tais fatores criam uma relação entre a educação e o trabalho e são resultado de um processo em que os trabalhadores passaram a ter voz ativa no sistema educacional brasileiro. A educação atualmente denominada de “jovens e adultos” em outros momentos históricos foi definida como educação de adultos e educação popular.

A educação popular é um paradigma educacional, se assim se pode dizer, que articula o acesso ao conhecimento a processos emancipatórios. Ela foi desenvolvida no contexto de movimentos populares e de trabalhadores. Paulo Freire é um dos educadores que adensou o debate da educação popular no Brasil, particularmente nos anos de 1960. A educação de adultos tem trajetória secular na educação brasileira, tendo como bandeira central a superação do analfabetismo (SOUZA, 2012: 36).

Até o início do período republicano a questão da educação de adultos estava voltada mais para o analfabetismo, pois a legislação brasileira excluía o analfabeto que era tratado como “ignorante” e considerado uma marca social do subdesenvolvimento de um país. Essa e outras questões refletiram em ações de membros do governo Vargas que em 1934, no texto redigido para a Constituição Federal, declarou pela primeira vez que a “educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos (art.149)”. Neste artigo da Constituição, a educação passou a ser um direito de toda a população, independente da condição social de seus membros. Contudo, a educação não deveria ser uma obrigação do Estado com a sociedade, ou seja, não era atribuição do poder público oferecer educação básica para toda a população.

No final da década de 1950 e início de 1960 surgiu uma nova visão sobre a questão do analfabetismo, junto à concretização de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos que tinha Paulo Freire como principal referência. Houve uma intensa mobilização da sociedade civil em torno das políticas públicas de ensino de adultos (SOARES, 2011: 30). Essa nova visão era fruto das experiências de ações populares no combate do analfabetismo, que contribuíram para o surgimento do debate sobre a educação popular ampliando assim as visões sobre a educação de adultos.

Na segunda metade da década de 1950 ocorreram discussões sobre a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961. Era um momento de desenvolvimento econômico nacional e foram apontadas novas funções para a educação brasileira. Durante o II Congresso de Educação de Adultos², realizado em 1958, as ideias de Paulo Freire ganharam destaque. O autor contribuiu para a visão de que o analfabetismo era consequência das desigualdades sociais e repensou o processo educativo como interventor na estrutura social de base, partindo de um princípio crítico da realidade dos estudantes. Ou seja, educação e alfabetização passaram a ser interligadas.

Paulo Freire, em 1963, decidiu organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, por causa da implantação da LDBEN/1961. Entretanto, por causa do golpe militar de 1964, Freire foi impedido de expandir seu projeto em âmbito nacional, pois sua proposta de conscientização dos alunos passou a ser vista como uma ameaça para a nova ordem vigente (PORCARO, 2011: 30). Assim, Freire se exilou do país e os governos militares voltaram sua atenção para programas de alfabetização de adultos num modelo assistencialista e conservador. Dentro do contexto político da ditadura, em 1967, Mário Henrique Simonsen³ defendeu o desenvolvimento e a eliminação das desigualdades, oferecendo como alternativa o acesso à escola e um alto investimento em educação. Desta forma, o ensino voltado para adultos recebeu investimentos para dois projetos: a fundação do MOBREAL e a organização do Ensino Supletivo (FRIGOTTO, 1995: 41-42).

O primeiro, em sua organização, reconheceu a necessidade de saber ler e escrever, ainda que sua finalidade não fosse partilhada pela grande maioria dos educadores, que eram contra o regime militar. Por outro lado, era conferida uma autonomia administrativa e financeira, com recursos volumosos, para resolver o analfabetismo em dez anos: uma questão nacional que afetava um largo contingente da

² O II Congresso de Educação de Adultos ocorreu em 1958, na cidade do Rio de Janeiro, e mudou o conceito de analfabetismo e da concepção de alfabetização, que posteriormente foi assumida pelos movimentos de cultura e educação popular no início dos anos 1960, particularmente pelo próprio Paulo Freire.

³ Mário Henrique Simonsen nasceu no Rio de Janeiro em 1935, graduou-se em engenharia civil e se doutorou em Economia na Fundação Getúlio Vargas (1973). Durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici, em abril de 1970, assumiu a presidência da recém-criada MOBREAL. Participou do governo de outros militares, tendo sido ministro da Fazenda de Ernesto Geisel e ministro-chefe da Secretaria de Planejamento (Seplan) durante o mandato do general João Batista Figueiredo. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/simonsen-mario-henrique>

população. O MOBRAL representou uma realidade, mas não foi uma constituição de direitos. O objetivo de membros do governo era investir na força produtiva dos trabalhadores, apostando que a alfabetização contribuiria para colocar o país no caminho do progresso e desenvolvimento. Entretanto, a estrutura do MOBRAL não alcançava todos os municípios do país, mesmo com o governo anunciando que a educação deveria ser um direito de todos (PAIVA, 2009: 165-166).

O Ensino Supletivo foi implantado com a Lei de Diretrizes e Bases 5692/71, na qual havia um capítulo exclusivo sobre a educação de adultos. Apesar de limitar o dever do Estado à faixa etária dos sete aos quatorze anos, a LDB/71 reconheceu formalmente a educação de adultos como um direito de cidadania. Em 1974, como consequência desse reconhecimento, “o MEC propôs a implantação dos Centros de Estudos Supletivos (CES), que se organizavam com o trinômio tempo, custo e efetividade” (SOARES *apud* PORCARO, 2011: 31). Como o país concretizava inúmeros acordos entre MEC e USAID (United States Agency for International Development), os cursos oferecidos foram profundamente influenciados pelo tecnicismo, adotando-se neles os módulos instrucionais, o atendimento individualizado, a autoinstrução e a arguição em duas etapas - modular e semestral. “Como consequências dessa política, passaram a ocorrer, então, os altos índices de evasão, o individualismo, o pragmatismo e a certificação rápida e superficial” (SOARES *apud* PORCARO, 2011: 31-32).

A história da EJA também acompanhou o processo de redemocratização do país, abandonando as práticas de ensino da ditadura e buscando inovar no campo da educação. O MOBRAL foi extinto em 1985 e em seu lugar foi criada a Fundação Educar, que se eximia de executar diretamente os projetos de educação para jovens e adultos, passando a financiar e apoiar tecnicamente as iniciativas existentes, indo na contramão do novo contexto nacional. Para Sérgio Haddad (2007) a EJA é uma conquista brasileira e o seu reconhecimento como um direito humano aconteceu gradativamente ao longo do século XX, atingindo seu ápice com a Constituição de 1988, quando membros do governo reconheceram a demanda de atender jovens e adultos que não tiveram acesso à escola no tempo regular. Porém, segundo o autor, o contexto das reformas neoliberais dos anos de 1990 limitou o acesso a esse direito constitucional.

Observa-se, a partir de 1990, uma tendência de municipalizar o ensino de jovens e adultos no ensino fundamental. A Fundação Educar foi extinta durante o mandato de Fernando Collor, que retirou o encargo do governo federal nesse campo de atuação, rejeitando a articulação da política nacional da EJA e obrigando os municípios a assumir essa responsabilidade. Nesse mesmo período o Ministro da Educação, José Goldenberg, durante um pronunciamento, afirmou reconhecer que o analfabeto não tinha bom lugar, mas por “já estar lá e ter conseguido se arranjar assim, não valia a pena mexer com ele, porque a prioridade deveria ser educar as crianças para prevenir o mal” (PAIVA, 2009: 187). Esse não foi o único caso em que a educação de jovens e adultos foi desqualificada dentro de discussões sobre projetos do governo:

“Deixem os velhinhos morrerem em paz! Deixem os velhinhos morrerem em paz!”. Assim se pronunciou Darcy Ribeiro, diante das câmeras de vídeo e os olhares atônitos de cerca de 1.500 pessoas, educadores, professores, responsáveis por políticas públicas, no encerramento do Congresso Brasileiro organizado pelo GETA – Grupo de Estudos e Trabalhos em Alfabetização em 1990, por ocasião das mobilizações que marcaram o Ano Internacional da Alfabetização. Darcy, firme, falador incansável, argumentava, diante do seu amigo Paulo Freire, que assistia à sua performance na mesma mesa-redonda, no auditório da antiga Escola Caetano de Campos. Pode-se dizer que ali, por sua ousadia, Darcy inaugurava uma nova etapa de desqualificação da educação de pessoas jovens e adultas no âmbito das políticas públicas, revertendo um movimento inclusivo dos direitos por educação dos últimos cinquenta anos. A aprovação da Lei nº 9.394/96, que estabelece as novas diretrizes e bases da educação nacional, e que toma por base o projeto do mesmo Darcy, é um novo capítulo no caminho dessa desqualificação (HADDAD, 1997: 111).

Sérgio Haddad (1997) afirma que a prioridade de líderes do Estado passou a ser a educação fundamental de crianças, deixando de lado outros níveis escolares. A ruptura legal se iniciou com o Projeto de Lei nº 92/96 proposto no governo de Fernando Henrique Cardoso, que embalado pelo discurso de desqualificação da educação de pessoas adultas – contido nas orientações de alguns educadores brasileiros e dos assessores do Banco Mundial – trouxe uma novidade constitucional que foi, basicamente, a retirada de direitos. O contexto de aprovação da Nova LDB foi de constante desqualificação da EJA, considerando essa modalidade uma educação de segunda classe.

Haddad (1997) não perde de vista a conjuntura da LDB 9.394/96. O autor adverte que o texto contém dois fatores que podem enganar o julgamento de muitos leitores: uma seção para a Educação de Jovens e Adultos e uma aparente flexibilidade da educação de adultos. O tema da EJA é tratado de forma parcial e sob a ótica da reforma do Estado, que priorizou a educação fundamental de crianças em detrimento de outros níveis e grupos sociais. Nota-se que não há nenhum artigo que contemple a questão do analfabetismo, com o tema passando totalmente despercebido mesmo após os compromissos firmados no Plano Decenal de Educação de 1993. Do mesmo modo, a lei aprovada reafirmou o conceito de educação de adultos que o regime ditatorial implantou com a LDB/71 considerando apenas o ensino supletivo como necessário. Na verdade, foi além, pois empobreceu o modelo de 1971 ao descaracterizar o ensino de pessoas adultas no que tange a sua necessidade de ter uma estrutura e um modelo de preparação próprio para atender esse público. Por fim, não se preocupou em criar mecanismos que dessem condições para a permanência desse aluno na sala de aula, afinal de contas tratava-se de um grupo social que tinha um esforço redobrado para se manter em um programa escolar (PAIVA, 2009: 120-121).

Sendo assim, o discurso da inclusão – predominante na década de 1980 – foi substituído pelo discurso de limitação de direitos, permanecendo seu reconhecimento formal, mas não sendo estruturadas as condições necessárias para a sua ampla realização. Com a criação do FUNDEF⁴, uma divisão de responsabilidades fez com que o governo ampliasse os programas de alfabetização: os governos municipais atuariam nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental e os governos estaduais assumiriam os quatro últimos anos do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Isso se caracterizou em uma descentralização na educação de jovens e adultos, que se mantinha concentrada no governo federal desde o início das Campanhas Nacionais de Educação (PORCARO, 2011: 31-32).

Paralelamente a esse processo, ocorria um reconhecimento internacional da importância da EJA através de conferências organizadas pela UNESCO que unificou várias delegações para discutir essa questão. O MEC, em 1996, incentivou ações para

⁴ O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) foi instituído pela Emenda Constitucional n.º 14, de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto n.º 2.264, de junho de 1997. O FUNDEF foi implantado, nacionalmente, em 1º de janeiro de 1998, quando passou a vigorar a nova sistemática de redistribuição dos recursos destinados ao Ensino Fundamental.

diagnosticar o analfabetismo em cada estado, discutindo metas e ações para a EJA. Os estados se organizaram em diversos encontros, os quais resultaram em um evento em Curitiba, com apoio da UNESCO, que mobilizou o V CONFINTEA (Conferência Internacional de Educação de Adultos). Como consequência desse encontro acertou-se o início de uma série de outros encontros a nível nacional para discutirem sobre a EJA. Destaca-se, nesse sentido, o 1º ENEJA (Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos), em 1999, no Rio de Janeiro, estimulando outros eventos e a criação dos Fóruns Estaduais de EJA que se expandiram e conseguiram alcançar todos os estados brasileiros. Os fóruns assumiram a responsabilidade de acompanhar as políticas públicas de EJA e de se reunirem nos ENEJA's. Além disso, participaram das audiências do Conselho Nacional de Educação que discutiram as Diretrizes Curriculares para a EJA; marcando presença também em alguns estados na elaboração de Diretrizes Estaduais e em alguns municípios participando da regulamentação da EJA (PORCARO, 2011: 33).

No início do século XXI um dos marcos para a EJA é o Parecer CNE 11/2000, que foi a normalização das Diretrizes Nacionais e permitiu que o conselheiro Jamil Cury⁵ criasse uma rede de conversas com os atores da EJA no país. O conselheiro fez uma defesa do direito ao ensino de jovens e adultos, além de apontar que a correção dos erros históricos que causaram tal exclusão só seria possível se a EJA assumisse três funções: *reparadora*, *equalizadora* e *qualificadora*. A função *reparadora* é devolver o acesso à escola àqueles que não tiveram oportunidade durante a idade regular, quando eram crianças; a função *equalizadora* reflete politicamente a necessidade de maior oferta para quem é mais desigual do ponto de vista da escolarização; e por fim, a função *qualificadora* é o aprender por toda vida, o verdadeiro sentido da EJA ao possibilitar processos de educação continuada (CNE, 2000: 46-48).

Entretanto, essa definição de Jamil Cury é feita em um contexto de pouca compreensão do que caberia à educação de jovens e adultos. O governo de Fernando Henrique Cardoso também se posicionou em favor da prioridade do Ensino Fundamental para crianças de sete a quatorze anos, enquanto para os analfabetos e

⁵ Carlos Roberto Jamil Cury é graduado em Filosofia, possui mestrado e doutorado em Educação: História, Política e Sociedade (PUC/SP). Foi membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais e entre 1996 e 2004 foi membro do Conselho Nacional de Educação (CNE) na Câmara de Educação Básica (CEB) da qual foi seu presidente por duas vezes. Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4788980D6>

semianalfabetos coube apenas os programas compensatórios sob a forma de ação social. Essa política praticamente excludente no que tange o atendimento educacional a outras faixas etárias – aliada ao aumento da desigualdade social – acabou se agravando. A escola brasileira crescia em atendimento, mas não em qualidade, criando uma demanda: uma modalidade de educação que atendesse não somente adultos, mas também os jovens. Isso ampliou o conceito de educação de adultos para o de jovens e adultos em diversos países que passavam pelas mesmas dificuldades estruturais e de conjuntura do Brasil. Jane Paiva (2009) afirma que, nesse momento, há um aspecto novo que é muito relevante: o surgimento do segmento jovem na formulação do campo educacional que abrange a EJA. Isso porque, inicialmente, a modalidade se limitava aos adultos e não incluía os jovens, porque o conceito de juventude e vida adulta eram marcadamente dissociados no campo social (PAIVA, 2009: 205-207).

Ao contrário de Fernando Henrique Cardoso, seu sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva, puxou para seu governo a responsabilidade de criar mecanismos que pudessem não só oferecer o ensino para jovens e adultos, mas também manter sua continuidade.

A partir do início do primeiro Governo Lula, algumas mudanças foram ocorrendo em relação à política de EJA: a declaração do direito de todos os jovens e adultos à alfabetização, embora ainda na forma de campanha, pelo Programa Brasil Alfabetizado, a retomada do Programa Recomeço, rebatizado como Fazendo Escola, e a atenção dada à juventude, com o lançamento do PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens. Em 2006, ocorreu o lançamento do PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, prevendo educação profissional técnica de nível médio e formação inicial e continuada com ensino fundamental de 5ª a 8ª série (PORCARO, 2011: 35-36).

Apesar de tais ações terem sido positivas no mesmo período houve uma descentralização quanto a responsabilidade da educação de jovens e adultos. Antes centrada no governo federal e estadual, começou um processo de municipalização dos serviços numa tentativa de aproximar a demanda das funções oferecidas, favorecendo a democratização dos serviços públicos. Contudo, há críticas sobre esse mecanismo de municipalizar o Ensino Fundamental ofertado para maiores de 15 anos, pois a administração do governo não universalizou a modalidade da EJA. Ou seja, os

municípios não receberam recursos para conseguirem manter um ensino de qualidade: apenas transferiram a responsabilidade de uma instância para outra (PORCARO, 2011: 35-36). Sendo assim, atualmente a EJA do Ensino Fundamental se tornou responsabilidade dos municípios, enquanto a EJA do Ensino Médio ficou a cargo dos governos estaduais.

Durante o processo de construção da EJA nota-se que, nos primeiros programas desenvolvidos por gestões do governo, a educação para adultos era colocada no mesmo molde do ensino para crianças. Com o avanço da concepção da educação popular e o acúmulo de novas experiências por educadores e educandos, passou a existir um questionamento sobre os conteúdos e metodologias que fundamentavam a educação oficial de adultos (SOUZA, 2012: 37). Deste modo, foram desenvolvidas novas formas de atender esses alunos, priorizando as demandas e necessidades desse público.

Paulo Freire disse que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 1996: 154). A educação de jovens e adultos tem contado, desde seu princípio, com a solidariedade e relações interculturais como práticas de ensino. A luta pelo reconhecimento do direito a uma educação de qualidade e promotora de cidadania para jovens e adultos ainda continua através de discussões e ações, pois, como afirmou o próprio Freire, “o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam” (FREIRE, 1996: 130). Sendo assim, pesquisas sobre a EJA são necessárias porque consideram as especificidades desses alunos, suas vivências e formação enquanto sujeitos históricos. Ou seja, sua compreensão de fatos históricos no processo educativo deve ser averiguada em estudos como esta pesquisa.

1.2 CAMPO DE PESQUISA

A cidade de São João del-Rei possui duas escolas estaduais que oferecem a EJA na modalidade Ensino Médio, nas quais foram produzidos os dados desta pesquisa. A primeira é a Escola Estadual Milton Campos, que é conhecida pela alcunha de “Polivalente” por ter sido construída nos moldes do sistema ensejado pelo acordo MEC-USAID, que foi desenvolvido na década de 1970 através do Programa de Expansão do

Ensino Médio (PREMEM). A escola foi inaugurada em 15 de outubro de 1974, na Avenida Sete de Setembro, no bairro Matozinhos, e abriga alunos de toda a cidade por oferecer a EJA e cursos do Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), além do ensino regular. A segunda é a Escola Estadual Cônego Osvaldo Lustosa, o “Estadual”. Fundada em 1963 foi intitulada Escola Normal Oficial e, posteriormente, de Escola Normal Oficial Cônego Osvaldo Lustosa ficava localizada no centro da cidade em um prédio alugado pelo governo de Minas Gerais. Em 1968 foi transferida para o bairro Guarda-Mor e recebeu o título de Escola Estadual Cônego Osvaldo Lustosa. Por ser uma escola próxima a pontos de ônibus, onde transitam linhas de diversos bairros da cidade, ela tem grande procura de alunos, principalmente para o período noturno. Ambas as escolas não abriram turmas de 1º ano da EJA (Ensino Médio) no segundo semestre de 2017⁶, devido à greve de professores e funcionários que ocorreu no primeiro semestre. A Superintendência Regional de Ensino alegou que o calendário não fecharia em 100 dias letivos, tornando-se impossível atender a legislação que se refere à EJA. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida apenas com alunos do 2º e 3º períodos da EJA (Ensino Médio).

A aplicação de um questionário permitiu definir um perfil dos voluntários, além de coletar memórias sobre Tancredo Neves e o processo de redemocratização. A partir dos resultados do questionário foram selecionados alguns estudantes para serem entrevistados, individualmente, no intuito de verificar melhor algumas questões. Assim, o primeiro contato com os alunos foi através de observações em todas as turmas das duas escolas. Acompanhamos os professores de História em suas aulas e conversamos com os estudantes, para que eles interagissem com a pesquisadora e se sentissem à vontade para participar da pesquisa. Durante esse primeiro contato foi possível que tivéssemos conversas prévias, entendendo melhor o universo deles como, por exemplo, por quais motivos eles interromperam os estudos e suas motivações para retornarem à escola. Contudo, ao compararmos o perfil atual dos alunos da EJA com a proposta inicial dessa modalidade de ensino é notável uma mudança na faixa etária. A EJA deveria ofertar o ensino básico para aqueles que não tiveram oportunidade na idade própria, porém notasse um aumento dos alunos que têm ingressado com a idade mínima: para se matricular na EJA (Ensino Fundamental) que é de apenas quinze anos e

⁶ Os dados desta pesquisa foram coletados no segundo semestre de 2017 por causa das greves que ocorreram durante o início do ano letivo.

na EJA (Ensino Médio) que são dezoito anos. Ou seja, isso associado com a evasão escolar, programas de aceleração de ensino e outros fatores, causou uma mudança significativa no perfil dos alunos que compõem as salas de aula da educação de jovens e adultos.

A EJA tem um perfil próprio dentro da tipologia das modalidades de ensino, mas não deve ser engessada em todas as suas possibilidades de ser pensada e realizada enquanto um processo educador voltado para jovens e adultos (PAIVA, 2009: 198). Essa modalidade é dividida em períodos, sendo que cada um deles corresponde a um determinado ciclo do ensino regular como, por exemplo, um período que corresponde a um ano letivo do ensino regular. Possui todas as disciplinas do ensino básico, incluindo língua estrangeira e educação artística, exceto Educação Física. Além destas, há também um tempo dedicado à cidadania, que no caso da escola “Estadual” é feito através do DIM (Diversidade, Inclusão e Mundo do Trabalho), ministrado por professores das áreas de Português, Matemática e Biologia⁷. Cada disciplina tem uma carga horária específica, não sendo idêntica ao ensino regular. O conteúdo de História é ministrado em apenas duas aulas semanais com duração de 45 minutos cada, totalizando 1h30min semanais. Em um mês de aulas, com dias letivos ininterruptos, são 6 horas de aula em sala. Comparando essa carga horária com o ensino regular, em que são duas aulas semanais com duração de 50min, em um mês serão 6h40min de horas/aula em sala, isto é, os educandos da EJA têm 40min hora/aula a menos.

Fizemos um caderno de campo, no qual anotamos todas as observações que achamos relevantes para definirmos quais seriam os próximos passos metodológicos. Nesse caderno há comentários de alunos, professores, funcionários da escola, todos envolvidos com o universo escolar. Anotamos a organização da escola, a divisão do espaço escolar, como ocorria a entrada e saída de alunos, conversas prévias com os estudantes e seus respectivos professores de História. Através de tais observações notamos algumas diferenças entre as escolas e o usamos de apoio para desenvolver as perguntas do questionário.

É importante frisarmos que ambas as escolas nos receberam de portas abertas. O professor de História da escola Polivalente foi o meu professor orientador durante o período de estágio, além de ter cedido espaço para a realização da minha pesquisa de

⁷ Isso ocorria, especificamente, na Escola Cônego Osvaldo Lustosa no ano de 2017.

iniciação científica, como já foi citado na introdução. Desta forma, devido a esses contatos anteriores, ele ofereceu suas aulas para o desenvolvimento de nosso estudo, além do suporte necessário para as observações do campo de trabalho, a aplicação dos questionários e realização das entrevistas individuais. A escola Estadual era um lugar novo e desconhecido, sem nenhum contato anterior, porém a supervisora designada e a bibliotecária se empenharam em oferecer todo o apoio necessário para a pesquisa. Neste caso, havia dois professores responsáveis pelas turmas de EJA, os quais foram acolhedores e aceitaram que as etapas da pesquisa ocorrem durante suas aulas. Nesta época eram dois professores efetivos que lecionavam na EJA.

A escola Estadual inicia as aulas às 19h, mas permite que os alunos cheguem e entrem na sala de aula até às 19h45min, quando começa o segundo horário. A direção justificou que alguns estudantes trabalham até às 18h e residem longe da escola e por isso necessitam de maior tempo para se deslocarem, ou seja, para a direção essa flexibilidade é uma das formas de evitar a evasão escolar. Contudo, o educando só pode se ausentar ou ir embora com a autorização de um membro da direção. O portão fica trancado e o porteiro faz o controle de quem entra e sai durante todo o horário das aulas. Esse funcionário só libera a saída mediante a apresentação de um documento padronizado da instituição em que consta a autorização para o aluno ser liberado, o qual é assinado pelo diretor ou um de seus vices. A escola oferece a merenda escolar durante um intervalo que é de apenas 15 minutos. Os professores da EJA possuem certa experiência com a modalidade de ensino, pois a escola tem grande maioria de efetivos e alguns têm preferência por essas turmas. Eles revelam que os alunos são mais maduros, não no sentido restrito à idade, mas sim de vivências, porque já trabalham, possuem responsabilidades com suas famílias e são melhores para se estabelecer um diálogo. Notamos a baixa frequência de muitos estudantes, justificada por trabalhos temporários noturnos, os chamados “bicos” ou “freelancer”; ou por motivos familiares de saúde (muitas vezes são responsáveis por algum membro da família que necessita de cuidados especiais); ou ainda o caso de muitas mães que não conseguem apoio dos familiares para estudar e precisam se ausentar para cuidar das crianças, porque outra pessoa não pode fazer isso por elas. Ou seja, essa escola tenta entender todas essas diferentes situações para evitar a evasão escolar, dando o apoio necessário, dentro do permitido pelo regulamento, para que os educandos prossigam com seus estudos.

Na escola Polivalente o horário inicial das aulas também é às 19h, porém a tolerância para assistir a primeira aula é até às 19h10min; aqueles que chegam mais atrasados esperam o sinal para assistirem à próxima aula, que começa 19h45min. A direção da escola justifica que apesar de entender o fato de alguns alunos trabalharem e morarem longe tentam preservar uma melhor organização na rotina escolar. Desta forma, avaliam que é melhor que os estudantes não interrompam os professores a todo momento, pois acreditam que alguns deles se atrasam sem nenhuma justificativa. O educando deve ficar na escola até o intervalo, não podendo se ausentar antes disso e só é liberado com autorização de um membro da diretoria. Há um funcionário na escola, muito antigo, que exerce as funções de porteiro, sendo a pessoa que organiza essa entrada e saída. A escola também oferece a merenda escolar e o intervalo de 15 minutos. Durante o período da pesquisa a maioria dos professores que lecionavam na EJA não eram efetivos, mas contratados temporariamente. O professor de História afirmou que seu cargo era específico para ministrar aulas em turmas da Educação de Jovens e Adultos, completando sua carga horária com aulas no ensino regular (no período da manhã, em turmas do Ensino Médio). Alguns professores afirmaram gostar de lecionar em turmas da EJA, por motivos semelhantes aos professores do Estadual: maturidade dos alunos, melhor relação com eles, possibilidade de diálogo. Citaram também o grande esforço de alguns estudantes que tem o objetivo de fazerem um curso superior e enxergam a escola como um meio para alcançar esse objetivo. A direção do Polivalente também busca evitar a evasão escolar através de incentivos, conversas com a pedagoga e projetos voltados para esse público.

A discrepância entre as bibliotecas das duas escolas chama a atenção. A biblioteca da escola Estadual é muito pequena, porque seu espaço teve de ser dividido para que fosse possível a instalação de uma sala multimídia. Apesar de pequena, sua bibliotecária noturna é uma funcionária efetiva, trabalha muitos anos na escola. Ela é dedicada em suas funções e tenta atrair os alunos para a leitura incentivando-os a conhecerem os livros que estão disponíveis para empréstimo. É também incentivadora de pesquisas como essa, por entender que tais estudos possibilitam discussões sobre o ensino no Brasil. Por outro lado, a biblioteca da escola Polivalente é mais ampla, com maior número de livros disponíveis e oferecendo maior acesso a literatura, porém não há uma funcionária efetiva que consiga desenvolver um trabalho contínuo com os estudantes para despertar seu interesse pela leitura.

O governo disponibiliza livros didáticos específicos para a Educação de Jovens e Adultos. A bibliotecária da escola Estadual nos deixou ter acesso ao material do PNLD⁸ EJA 2014/2015/2016. Os livros analisados são divididos em grandes áreas – semelhante ao processo de avaliação do Enem – e foram publicados pela editora Global numa coleção intitulada *Viver, Aprender* e possuem a seguinte divisão: *Ciências Humanas: tempo, espaço e cultura*, com os conteúdos de História, Geografia, Sociologia e Filosofia; *Linguagem e Códigos: linguagens e culturas*, referente a matérias de Português, Arte, Inglês e Espanhol; *Ciências da Natureza e Matemática: ciência, transformação e cotidiano*, com teores de Química, Física, Biologia e Matemática. Os livros contêm três etapas, sendo que cada etapa se refere ao conteúdo de cada período escolar da EJA semelhante ao ensino regular, ou seja, a primeira etapa é sobre os temas que são estudados no primeiro ano do Ensino Médio (regular), a segunda sobre o segundo ano e a terceira sobre o terceiro ano. Outro detalhe interessante é a divisão dos conteúdos nesses livros didáticos. Para evitar possíveis confusões cada disciplina possui uma cor de identificação em seus capítulos. Por exemplo, no livro sobre as Ciências Humanas, História tem a cor rosa, Geografia é laranja, Sociologia é vermelha e Filosofia é roxa. Ao procurarmos um capítulo aleatoriamente no sumário ele terá uma cor específica, indicando a qual disciplina ele pertence. No sumário todos os capítulos sobre História estão na cor rosa. É função dos professores se organizarem através desse material para dividi-lo nos três períodos que os alunos irão cursar na EJA.

A maior crítica que os professores fizeram a esses livros são os conteúdos. Afirmaram que os livros são muito resumidos, apresentando poucas informações e restringindo os assuntos a serem discutidos em sala de aula. Para os educadores, os livros limitam os estudantes que tem o objetivo de fazerem provas avaliativas, como Enem e concursos. Por isso, nem todos os professores adotam esse material produzido especificamente para a EJA. Muitos preferem que as bibliotecárias consigam livros de PNLD antigos, do ensino regular, com um número suficiente para os alunos de suas turmas, porque neles os temas não são tão resumidos e permitem o aprimoramento dos estudantes através do autodidatismo.

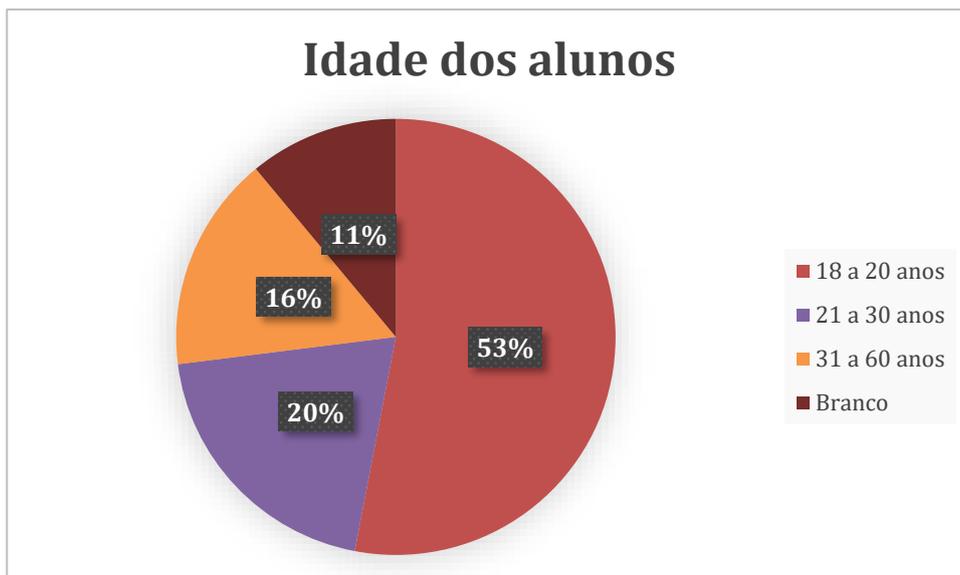
⁸ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso 20/11/2017.

O professor da escola Polivalente afirmou que o perfil dos alunos da EJA mudou muito ao longo dos anos: anteriormente era composta por estudantes mais velhos que não tiveram a oportunidade de acesso à escola na idade própria, mas atualmente a maioria eram alunos de programas de aceleração, ou que desistiram do ensino regular quando alcançaram a idade mínima para se inscreverem na EJA. Outros professores comentaram que a maioria dos educandos morava em bairros considerados de periferia, mesmo sendo localizados próximo ao centro da cidade, além de terem que trabalhar devido suas responsabilidades em suas casas. Tais comentários indicaram uma abordagem que era necessária no questionário: fazer um perfil dos alunos que seriam voluntários na pesquisa. Desta forma, criamos um questionário com perguntas que pudessem nos oferecer os seguintes dados: um perfil socioeconômico dos estudantes, através de questões de cunho pessoal e profissional; seu consumo midiático e cultural, refletindo sua cultura histórica; e suas memórias sobre Tancredo Neves e o processo de redemocratização através de suas narrativas diretas – pessoas que viveram esse período histórico – ou de narrativas indiretas – construídas através de comentários e lembranças de alguma pessoa *próxima*⁹. Esse questionário foi respondido por um total de 123 voluntários, tendo sido 70 alunos da escola Estadual e 53 estudantes da escola Polivalente.

1.3 PERFIL DOS ALUNOS

Durante as observações prévias foi possível constatar a mudança no perfil dos alunos da EJA. O professor de História do Polivalente relatou que inicialmente a EJA atendia um público mais velho com uma média de idade entre os 30 e 50 anos. A média de idade entre nossos voluntários endossa suas afirmações pois aponta uma mudança considerável no perfil desse público, visto que a maioria dos estudantes tem idade inferior aos 30 anos:

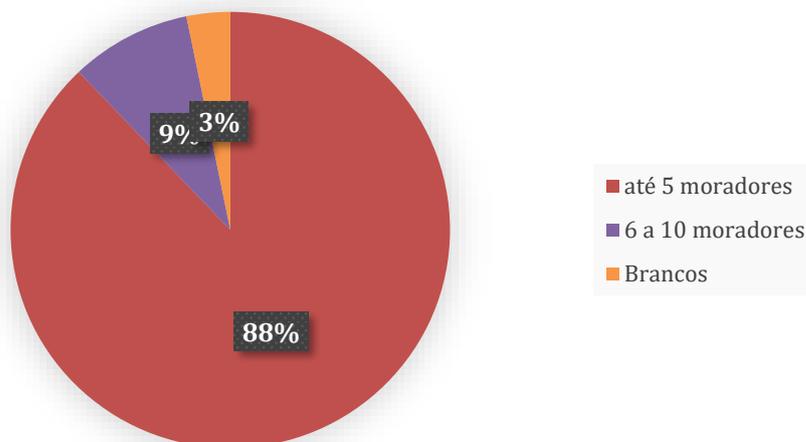
⁹ Todo membro de uma sociedade interage com outros membros transmitindo conhecimento e experiências, as quais podem modelar sua concepção sobre determinados assuntos, interferindo em sua opinião e contribuindo em suas narrativas. Paul Ricoeur denomina tais instâncias de mediação como “os próximos”, as quais determinam ou não a identificação de um sujeito em relação ao seu grupo.



Nesse grupo de voluntários a maioria são mulheres, 53,6% do número total, enquanto os homens representam 46,3%. Em seus relatos elas afirmaram que eram responsáveis por suas famílias e trabalhavam, esclarecendo que o estudo é a forma que encontraram para se inserir melhor no mercado de trabalho ou conseguirem voltar para ele. Descreveram também a necessidade de serem mais independentes financeiramente em relação aos companheiros por considerarem isso uma conquista importante. Os homens, em geral, são os provedores principais de suas famílias e tem a intenção de melhorar suas oportunidades profissionais para proporcionar uma educação de qualidade aos filhos. Ou seja, homens e mulheres buscam objetivos semelhantes ao retornarem para a escola. Essa assertiva é apoiada pelas entrevistas, pois ao questionarmos suas intenções futuras todos pretendiam concluir a EJA e buscar outras qualificações, seja em cursos técnicos, profissionalizantes ou de nível superior.

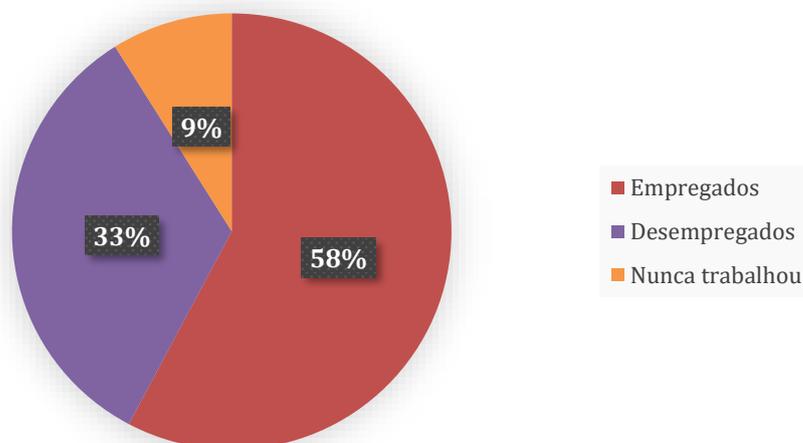
O fato de esses alunos serem importantes para a renda de suas famílias aponta outro dado interessante: sua formação família.

Constituição familiar



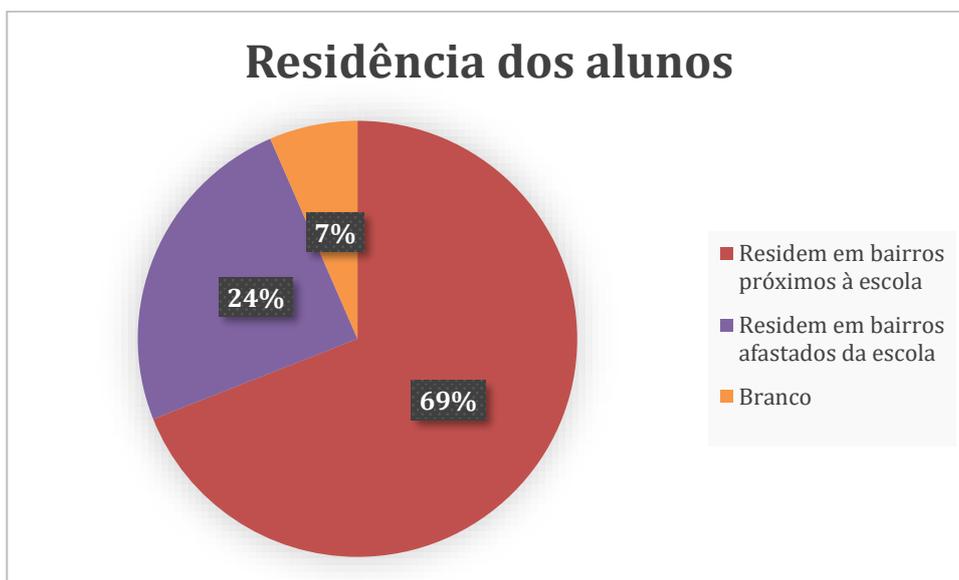
A maioria deles mora com até cinco pessoas. De modo geral, isso demonstra a necessidade que muitos estudantes tiveram de abandonar a escola para poderem ajudar nas despesas de suas casas e o porquê de desejarem um emprego melhor. Ou seja, a maioria já havia se inserido de alguma forma no mercado de trabalho.

Situação profissional



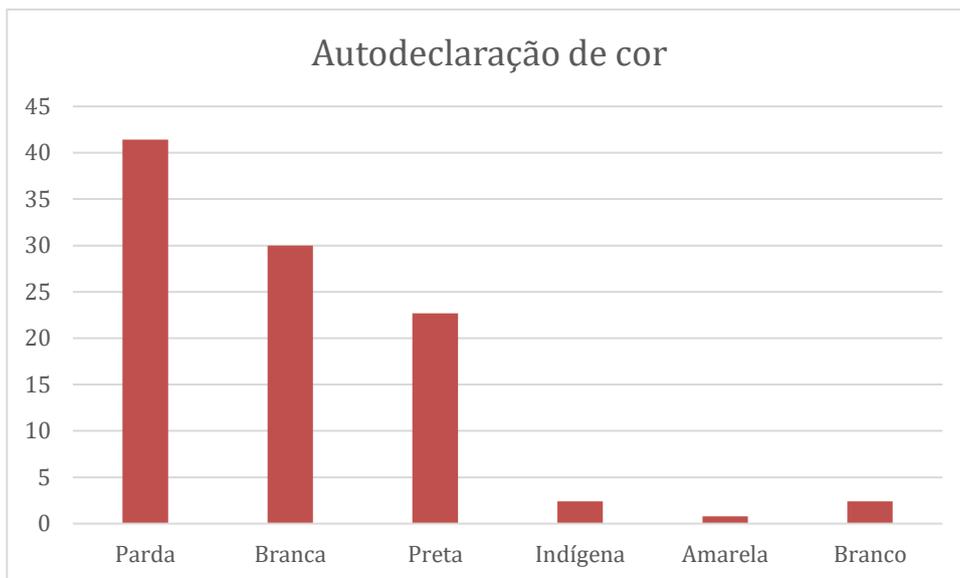
Cerca de 90% dos educandos são trabalhadores ativos. Segundo os entrevistados, muitas vezes parte de seus salários é para a contribuição das contas da casa e outra parte para alguns gastos pessoais. Por isso, aqueles que estão mais comprometidos com as obrigações de sua casa sentem que o diploma da EJA poderá ajudar a conseguir uma melhora profissional.

A distância entre sua casa e a escola se apresenta como um fator de motivação para retornarem à sala de aula e, ao mesmo tempo, pode ser um elemento que impeça o retorno de outras pessoas que desejam concluir o ensino básico. Tal afirmação pode ser observada nos dados informados pelos estudantes, nos quais eles comparam a facilidade de ir para escola caminhando ou quando precisam de transporte para se locomover:

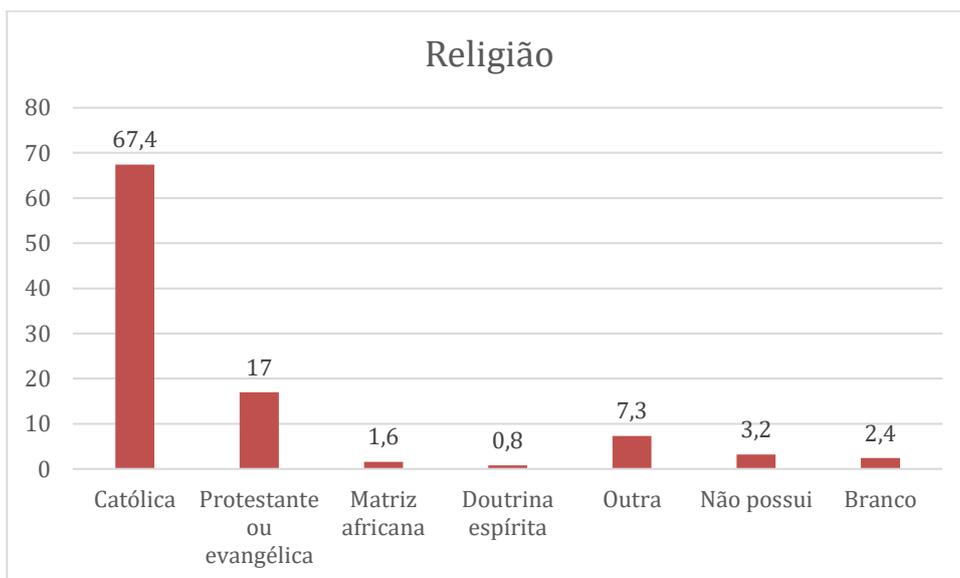


Deste modo, a função *qualificadora* descrita no Parecer CNE 11/2000 sobre “desenvolver acesso à escola para aqueles que não o tiveram na idade própria” se mostra falha, porque a locomoção muitas vezes é um empecilho para as pessoas consigam concluir seus estudos. Uma das entrevistadas, Isabel, descreveu esse cenário: já havia tentando estudar anteriormente, mas a distância entre sua casa, o trabalho e a escola Polivalente a impediu de continuar, pois sua jornada semanal se tornou cansativa e sua produção escolar e profissional caiu drasticamente. Isabel está conseguindo concluir a EJA porque se mudou para um bairro próximo a escola Estadual, o que facilitou sua jornada semanal e possibilitou o retorno aos estudos.

Outro dado sobre o perfil dos alunos é sua declaração étnico-racial nos questionários. Ao somarmos pardos e pretos obtemos uma maioria entre os estudantes e nos deparamos com uma realidade do nosso país, pois eles alegam sua inserção prematura no mercado de trabalho como justificativa para terem interrompido seus estudos.



Por fim, a religião dos estudantes é compatível com os dados informados pelo IBGE de que a maioria da população são-joanense pertence à religião católica:



Assim, os dados confirmam o pressuposto de que essa religião ainda é predominante na cidade, mantendo cultos e manifestações que são consideradas seculares, além de serem praticadas por uma parcela significativa da população.

1.4 OS EDUCANDOS E SUA CULTURA HISTÓRICA

A cultura histórica se insere na vida prática do indivíduo e na forma como ele enxerga a si e o mundo em que vive. Além disso, envolve as formas que os grupos e a

sociedade se relacionam com o tempo, fazendo leituras e produzindo “usos do passado” que lhes são relevantes. Deste modo, se torna um dos mecanismos a serem avaliados quando se trata de pesquisas que lidam diretamente com pessoas. Segundo Rüsen:

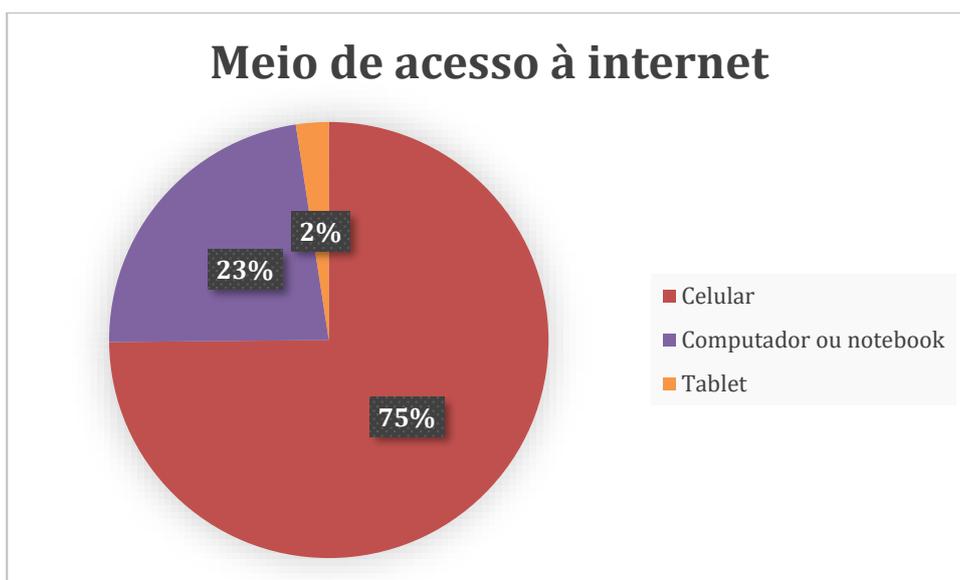
Cultura histórica, como fonte original e campo de atuação do pensamento histórico, está determinada por fatores diversos e múltiplos, como qualquer cultura. Pensar, saber, conhecer, valorizar, sentir, esperar, atemorizar-se e crer são esses fatores. (RÜSEN, 2015, p. 229)

A cultura histórica, na tipologia de Rüsen (2015), envolve cinco dimensões: a *cognitiva*, baseada no sentido de verdade, em que o indivíduo desenvolve a capacidade de ter conhecimento sobre o passado humano através de observações e embasamento teórico e empírico; a *estética*, que se relaciona com o sentido de “beleza”, diz respeito às interpretações do passado a partir de suas formas de apresentação e como isso afeta os sentidos das pessoas; a *política*, que está ligada ao sentido de legitimidade que existe nas lutas de poder entre os diferentes tipos de relações, enfocando o papel do pensamento histórico nesse processo; a *moral*, que indaga sobre o sentido da distinção entre o bem e mal, aferindo sobre o passado através de valores morais da atual cultura; e, por fim, a *religiosa*, que está atrelada ao sentido da vida, da salvação, em que a avaliação do sentido histórico acaba ganhando uma qualidade espiritual (RUSEN, 2015: 229-235). Todas as dimensões estão intimamente ligadas por uma complexa rede de relações e, em menor ou maior grau, são formas de identificar e analisar a cultura histórica de sujeitos e seus grupos, sendo cabíveis de análise em pesquisas qualitativas. Deste modo, compreender a cultura histórica dos alunos é compreender também sua relação com o mundo através da análise de seu consumo midiático, cultural e político. Essas dimensões não se excluem, muito pelo contrário, se complementam e auxiliam na compreensão da cultura histórica de sujeitos, grupos e sociedades.

Por incorporar a memória em seus estudos a cultura histórica ganhou um novo perfil, passando “a ser vista e qualificada como efeito do passado atualizado nas orientações culturais prática, eficazes no presente” (RUSEN, 2015: 221). Para compreendermos a cultura histórica de um determinado grupo é necessário que seja

averiguado o seu consumo cultural, midiático, compreender suas relações com a sociedade e as memórias construídas ao longo do tempo e perpetuadas pelo grupo.

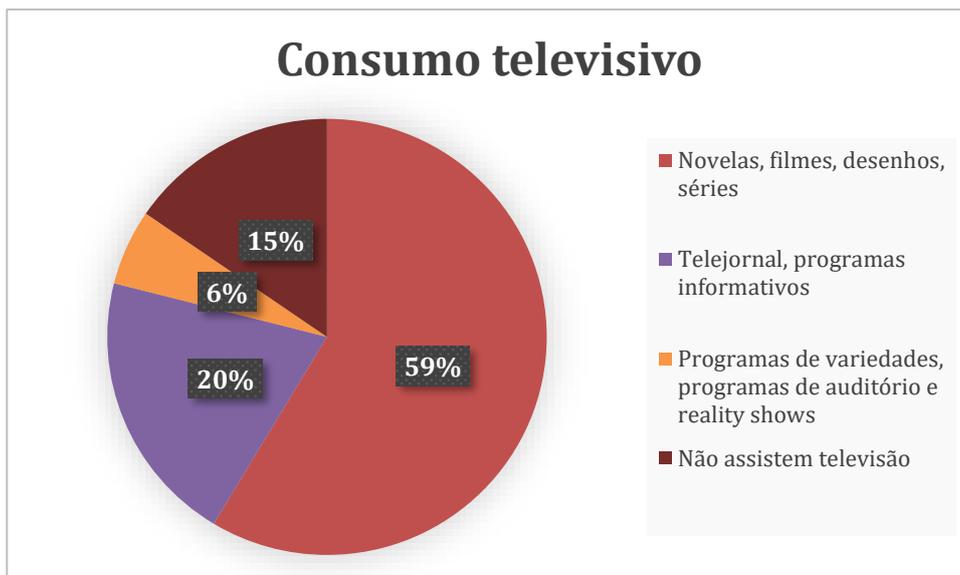
Atualmente a internet se tornou o meio mais rápido pelo qual as pessoas buscam novas relações, notícias sobre o mundo, redes sociais, dentre outros. Contudo, é evidente que apesar de estar se tornando uma preferência, a internet ainda não é uma unanimidade e muitas pessoas utilizam outros mecanismos para ter acesso a notícias como, por exemplo, televisão e rádio. É inegável que existe um destaque para a internet, devido ao impacto que ela tem causado nas relações pessoais e coletivas, mas ela não atinge todas as classes e indivíduos e é importante saber seu papel dentro do grupo de voluntários. Assim, o primeiro dado sobre o consumo midiático é que todos os alunos afirmaram ter acesso a internet, inclusive os mais velhos. Perguntamos por meio de qual aparelho eles mais acessam a internet, qual o local de acesso e quais sites mais visitam na rede. Obtivemos os seguintes resultados:



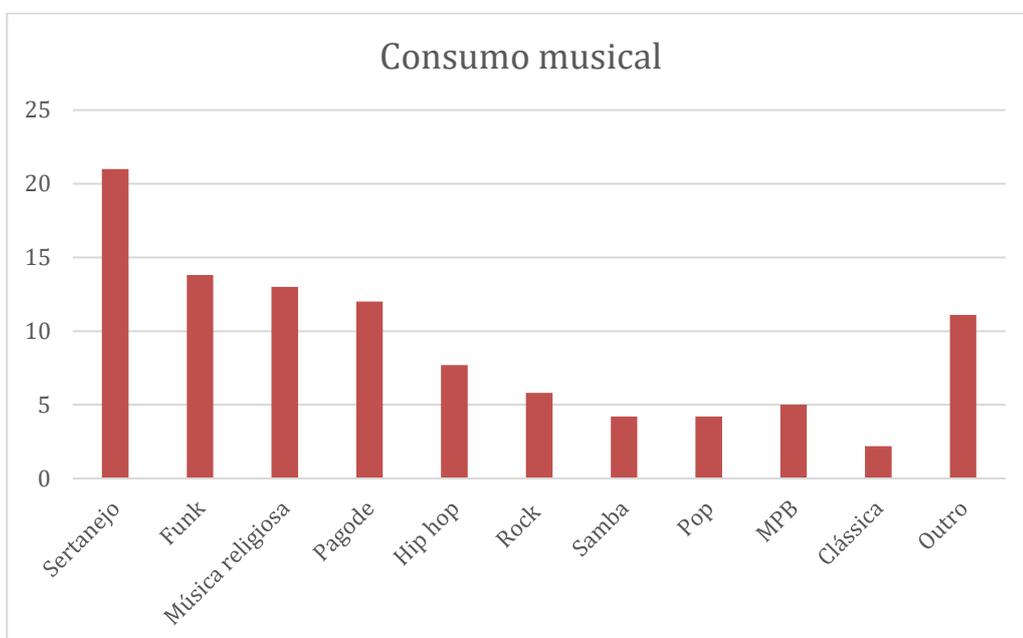


Desta forma, podemos afirmar que a maioria dos alunos acessa a internet pelo celular, em casa e na maioria das vezes apenas para checarem suas redes sociais.

Os alunos também foram questionados se assistiam televisão e quais os programas eram mais atrativos para eles. A intenção era conhecer qual o tipo de programação eles consumiam em suas horas de lazer ou descanso. Esse dado se contrapõe ao acesso à internet por conter um número expressivo de estudantes que afirmaram que não assistem televisão.



O fato de assistirem televisão e qual a programação eles preferiam estava relacionado de algum modo com suas músicas preferidas, pois muitos alunos se recordaram de programas infantis ou de entretenimento que tinham um foco em músicas variadas: eram vitrines para novos cantores; tinham quadros específicos para apresentações musicais; ou shows com artistas específicos. Deste modo, o gosto musical dos alunos se mostrou bem diversificado, pois das dez alternativas disponíveis todas foram marcadas por, pelo menos, três alunos.



Outra pergunta que nos pareceu pertinente e necessária é saber se eles já tinham participado de algum tipo de manifestação cultural e/ou se ainda participavam. Essa

questão não obteve muitas respostas positivas, pois somente 4,8% dos alunos afirmaram já ter participado; 73,9% escreveram que nunca participaram; e 21,1% dos estudantes deixaram a questão em branco. Dentre as manifestações citadas se destacaram grupos relacionados com música e dança, festas religiosas da cidade, feiras e festas culturais como, por exemplo, o congado. Apenas uma aluna citou um movimento de luta de classes, que é o grupo Dandara, o qual se descreve como um “Grupo feminista negro que discute e luta por questões que nem sempre são abraçadas”¹⁰. A aluna em questão se declarou preta, afirmou ser praticante do candomblé e que admira também o congado e a capoeira, por reunirem elementos da cultura negra presentes no país.

Buscando compreender melhor o consumo cultural dos alunos, elaboramos duas perguntas nas quais eles poderiam assinalar mais de uma alternativa. Por isso, não apresentaremos os dados em porcentagem, visto que o número de respostas não se enquadra nessa configuração estatística. A primeira pergunta se referia aos locais culturais que são institucionalizados, que eles já tinham visitado ou frequentado, pensando na logística de São João del-Rei e o que a cidade poderia lhes oferecer: a cidade possui um Teatro Municipal com apresentações gratuitas e pagas; duas salas de cinema da mesma empresa, que exibem filmes por meio de ingresso e filmes gratuitos para crianças de escolas públicas; além de vários museus que contam a história local, muitas vezes relacionando seu tema com a história nacional e mundial. Esses espaços institucionalizados são espaços físicos que socialmente são vistos como meios que possibilitam o acesso a algum tipo de apresentação cultural, exposições, produção artística, dentre outras, podendo ser de acesso gratuito ou não. Eram apenas quatro alternativas e obtivemos os seguintes dados: “cinema” foi marcado 89 vezes; “museu” foi indicado 72 vezes; “teatro” foi assinalado 56 vezes; e, por fim, 15 alunos indicaram “nenhuma das anteriores”.

A pergunta seguinte pedia aos alunos que marcaram as alternativas “museu”, “cinema” e “teatro” para citar os museus que já visitaram; o referido cinema em que já assistiu algum filme; e qual teatro já tinham estado mencionando os espetáculos que tiveram a oportunidade de prestigiar. A seguir apresentamos as respostas dos alunos:

¹⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/dandarasjdr/about/?ref=page_internal.

Quadro I: Os principais cinemas, teatros e museus citados pelos alunos.

Lugares citados pelos alunos nos questionários	Número de alunos que citou essa alternativa*
Cine Glória	30
Museu Regional	20
Teatro Municipal	13
Museu (sem especificação)	9
Teatro (sem especificação)	8
Museu do Exército/FEB	6
Museu Tancredo Neves	5
Museu Arte Sacra	4
Museu Ferroviário	3
Solar da Baronesa (exposições)	3
Museu Municipal (sem especificação)	2
Teatro Manicômicos	1
Museu Bárbara Heliodora	1
Não visitou nenhum dos lugares	3
Branco	54

* 123 alunos participaram da fase inicial da pesquisa, mas apenas 66 responderam essa questão.

As informações apontam que 57 alunos (46,3%) não citaram nenhum lugar ao qual visitaram, contrariando o dado da resposta anterior em que apenas 15 alunos tinham marcado a opção “nenhuma das anteriores”, representando apenas 12% dos estudantes. Isso não impediu uma variedade considerável de respostas. Os alunos que citaram o Museu Regional fazem parte da escola Polivalente, que criou uma parceria

com esse museu para que os alunos da EJA pudessem fazer visitas durante seu horário de aula, isto é, o museu abriu exceção para visitas noturnas conseguindo promover a visita dos estudantes em suas exposições. Durante os depoimentos, alguns entrevistados demonstraram o interesse em conhecer o Memorial Tancredo Neves, porém sentem que são excluídos dessa oportunidade porque são obrigados a pagar uma taxa de entrada, mesmo sendo conterrâneos do político. Dentre os lugares que os alunos indicaram já terem visitado podemos observar que todos são na cidade de São João del-Rei, ou seja, de maneira geral esses estudantes não possuem poder aquisitivo para fazerem viagens constantes, de férias ou passeios, e quando conseguem fazer essas viagens, seja com amigos e/ou famílias, não escolhem destinos por estarem inseridos no cenário cultural do país. O destino não envolve a busca por outros lugares que possam oferecer alguma experiência que envolva a cultura brasileira ou sua história, demonstrando que não possuem esse tipo de interesse fora do ambiente escolar.

Um dado importante sobre a cultura histórica dos alunos diz respeito à sua religião. Essa questão é justificada pelo fato de São João del-Rei ser conhecida como a “cidade onde os sinos falam”, ter uma tradição católica muito forte devido a certos ritos e festas que os fiéis tentam manter nos moldes tradicionais como, por exemplo, a Semana Santa, procissões e o Ofício de Trevas que é uma prática secular. A maioria dos educandos é católica, possui uma vivência com as igrejas antigas da cidade, seus cemitérios, ritos e figuras importantes. Esse dado está relacionado com a vida de Tancredo Neves, pois o político era católico e participava das festividades religiosas da cidade, principalmente da Semana Santa, o que poderia ser mais um motivo que incentivaria os estudantes a conhecerem o político mineiro. Tancredo fazia parte da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e por isso foi enterrado no cemitério dessa igreja, que fica localizada no centro histórico da cidade, num lugar de destaque que os turistas sempre visitam e que, por esse motivo, é muitas vezes confundida como sendo a matriz da cidade¹¹. Isso poderia remeter a lembranças dos alunos sobre o período e a história do político. A forma como sua imagem foi veiculada pela mídia televisiva após sua morte é importante por ter sido uma ocasião em que o político foi apresentado como um “santo” capaz de realizar milagres, tornando-se uma espécie de “mediador de sua própria crença religiosa”. Isso porque algum tempo após o seu sepultamentoromeiros

¹¹ A Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, também conhecida como Matriz de Nossa Senhora do Pilar, é a sede da Diocese de São João del-Rei e igreja matriz da cidade.

retornaram à cidade com pedidos, depositando cartas e mensagens no túmulo de Tancredo (PALHA, 2011: 98). Entendemos que situações como esta – intimamente relacionada ao campo religioso – e também aspectos de ordem moral podem ter influenciado as memórias dos estudantes, como, por exemplo, ele ser considerado pelas pessoas como um bom homem, ou por ser visto como um defensor da família e de preceitos católicos.

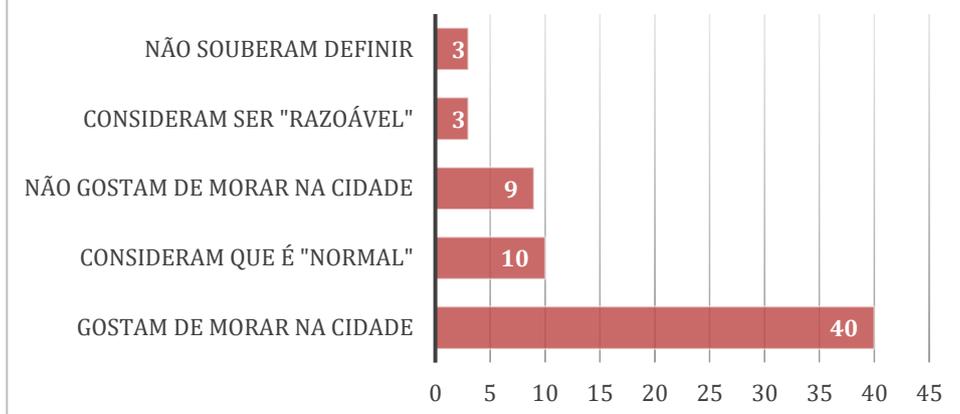
1.5 NARRATIVAS DOS ALUNOS SOBRE A HISTÓRIA DE SÃO JOÃO DEL-REI

As três primeiras perguntas do questionário foram direcionadas para a cidade e as histórias que os alunos poderiam ter sobre o lugar em que nasceram e cresceram. Memórias de sua infância que estejam relacionadas com fatos que marcaram a sociedade são-joanense, ou que, de alguma forma, tenham sido importantes para esse aluno e o meio em que ele estava inserido (família, amigos, trabalho).

Na primeira questão os educandos tiveram que responder se nasceram em São João del-Rei, além de comentar um pouco sobre a história local e como é morar em um lugar alcunhado como histórico. A maioria dos alunos (72,3%) são naturais de São João del-Rei; 10,5% não quiseram responder; e os outros 17% vieram de outra cidade e indicaram o local de seu nascimento. A maioria deles nasceu em cidades próximas a São João del-Rei, tendo algumas poucas exceções como, por exemplo, uma aluna de Volta Redonda (Rio de Janeiro), outra de Ariquemes (Rondônia) e um aluno natural do Maranhão.

Uma parte muito significativa dos estudantes comentaram sobre a cidade histórica, fatos de sua infância e como é viver em São João del-Rei, representando um total de 82,2% dos educandos, enquanto 5,6% disseram que não iriam comentar e 12,2% deixaram a questão em branco. O primeiro dado que analisamos é se os estudantes acham positivo ou negativo morar na cidade. Durante o desenvolvimento de suas respostas muitos estudantes evidenciaram sua opinião sobre gostarem ou não de morar em São João del-Rei, utilizando palavras como “normal”, “bom” ou “razoável” na definição de como é morar numa cidade histórica.

Opinião dos alunos sobre morar em São João del-Rei



Esse dado foi considerado a partir de respostas claras e objetivas sobre considerarem positivo ou negativo viverem na cidade, isto é, ocorreram casos em que o aluno explanou algo sobre a cidade sem indicar claramente se gostava ou não do lugar em que vive. Apesar de termos pedido diretamente que fossem redigidos comentários sobre São João del-Rei as respostas caminharam para esse lado de avaliação do local. De maneira geral, os alunos optaram por escrever poucas coisas relacionadas com a cidade em si e buscaram uma definição de “bom” ou “ruim” que não foi mencionada na pergunta. No quadro abaixo elencamos os acontecimentos ou elementos que os alunos apresentaram como justificativas em suas avaliações positivas ou negativas da cidade:

Quadro II: Os principais elementos de São João del-Rei citados pelos alunos

Subitens referentes aos comentários sobre São João del-Rei	Número de alunos que usaram esses termos ao longo de suas respostas*
Tancredo Neves	3
Histórias, lendas, tradições, costumes e cultura	16
Fatos relacionados às igrejas da cidade	14
Definição de hospitaleira, aconchegante, acolhedora e tranquila	12
Turismo	10
Histórias relacionadas com o período do ouro e dos escravos	7
Violência e desemprego	5
Museus	4
Cidade “não evoluiu”	4
Universidade Federal de São João del-Rei	3
Brincadeiras	2
Cidade com alto custo para se viver	2
Memórias da infância com avós e pais	1

* 123 alunos participaram da fase inicial da pesquisa, mas apenas 101 alunos responderam esta pergunta.

O dado mais importante, neste item, são os alunos que relacionaram Tancredo Neves com a história de São João del-Rei, além de considerarem que por ele ter sido um político muito importante acabou sobressaltando a cidade dentro da história nacional. Alguns estudantes que afirmaram que a cidade “não evoluiu” usaram como justificativa

a obrigatoriedade de conservar o patrimônio material e não deixar “o novo” chegar, ou seja, eles não demonstram ter nenhum sentimento de pertencimento com a parte histórica e não mencionam algo sobre a história local e/ou sua ligação com a história nacional. Isolamos os alunos que usaram a palavra “museu” dos subitens de cultura e turismo, porque estes alunos afirmaram que os museus são uma fonte de riqueza e conhecimento da cidade, citando o Museu Regional e o Museu da Ferrovia como alguns exemplos. Os dois alunos que indicaram o alto custo de vida neste município explicaram que não conseguem usufruir de tudo o que ele proporciona e que o seu espaço cultural e turístico na verdade é ocupado basicamente por estudantes e turistas, que costumam ter melhores condições financeiras. A Universidade Federal de São João del-Rei e o Centro Universitário Presidente Tancredo Neves foram citados como um atrativo para a cidade, por causa de seus cursos de graduação e pós-graduação, além de oportunidades de emprego e estabilidade. O subitem “Histórias, lendas, tradições, costumes e cultura” é composto por palavras que os alunos associaram em suas respostas encontrando correspondências entre elas como, por exemplo, que as lendas da cidade fazem parte da cultura local. Observamos que a maioria dos alunos que citaram a cidade como “hospitaleira, aconchegante, acolhedora e tranquila” são, em sua maioria, pessoas que são naturais de outros lugares e que por motivos de família ou trabalho decidiram se mudar. Dentre os fatos relacionados com as igrejas antigas, dois alunos citaram a famosa alcunha de “cidade onde os sinos falam”, pela qual São João del-Rei é conhecida. Dois alunos citaram brincadeiras de quando eram crianças e a cidade tinha menos casas e moradores, enquanto apenas um aluno lembrou memórias dos avós, dos pais e as histórias que ouvia quando era criança. Os estudantes que citaram o turismo enxergam que isso só é possível porque a cidade é histórica, o que também é uma forma de gerar renda para os comerciantes locais. Analisando as respostas daqueles que comentaram sobre o período de escravidão e da extração de ouro identificamos que, para eles, essas são as partes mais importantes da história de São João del-Rei, considerando esse período histórico o mais interessante de ser estudado. Uma possibilidade para que eles vejam dessa forma é a distância que existe entre o presente e o momento em que ocorreram esses processos históricos, relacionando que “histórico” esteja atrelado com “passado” e “antigo”. Durante as entrevistas ficou ainda mais evidente essa ideia de que “histórico” são apenas espaços físicos construídos no passado e que perduraram ao longo do tempo, principalmente quando os alunos citaram exemplos de outras cidades, indicando de maneira quase unânime que elas também são

históricas (Paraty, Ouro Preto, Mariana...), além de considerarem que a única parte realmente histórica de São João del-Rei está localizada no centro, que fisicamente é mais antigo. Além disso, os entrevistados também demonstraram uma preferência pelo estudo de períodos mais antigos da história.

Na segunda questão pedimos aos alunos que comentassem episódios que aconteceram na cidade durante a sua infância, algo que tenha marcado sua memória e afetado de alguma maneira os moradores. Dentre todas as perguntas esta foi a menos respondida: apenas 31 deles mencionaram algum acontecimento; 49 disseram não ter ocorrido nenhum fato importante; e 43 deixaram a questão em branco. Dentre os seis educandos que citaram uma memória relacionada a Tancredo Neves como algo importante de sua infância, quatro foram entrevistados e descreveram os eventos que ocorreram na cidade em abril de 1985, além da reação que as pessoas tiveram a eles. A seguir listamos todos os fatos mencionados pelos alunos em suas respostas:

Quadro III: Fatos que aconteceram na infância dos voluntários

Fatos que aconteceram na sua infância em São João del-Rei	Número de alunos que citaram os respectivos fatos
Eleição de Tancredo Neves	3
Morte de Tancredo Neves	3
Fatos relacionados com a Igreja Católica	5
Brincadeiras e festas infantis	4
Casos de violência	4
Maria Fumaça no trajeto até Tiradentes	2
Enchentes	2
Apresentações artísticas	2
Incêndio em uma casa do centro histórico	2
Acontecimentos familiares	2
Queda das palmeiras imperiais	1
Eleição da cidade como capital brasileira da cultura	1

* 123 alunos participaram da fase inicial da pesquisa, porém apenas 31 deles citaram algum fato.

Tancredo Neves é citado em seis respostas, nas quais claramente os alunos descreveram como esses episódios que envolveram o político acabaram impactando São João del-Rei. Os estudantes contam sobre uma tristeza na cidade causada pela sucessão de acontecimentos de 1985, desde sua eleição até sua morte. Em suas narrativas eles expõem a comoção dos moradores e de seus familiares diante da tragédia que se abatia sob o povo brasileiro, demonstrando como isso marcou suas memórias.

A terceira pergunta está relacionada com o consumo midiático dos estudantes em sua infância, porém buscando algo que esteja marcado em suas lembranças e que poderia estar relacionado com o tema da pesquisa. O resultado dessa questão foi bastante significativo: 113 alunos responderam; apenas 2 deles disseram não se lembrar de nada; e 8 optaram por não responder. Dentre os que disseram se recordar de algum evento da infância, um voluntário chamou a atenção em sua resposta: afirmou que a música *Coração de estudante*¹² o lembrava de Tancredo Neves e de seus momentos finais. Ele, e uma outra aluna, foram entrevistados e comentaram a tristeza que sentiam todas as vezes que escutavam a canção *Coração de estudante*, porque se lembravam da tristeza que os são-joanenses sentiram durante o cortejo fúnebre de Tancredo Neves. Por que eles fazem essa relação entre a música e o enterro de Tancredo? A televisão, durante os eventos que se seguiram da morte do político mineiro, através de suas reportagens, conseguiu criar símbolos que ficaram marcados nas lembranças das pessoas, os quais são associados por elas com o fato histórico. Temos, por exemplo, a canção *Coração de estudante* que foi reproduzida em notícias sobre a morte e sepultamento de Tancredo, além de uma série de programas produzidos para o Globo Repórter sobre a vida dele (PALHA, 2011: 98-99). Vianna (2011) afirma que essa canção é emblemática porque ao mesmo tempo em que se tornou um hino da comoção pela morte de Tancredo, o qual era descrito como a “esperança da redemocratização”, pode ser interpretada como a renovação dessa mesma esperança, ou seja, apesar dos acontecimentos negativos a esperança tem a capacidade de se recuperar e transformar a tristeza no coração dos brasileiros em novos sonhos (VIANNA, 2011: 177-178). Martins (2015) endossa essa afirmativa:

Muito tocada nos rádios e nas televisões durante os dias em que Tancredo Neves lutou pela vida num leito de hospital, a belíssima canção *Coração de estudante*, de Wagner Tiso e Milton Nascimento, transformou-se naturalmente no símbolo musical da agonia, morte e despedida do Presidente. Plena de esperança e confiança no futuro, apesar das dificuldades do presente, ela calou fundo num país que, embora atônito e entristecido, estava decidido a se reencontrar na democracia. (MARTINS, 2015: 397)

¹² A canção *Coração de estudante* é uma composição de Milton Nascimento e Wagner Tiso, gravada em 1983 no LP Milton Nascimento ao vivo. Foi composta para o filme *Jango*, de Silvio Tendler, tendo sido o tema central da trilha sonora a música acompanhou o ex-presidente em cenas marcantes de sua vida e carreira. MARTIN, 2015: 397.

Portanto, nessa primeira fase conseguimos detectar um perfil socioeconômico dos estudantes, sua interação com a cultura na cidade e sua própria relação com a parte histórica de São João del-Rei que é tão rica. A cidade mineira, do campo das Vertentes, apesar de não ter se transformado em um grande centro urbano guarda em suas ruas, e na memória de seus moradores, diversas relações com acontecimentos ocorridos ao longo de sua história, tanto no Brasil quanto eventos que se desenvolveram em outras partes do mundo. No período colonial, o arraial foi construído durante a busca dos portugueses por ouro na região, momento em que ocorreu a Guerra dos Emboabas, no período do ouro; o início do comércio de escravos que foram trazidos para a região no intuito de atender as demandas de produção agrícola e essa exploração do ouro; sua importância nos eventos da Inconfidência Mineira. Durante a virada do século XIX para o século XX a cidade sofreu impactos com o processo de industrialização, pois teve a implantação de fábricas têxteis, além de ter recebido imigrantes de diferentes lugares, como os que fugiam dos conflitos na Europa. Outro momento importante foi quando o governo brasileiro decidiu enviar soldados para combater a Alemanha de Hitler no final da II Guerra Mundial, afetando São João del-Rei e região: soldados veteranos foram enviados para o campo de batalha, marcando a época através das histórias dos sobreviventes e pelo choro dos ausentes que não puderam voltar. Além disso, houve também a participação do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, localizado na cidade, durante os eventos que causaram o Golpe de 1964, iniciando uma ditadura no país. Ou seja, havia muitas opções de processos históricos que poderiam ser abordados nesta pesquisa.

Contudo, consideramos que o processo de redemocratização é um dos eventos mais recordados entre os moradores de São João del-Rei, não só pela figura de Tancredo Neves, mas também pelas memórias de pessoas que viveram esse momento histórico. Como este período é recente na história nacional se torna mais possível que alguns alunos da EJA tenham recordações sobre a década de 1980 e como Tancredo se insere nesse momento da política nacional. Segundo Verena Alberti (2004) o primeiro passo na escolha dos entrevistados é priorizar “aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2004: 31-32). A mudança no perfil da EJA ampliou a participação de alunos, porque o índice de estudantes com mais de 40 anos diminuiu ao longo dos anos, fato comprovado por nossa amostragem inicial de

voluntários em que a maioria possuía, no máximo, 20 anos de idade. Para coletarmos depoimentos de pessoas que viveram esse processo histórico, ou que de alguma forma adquiriram indiretamente algum conhecimento sobre ele, se tornou essencial a seleção de um período histórico mais recente. Além disso, a transição política impactou São João del-Rei por causa da participação de Tancredo Neves.

A memória pode ser acionada por alguns meios, como imagens, canções, símbolos e referências presentes na própria cidade. Inicialmente, o objetivo era averiguar se os alunos compreendiam o processo de redemocratização, como eles se inseriam nesse momento histórico e sua interpretação dos acontecimentos. Porém, foi inevitável que Tancredo Neves ganhasse destaque durante a produção de dados, pois era o personagem mais expressivo que os estudantes conheciam do período, tendo facilidade em reconhecer episódios que estivessem ligados ao político mineiro. Por exemplo, apenas um entrevistado citou a ditadura e seus efeitos na sociedade, refletindo sobre como Tancredo Neves seria o herói da nação por ter se tornado o primeiro civil eleito para o cargo de presidente, mesmo que de maneira indireta. Enfim, as memórias desses alunos sobre o período e sobre a figura de Tancredo se tornaram o objeto central da pesquisa.

CAPÍTULO 2

“A gente nunca esqueceu. Sempre foi colocado para a gente na escola o nome todo dele. E sempre que a gente ia falar alguma coisa sobre ele, depois que a gente saiu da escola, era sempre Tancredo de Almeida Neves, porque a gente nunca esqueceu. Isso foi um marco na minha infância: ‘morre o presidente que era de São João del-Rei’. Você ia para a frente da televisão e estava vendo aquilo tudo.” (Sônia Maria da Silva Carvalho, 43 anos)

A transição política marcou o fim da ditadura militar no Brasil e um novo recomeço para a democracia. Ao trabalharmos esse período com os alunos da EJA buscamos ter acesso às memórias que tais indivíduos possuem desse período histórico e compreender como eles se relacionam com a própria história de São João del-Rei e do país. Le Goff (2003) afirma que a memória individual é seletiva, porém a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades em desenvolvimento, pois é a forma que um povo enxerga os fatos que aconteceram. Desta forma, uma memória coletiva só existe enquanto for alimentada pelos indivíduos que são membros de uma sociedade, mantendo essas memórias vivas ao ser compartilhadas de geração para geração. Neste capítulo apresentamos memórias dos alunos sobre Tancredo Neves; uma discussão bibliográfica sobre o processo histórico e o papel do político mineiro nos acontecimentos; a transição política em narrativas dos alunos; e, fechando o capítulo, o perfil dos estudantes que foram selecionados para uma entrevista individual e participaram da última etapa da pesquisa.

2.1 O USO DA MEMÓRIA: IDENTIFICANDO TANCREDO NEVES

As pesquisas em memória ganharam um impulso significativo no Brasil, recebendo uma forte influência da historiografia francesa. Por se tratar de uma nova fonte para os estudos históricos, houve a necessidade de se pensar uma metodologia que se adequasse a pesquisa. Assim, a história oral se desenvolveu em meio a discussões sobre sua abordagem como técnica, disciplina ou metodologia. A história oral adentrou tardiamente em pesquisas nacionais (majoritariamente na década de 1990) devido aos desdobramentos do golpe militar de 1964, porque naquele período as pessoas tinham

receio de dar entrevistas para projetos e pesquisas que utilizavam gravações de depoimentos (FREITAS, 2002: 52).

A memória se insere no campo da historiografia através do uso da história oral, complementando seus debates e colaborando para os atuais estudos. “A memória é o vivido, enquanto a história é o elaborado, ou seja, através da memória é possível reconstruir o passado” (NORA *apud* FREITAS, 2002: 52). O passado, nas vozes dos sujeitos históricos, são as narrativas que eles próprios constroem sobre suas trajetórias e suas experiências. Deste modo, há uma relação entre a memória e a história, porque os fatos históricos estão presentes nas memórias que o indivíduo usa para criar suas próprias narrativas, tornando o narrador um sujeito histórico ao descrever sua versão dos fatos.

O conceito de memória foi discutido por autores desde o final do século XIX e início do século XX. A ideia de que a memória era apenas um fenômeno individual foi superada por Maurice Halbwachs ao demonstrar que a memória deve ser entendida como um fenômeno social, pois sua construção é feita coletivamente e está sujeita a constantes recriações (HALBWACHS *apud* MARTINS, 2007: 15). Michael Pollak contribui com essa afirmação, pois aponta que a memória é um fenômeno “socialmente construído”, sendo resultado de um trabalho de organização que acontece em função das preocupações do presente (POLLAK *apud* MARTINS, 2007: 16). Por isso, a memória está em constante recriação, pois sua organização é feita a partir das atuais demandas (MARTINS, 2007: 16). Na cidade de São João del-Rei há indivíduos que possuem lembranças sobre Tancredo Neves e o momento histórico que culminou em sua vitória para a presidência, que são repassadas através de discursos e recordações. Assim, apesar de muitas pessoas não terem presenciado tais fatos, a possibilidade de uma memória dentro da comunidade sugere que os alunos possam ter algum tipo de conhecimento sobre Tancredo através de “seus próximos”.

A definição de quem são os *próximos* foi feita por Paul Ricoeur que analisou as mediações significativas entre as memórias do indivíduo e a memória coletiva de grupos. Para o autor, os *próximos* seriam pessoas com as quais compartilhamos informações e experiências e que, em contrapartida, também compartilham coisas conosco, ou seja, são pessoas que mediam nossa relação com o nosso “eu” (indivíduo) e os “outros” (coletivo). “Os *próximos* são outros que estão perto de nós, alteridades

privilegiadas” (RICOEUR *apud* NEVES, 2009: 28). Esta mediação possibilita que pessoas que não viveram um período histórico possam ter acesso a fatos concretos e de domínio público, os quais compõem a memória coletiva de uma sociedade, e que são transmitidos de geração a geração, pois as narrativas se tornam reais quando absorvidas por essas pessoas que mantemos uma relação próxima, as quais irão propagar tais narrativas para outras pessoas que fazem parte de sua rede de relações.

Algumas de nossas memórias mais pessoais de infância só ganham forma, cor e movimento pela palavra legitimadora dos mais próximos de nossos próximos, nossos pais e família. Não poucas de nossas memórias remotas, ou mesmo recentes, se devem a registros mnemônicos individuais, mas as pessoas, grupos ou comunidades de experiência nas quais nos reconhecemos. Entre esses próximos, como em círculos concêntricos que se abrem a partir de nosso individual, estariam, além da família consanguínea ou simbólica, a escola, a geração, a rua onde moramos e o nosso bairro, os grupos de sociabilidade, os amigos, o gênero, as idades da vida, as leituras e tantas outras mediações e instâncias [...]. (NEVES, 2009: 28-29)

A memória é construída também a partir de experiências e interpretações sobre os fatos que as pessoas vivem. Essa troca que existe entre a memória do sujeito e a memória de sua comunidade ocorre através de várias mediações, pois uma pessoa está inserida em diferentes núcleos como, por exemplo, seu trabalho, família e amigos. Há certa nostalgia entre muitos moradores baseada na inesperada morte de Tancredo, por ter representado o fim da esperança de um futuro melhor para esses brasileiros. Os fatos que se sucederam no ano de 1985 marcaram muitas pessoas e se tornou natural que elas expressassem sua opinião e interpretação dos acontecimentos através de narrativas que foram se moldando ao longo dos anos. As pessoas que não viveram esse período, mas absorvem de alguma forma tais narrativas, conseguiram ressignificar os fatos e construir uma memória indireta sobre o processo histórico.

Quando realizamos a ação de pensar em algo que já aconteceu estamos refazendo os episódios a partir de nossa atual perspectiva. É impossível mantermos o passado intocável, pois a memória é constante e pode ser acionada por um objeto, uma canção, uma imagem, dentre outros, além de se transformar a cada momento de reflexão. O tempo transforma as percepções das pessoas e, conseqüentemente, muda o passado que não consegue sobreviver como realmente foi. Halbwachs estuda os

“quadros sociais da memória” e afirma que ela somente se sustenta no interior de um grupo que a ressignifica constantemente através de seus indivíduos (HALBWACHS *apud* FREITAS, 2002: 67). O indivíduo e o grupo criam uma identidade, a qual evidencia a memória coletiva, porém, se este mesmo indivíduo perder o contato com seu grupo há também uma perda do passado que ele construiu enquanto membro desse grupo (FREITAS, 2002: 66-68).

Deste modo, o afastamento de seu grupo causa uma transformação da identidade do indivíduo, propiciando uma reconstrução de suas memórias e, conseqüentemente, outro olhar sobre seu passado. Portanto, a memória, o passado e a história são processos que estão conectados. A memória ativa, transmitida de geração para geração, é um recurso crucial de sobrevivência do grupo, pois propaga as experiências concretizadas por seus indivíduos ao longo do tempo (FREITAS, 2002: 66-68). Ou seja, as memórias que se referem ao processo de redemocratização e a inserção de Tancredo, ao serem transmitidas de avôs/pais para netos/filhos mantém viva a memória coletiva sobre os referidos fatos, além de permanecer enaltecendo a figura do político na história nacional. São João del-Rei possui uma ligação com a história da política nacional, traduzida nas ações de seus filhos que exerceram funções importantes em episódios históricos, como Tiradentes e Tancredo. Este se insere na identidade são-joanense e acaba por respingar na identidade coletiva da cidade, através de memórias que as pessoas cultivam para valorizar um “filho dessa terra”. Le Goff abona essa afirmativa:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre da angústia. (LE GOFF, 2003: 469)

A memória possui inúmeras possibilidades, pois carrega consigo a forte marca das narrativas fundadoras, além da ligação entre identidade e a relação de poder. “As lembranças de uma sociedade – em suas dimensões mais profundas – constituem as tradições, experiências e heranças de uma sociedade” (DELGADO, 2010: 39). Por integrar todas essas questões é que o conceito de memória é tão abrangente.

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998: 218)

Desta forma, pensando que a memória constrói identidades de grupos, interpretações de fatos e ressignificações sobre processos históricos, elaboramos uma pergunta em que os estudantes deveriam reconhecer a figura de Tancredo Neves. Os alunos deveriam indicar quem era o homem da foto (ver Anexo I), não sendo necessário acrescentar nenhuma informação. Entretanto, alguns alunos comentaram fatos históricos da vida pública do político, além de caracterizá-lo com alguns adjetivos. Nesse momento da pesquisa os professores das turmas não fizessem qualquer tipo de interferência, o que foi previamente acordado devido ao impacto negativo que teria nos resultados. No quadro abaixo observamos como os alunos escreveram o nome do político mineiro:

Quadro IV: A oralidade do nome Tancredo Neves nas respostas dos alunos

Respostas dos alunos nos questionários	Número de alunos que escreveram essa resposta
Tancredo Neves	68
Tranquedo/Trancredo/Tranguedo	25
Tancredo de Almeida Neves	16
Branco	10
Não	4

*O número total de voluntários que participaram da fase inicial da pesquisa é de 123 alunos.

A maioria dos alunos reconheceu o político na foto, sendo que a resposta “Tancredo Neves” foi a mais mencionada, provavelmente por causa das referências a ele por toda a cidade. A avenida que recebe seu nome, o campus da Universidade Federal de São João del-Rei ou do Uniptan, são exemplos de locais e instituições que também prestaram homenagens à Tancredo, dentre outros marcos da cidade. Estes são intitulados apenas pela alcunha “Tancredo Neves”, não utilizando o nome completo do político.

Contudo, este item também possibilita que seja investigada a natureza da memória que os moradores da cidade retêm sobre o político. Alguns alunos utilizaram uma determinada ortografia para responder à pergunta, a qual se assemelha com o aspecto oral que é usado por diversas pessoas da cidade. Nesse caso a faixa etária é indiferente, pois alunos de várias idades escreveram de maneira que indicasse essa oralidade. Esse dado demonstra que há vestígios da existência de uma memória coletiva sobre o político em sua cidade natal em diferentes gerações. Podemos citar como exemplo: *Tranguedo Neves* [sic]; *Trancredo Neves* [sic]; e *Tranquedo Neves* [sic].

Os alunos que escreveram o nome completo do político têm mais de 30 anos¹³. Esses estudantes afirmaram que realmente conhecem o nome completo do político, sendo que alguns comentaram memórias ou fizeram referência a ele como “Nosso Presidente da República”. Ao lermos, no início deste capítulo, o trecho de uma das entrevistas, é possível afirmarmos que as professoras de escolas locais buscavam consolidar o reconhecimento que os alunos deveriam ter em relação a Tancredo, ao ensinarem sempre seu nome completo e lembrarem sua importância na história por ter sido eleito presidente do país. Assim, como demonstra os exemplos abaixo, para alguns alunos é importante conhecer o nome completo de Tancredo Neves:

“Ex-presidente Tancredo de Almeida Neves, nascido e criado em S.J.D.R”, Sônia Maria da Silva Carvalho (43 anos), aluna da E. E. Cônego Osvaldo Lustosa.

¹³ A pesquisadora estava em sala de aula durante todo o processo do questionário e se certificou para que os alunos não consultassem meios eletrônicos.

“Com certeza é o nosso Ex-Presidente da República Sr. Excelentíssimo Tancredo de Almeida Neves” [sic], Luiz César de Almeida (55 anos), aluno da E. E. Cônego Osvaldo Lustosa.

“Presidente: Tancredo de Almeida Neves” [sic], Thomás Malta Rodrigues (20 anos), aluno da E. E. Governador Milton Campos.

Desta forma, há vestígios da existência de uma memória coletiva em relação à Tancredo Neves em São João del-Rei: a forma ortográfica que as pessoas escreveram o nome do político, demonstrando a oralidade da palavra “Tancredo”; a referência por alguns alunos em denominarem o político como “nosso presidente”, mesmo entre aqueles que tem o conhecimento de que ele não tomou posse no cargo público. Há indícios, presentes na memória de alguns estudantes, na crença de que Tancredo Neves chegou a assumir o cargo de Presidente da República. Outra possibilidade é que os moradores tenham incorporado em suas falas um título atribuído como homenagem ao “filho da terra”, o qual é utilizado nas instituições e logradouros que receberam seu nome, como o Centro Universitário Presidente Tancredo Neves, o campus da UFSJ que foi nomeado “Presidente Tancredo Neves” e a avenida que também recebeu essa alcunha. Esses sinais nas memórias dos alunos não podem ser descartados por serem evidências de uma construção feita ao longo dos anos, com base em suas experiências pessoais e lembranças coletivas.

2.2 O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO

O Brasil viveu a partir de 1964 uma ditadura militar que se prolongou por mais de duas décadas. Alguns autores definem que teve início no governo do general Geisel o processo de abertura política que causou o fim do regime militar (FICO, 2016); outros afirmam que a ditadura terminou com a posse de José Sarney, simbolizando a retorno de civis à presidência (SKIDMORE, 1988); enquanto outros asseguram que a Constituição de 1988 é o principal marco do fim dos governos militares (REIS, 2014). Os alunos que responderam ao questionário e, principalmente, os que foram entrevistados, conseguiram indicar elementos importantes do processo de abertura política e de

transição¹⁴. Dentre os fatos mais citados estão as campanhas das Diretas Já e a eleição de Tancredo Neves à Presidência da República. De modo geral, caracterizam Tancredo como uma espécie de catalisador dos movimentos que resultaram em sua eleição, concretizando seu maior feito político.

Na segunda metade da década de 1970 se iniciou o processo de abertura política para um novo período de democracia. Apesar das desconfianças, a oposição e movimentos de esquerda buscaram acelerar esse processo, pressionando para que os militares se retirassem do poder. Tancredo Neves esteve no centro do processo histórico, porque participou das conversas referentes ao processo de transição política e foi eleito indiretamente por um Colégio Eleitoral presidente do país, finalizando os governos militares. Além disso, o mineiro esteve presente em outros momentos importantes para a história do Brasil, como o Governo Vargas e o Governo JK.

O processo de transição política teve alguns momentos marcantes, como a revogação das leis de exceção, os Atos Institucionais e a aprovação de uma nova Constituição em 1988. Reis (2014) afirma que o período é de transição porque foi feito um “complicado e acidentado percurso que levou de um estado de direito autoritário (...), a um estado de direito democrático, definido por uma Constituição aprovada por representantes eleitos pela sociedade” (REIS, 2014: 125). Assim, o processo de transição foi marcado pela incerteza de que realmente todos os sinais representavam o fim da ditadura. Definir esse processo até o ano de 1988 é contrapor o senso comum, reforçado por alguns historiadores, de que o período ditatorial terminou em 1985 com a posse de José Sarney. Este, por sua vez, abandonou sua posição de esquerda moderada em 1964 logo após o golpe, tendo sido um dos dirigentes do extinto partido Arena e ocupado postos de responsabilidade dentro dos governos liderados por militares: Sarney abandonou o Partido Democrático Social (PDS) – sucessor do Arena – em 1984, tornando-se candidato na chapa composta por Tancredo Neves e membro da Aliança Democrática (REIS, 2014: 125-126).

¹⁴ Na discussão historiográfica sobre o fim da ditadura autores utilizam o termo abertura política (NAPOLITANO, 2014) para contextualizar a mudança de postura do regime na década de 1970 a partir do Governo Geisel e que teve continuidade no Governo Figueiredo. O termo transição política (REIS, 2014) se refere ao período entre a revogação dos Atos Institucionais e a aprovação de uma nova Constituição em 1988.

No Brasil, formou-se ampla coligação de interesses e vontades a favor da ideia de que a ditadura teria se encerrado em 1985. Na base dessa verdadeira *frente* social, política e acadêmica, estava uma ideia-força de modo nenhum respaldada pelas evidências – a de que a ditadura fora obra apenas dos militares, reconstruídos como *bodes expiatórios*, responsáveis únicos pela *noite escura* e pelos *anos de chumbo*. (REIS, 2014:127)

Os militares possuíam preocupações que extrapolavam apenas a perda do poder político. Apesar da Constituição de 1988 ser interpretada como um marco do rompimento definitivo com a ditadura, as articulações políticas que ocorrem durante o processo de transição e que se efetivaram após o fim do regime demonstram que não existiu um rompimento total com a ditadura e suas representações. Muitos políticos que eram a favor dos militares se rearticularam e não desistiram de seus cargos públicos: conseguiram ser eleitos de maneira democrática através do voto.

Todavia, segundo Napolitano (2014), há dois aspectos que justificariam a escolha dos militares por um processo de transição política moderado e gradual, inclusive no texto da Constituição de 1988. O primeiro era a fragilidade dos militares em tutelar o sistema político e a própria sociedade civil, sendo acompanhada pela nova hegemonia liberal-moderada que foi se estabelecendo após 1981; o segundo aspecto eram duas preocupações do regime: evitar a ascensão de grupos políticos muito à esquerda que pudessem influenciar as políticas nacionais e evitar que fossem apuradas possíveis violações de direitos humanos no Brasil por parte de agentes da repressão política (NAPOLITANO, 2014: 282-283).

O mandato de Figueiredo tinha o objetivo de continuar conduzindo com firmeza essa transição. O regime militar enfrentava uma pressão da sociedade que parecia aderir cada vez mais ao movimento pelo retorno da democracia. Por isso Geisel, o fim de seu governo, iniciou o processo de anistia política revogando a pena de banimento apenas para alguns exilados, além de amenizar a Lei de Segurança Nacional, possibilitando a soltura de alguns presos. Todavia, a lei formal de anistia foi uma das preocupações de Figueiredo dentro da agenda de abertura para controlar o próspero movimento pela anistia “ampla, geral e irrestrita”. O projeto foi votado em 1979 no Congresso e foi marcado pela tensão entre uma meia vitória e uma meia derrota. Na forma apresentada pelo governo, a anistia seria parcial e recíproca, porém praticamente todas as emendas

ao projeto do governo foram derrotadas e substituídas pelo projeto apresentado pelo MDB (RODEGHERO, 2014: 183-184).

A grande crítica feita à lei de anistia é sua contemplação a torturados e torturadores, impedindo “a abertura de processos judiciais contra civis e militares que reconhecidamente foram responsáveis por sequestros, torturas, desaparecimentos, mortes de pessoas consideradas inimigas do regime pós-1964” (RODEGHERO, 2014: 183-173). Nas palavras de Carla Rodeghero:

O que parece ter acontecido em 1979 foi que os formuladores do projeto de anistia perceberam o potencial conciliador da medida, o reconhecimento da existência de uma tradição de anistias como forma de pacificação dos conflitos e, ainda, a possibilidade de explorar a dimensão de esquecimento. Acredito que esses formuladores também levaram em conta a noção de crimes contra a humanidade. Ao se apropriarem da expressão “anistia aos crimes conexos”, e ao lhe darem sentido diverso daquele de anistias anteriores, tentaram proteger o Estado e seus agentes de uma culpabilização que, naquele momento, em contraste com 1945, já era possível e era demandada. (RODEGHERO, 2014: 185)

Movimentos sociais e estudantis, que se fortaleceram como oposições à ditadura aproveitaram a abertura política para pressionar a transição política. Havia, por exemplo, movimentos feministas que se espalharam por vários estados brasileiros e tinham como principal objetivo conseguir conscientizar as entidades de classe e organizações civis sobre a importância da concessão da anistia aos presos políticos e exilados. Outro exemplo são os movimentos estudantis que ficaram cristalizados no imaginário por causa de 1968, mas que durante a década de 1970 e 1980 continuaram organizados e também se manifestaram a favor do processo de redemocratização. As greves operárias de 1978, 1979 e 1980 foram cruciais porque mostraram a fragilidade do processo de abertura e a incapacidade do regime em conduzir a relação entre o Estado e a sociedade civil. Tais movimentos ficaram na defensiva justamente pela crise econômica que diminuiu o poder de barganha, devido ao aumento do desemprego. Entretanto, essa nova classe trabalhadora expandida constituiu a base principal do “novo sindicalismo” que começava a florescer e que fez surgir o Partido dos Trabalhadores (ANTUNES & SANTANA, 2014: 130).

A ditadura foi enfraquecendo aos poucos, mantendo-se como um bicho acuado que ainda sabia mostrar os dentes quando necessário. A oposição se dividiu em radicais e moderados, sendo que estes últimos começaram a fazer tentativas de negociar com os militares uma possível transição política (NAPOLITANO, 2014, p. 285). É nesse contexto de negociações que Tancredo Neves começou a se destacar. Seu poder de conciliação é apontado como fundamental, pois ajudou a convencer os militares a repassarem o poder político através de uma eleição indireta (SKIDMORE, 1988: 491-492). Os militares queriam evitar que a esquerda do país conseguisse vencer as eleições diretas e assumir a presidência.

A Lei de Reforma Partidária surge justamente nesse quadro político de refreamento da esquerda. Aprovada pelo Congresso, em novembro de 1979, foi uma estratégia do governo para dividir a esquerda em várias facções e manter o partido oficial unido. “A nova lei dificultava ao máximo a vida da oposição: proibia alianças, voto vinculado, exigia diretórios organizados em vários estados da federação, exigia que os partidos lançassem candidatos em todos os níveis” (NAPOLITANO, 2014: 300). O efeito foi imediato: as oposições se dividiram, enquanto o Arena permaneceu unido na nova legenda PDS (Partido Democrático Social), os partidos comunistas continuaram proibidos e o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) conseguiu manter parte dos quadros parlamentares da oposição extinta, angariando amplo apoio dos eleitores nas eleições gerais de 1982. Leonel Brizola criou o PDT (Partido Democrático Trabalhista) após não conseguir a legenda PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) que ficou para Alzira Vargas – uma liderança expressiva apenas pelo seu sobrenome famoso. E, por fim, o PT (Partido dos Trabalhadores) também concorreu às eleições de 1982, mas sem grande expressão política (NAPOLITANO, 2014: 300-301).

Fico (2016) afirma que há evidências de que o alto comando do regime militar calculou os efeitos da Lei Orgânica dos Partidos Políticos (1979) como favoráveis ao processo de transição, pois a esquerda que estava concentrada no MDB se fragmentaria em novos partidos, perdendo sua força e diminuindo suas chances de chegarem à Presidência (FICO, 2016: 103-104). Assim, “os militares definiram o processo de abertura política conforme projeto preestabelecido e que foi conduzido no ritmo que eles desejavam” (FICO, 2016: 103), inclusive o fim do bipartidarismo permitindo que antigos aliados e uma oposição moderada ao regime se colocassem como oposição em 1984.

As eleições de 1982 tiveram resultados que não foram desastrosos para o governo, apesar da crise econômica. A consequência foi a abertura de precedentes para novas discussões sobre o processo de transição política. O PMDB tinha duas opções em vista para concorrer às eleições de 1984: Tancredo Neves e Ulysses Guimarães. Porém, nenhum dos dois era visto pelos militares como bons nomes para suceder o presidente Figueiredo, por terem se exposto como oposição durante todo o regime. No entanto, Tancredo era considerado um moderado e conciliador, não tendo grandes resistências ao seu nome e para desarmar os espíritos ele iniciou uma frente de diálogos com representantes dos quartéis, além de manter uma aproximação com Geisel (NAPOLITANO, 2014: 303-304).

Contudo, algo refreou a estratégia de Tancredo. No começo de abril de 1983, teve início na cidade de São Paulo manifestações contra a crise econômica que havia desencadeado altos índices de desemprego. Os protestos incitaram outros movimentos pelo país. Em julho, o movimento sindical tentou se organizar para dar uma resposta à crise política: a recém-fundada CUT (Central Única dos Trabalhadores), ligada ao PT, convocou uma greve geral, provocando tensão junto às autoridades e mobilizando uma forte repressão no ABC e no Rio de Janeiro. As ruas haviam voltado a se politizar através das multidões, ator considerado imprevisível no jogo político. Aproveitando todo esse processo surgiu a ideia de campanhas pela volta de eleições diretas para presidente da República. Assim, o PMDB resolveu agir e mudou sua estratégia: Ulysses seria o candidato do partido caso ocorresse uma eleição direta e Tancredo seria o candidato no caso de um Colégio Eleitoral (NAPOLITANO, 2014: 304).

O PMDB foi para as ruas apoiar “as diretas”, mas sem perder o foco numa possível negociação para eleições indiretas. O movimento cresceu e conseguiu ganhar adesão da sociedade.

Os comícios, desde o dia 12 de janeiro de 1984, vinham em uma espiral crescente e empolgante, o clima de “festa cívica”, amplamente alardeado pela imprensa, parecia a antítese da multidão caótica e furiosa dos saques que tinha sacudido as cidades brasileiras menos de um ano antes. Mesmo os setores mais moderados e conservadores da opinião pública eram visíveis nos comícios, famílias inteiras e cidadãos ditos “comuns”, fazendo coro pelas “diretas” junto com militantes de esquerda, sindicalistas, estudantes e ativistas dos movimentos sociais. A catarse proporcionada pela política servia para aliviar as tensões socioeconômicas e projetar um futuro no qual todos

os problemas seriam resolvidos pela livre escolha do próximo presidente da República (NAPOLITANO, 2014: 308)

Entretanto, toda essa movimentação não impediu que a emenda por uma eleição direta fracassasse no Congresso: a maioria dos congressistas era do PDS e muitos faltaram à votação para impedir que houvesse *quorum* mínimo para a aprovação da emenda. Depois da derrota, o PMDB adotou a linha tancredista e buscou vetar a prorrogação do mandato de Figueiredo por mais dois anos, esquadrinhando apoio para que ocorresse o Colégio Eleitoral. Após a confirmação da candidatura de Paulo Maluf pelo PDS não foi difícil angariar apoio da dissidência desse partido e unificar o PMDB em torno da candidatura de Tancredo: próprio Figueiredo havia afirmado que não permitiria de maneira nenhuma que Maluf ocupasse a sua cadeira, pois o candidato era considerado um símbolo de corrupção, ou seja, Maluf conseguiu, ao mesmo tempo, “implodir o PDS” e unificar boa parte da oposição (NAPOLITANO, 2014: 308-309). Tancredo passou a depender do apoio das ruas e da rejeição a Maluf para ser eleito.

O processo de abertura e de transição foi elaborado e colocado em prática pela alta cúpula do governo e alguns de seus opositores considerados mais “moderados”. Os quartéis passaram a aceitar, aos poucos, que um candidato da “oposição civil moderada” assumisse a presidência por causa da aproximação entre Tancredo e Geisel, pois o ex-presidente tinha muita influência no Exército. Paulo Maluf não era a opção de muitos militares e políticos que o consideravam corrupto e oportunista. A consolidação da candidatura de Maluf facilitou a vida de Tancredo: após um processo de diálogos com diferentes apoiadores, costurando sua candidatura, Tancredo foi oficializado como o representante do PMDB no Colégio Eleitoral em junho de 1984, contando até mesmo com o apoio de Ulysses Guimarães (NAPOLITANO, 2014: 306-308).

A vitória de Tancredo se concretizou em janeiro de 1985, porém este adoeceu e foi internado antes de assumir o cargo. O direito imediato de posse era de Ulysses Guimarães, presidente da Câmara, mas ele abdicou para evitar conflitos com os militares e uma possível reação que impedisse a posse de um presidente civil. Figueiredo desagradava de José Sarney, por considerá-lo um traidor, mas também teve de abrir mão de sua vontade e empossar o vice-presidente (NAPOLITANO, 2014: 311).

Era o começo da Nova República, tendo à frente José Sarney um presidente imprevisto, tutelado pelos militares, mas que prometia recuperar as liberdades democráticas plenas e instaurar um processo constituinte. Quanto a Tancredo, sua longa agonia lhe deu um carisma que não tinha em vida, até pelo estilo discreto e negociador. Seu enterro foi uma das maiores manifestações populares do Brasil. As massas que tinham saqueado em fúria, que haviam festejado pelas Diretas, agora choravam o novo santo laico do Brasil. E, talvez, também chorassem pela incerteza da transição que se prolongava. (NAPOLITANO, 2014: 312)

Após 38 dias internado e de passar por sete cirurgias, na noite de 21 de abril de 1985 Tancredo Neves não resistiu, falecendo no Instituto do Coração em São Paulo. A comoção foi nacional. Milhares choravam a morte do presidente eleito, símbolo de esperança e de um futuro promissor. Seus aliados e opositores estiveram lado a lado durante o cortejo fúnebre, que teve início em Brasília, passando por Belo Horizonte e se terminando na cidade de São João del-Rei, onde o líder mineiro foi enterrado. Não conseguiu em vida usar a faixa presidencial, símbolo da República, mas foi enterrado com a faixa que se transformou em uma bandeira, símbolo da confiança e do amor que o povo brasileiro sentia por ele (BARBOSA, 2011: 234).

A representação de Tancredo como um “conciliador” durante o processo de transição foi fortemente construída pelas narrativas midiáticas que o sacralizaram durante o episódio de sua morte. O jornalista Elio Gaspari (2016), em sua coletânea sobre o golpe militar, a ditadura e o processo de transição, descreve os fatos que desencadearam nesses processos históricos e demonstra como a mídia contribuiu na construção de uma narrativa centralizando Tancredo Neves e o considerando um personagem imprescindível para acabar com o regime militar. Contudo, analisando pesquisas historiográficas fica evidente que o político se encaixava no que denominamos de “oposição moderada” por não contestar abertamente a estrutura vigente, sempre atuando dentro da “ordem” (CORDÃO, 2017: 02). Sua candidatura foi marcada pelo não enfrentamento aos militares, por abdicar da luta pelos direitos humanos e da busca por punição aos torturadores dos porões da ditadura:

Tancredo assumia, formalmente, em carta pública, que não haveria “revanchismo”, abrindo a porta dos quartéis ao seu nome. Dizia Tancredo: “Corrupção não é um problema de revanchismo, mas de Código Penal. Revanchismo no Brasil é uma flor que não germina”.

Com efeito, o denominado “revanchismo”, que nada mais era do que investigar as graves violações dos direitos humanos pelo regime e esclarecer a questão dos desaparecidos políticos, não germinou. Sobretudo porque foi uma semente que ninguém regou, a não ser familiares dos mortos e desaparecidos e alguns poucos militantes da causa dos direitos humanos. Mesmo a esquerda estava em outra chave de atuação no processo de transição. Primeiro organizar o movimento e derrubar a ditadura, depois pensar na investigação das violações. Sob a hegemonia liberal moderada, essa possibilidade se esvaziou ainda mais, deixando uma questão não resolvida até os dias de hoje. (NAPOLITANO, 2014: 310)

O relato de Tancredo como um herói que desde pequeno se preparou para “salvar” o Brasil das garras da ditadura militar conseguiu ser construído pela mídia por causa das circunstâncias de sua morte. O mineiro passou a ser apontado como um “conciliador” que criou e coordenou uma estratégia mais pacífica no intuito de derrotar definitivamente o autoritarismo (CORDÃO, 2017: 03). A enfermidade de Tancredo, sua longa agonia e inevitavelmente morte, lhe renderam uma espécie de carisma, que o político não demonstrava possuir em vida, já que era considerado reservado com um caráter de negociador (NAPOLITANO, 2014: 312). A trajetória de Tancredo é descrita como linear, como se já na adolescência tivesse as qualidades necessárias para ser um bom político, tratando a “democracia como algo natural, universal, imóvel e não como uma construção social e histórica, constituída por diferentes historicidades e por diferentes atores políticos” (CORDÃO, 2017: 03). Foi possível perceber nas memórias dos alunos apropriações das narrativas em que Tancredo Neves é representado de maneira similar, como um ícone da resistência democrática, ainda que ele tenha se “acomodado com as regras do jogo tramado pelos militares e, no máximo, tenha promovido uma ‘oposição consentida’” (CORDÃO, 2017: 03).

Após a morte de Tancredo Neves o seu vice, José Sarney, se tornou o presidente do país, reafirmando os compromissos que Tancredo havia feito sobre o novo governo. A prioridade era a construção da nova Constituição. Por isso, em novembro, através de uma Emenda Constitucional, definiu-se que a eleição de 1986 elegeria um Congresso com poderes constituintes. Além disso, a emenda revogou as restrições da Lei de Reforma Partidária, permitindo a criação de mais 23 partidos, como o Partido Liberal (PL) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB), ou seja, houve a legalização dos partidos com ideologias socialistas e comunistas.

Em fevereiro de 1987 foi instaurado o Congresso Constituinte. Logo os congressistas se organizaram para iniciar as discussões do texto. Houve a participação dos partidos em temáticas que foram divididas para compor o documento final, além da participação popular que enviou suas propostas para o Congresso. Este processo foi marcado por disputas de interesses entre os grupos como, por exemplo, a tentativa de prolongar o mandato de Sarney por mais dois anos, além dos quatro que já seriam vigentes. Contudo, mesmo com contratempos e várias discussões, o texto final foi promulgado em 5 de outubro de 1988 (REIS, 2014: 153-160).

Segundo Reis (2014), a Constituição brasileira acabou consagrando as teses e tradições “nacional-estadistas”, contando com um viés favorável para as camadas populares e os trabalhadores. Em seu texto, citava a educação, saúde, moradia, dentre outras coisas, como “direito de todos e dever do Estado”. A estrutura sindical obteve grandes vitórias: foi mantido o imposto sindical descontado em folha de todos os trabalhadores¹⁵ e indicada uma contribuição sindical que deveria ser fixada em assembleia, além de ser aprovada a permanência do corporativismo sindical. Na área social, houve a manutenção do FGTS, que foi criado durante a ditadura e permanece até os dias atuais. Houve outras heranças do regime, como a concentração do poder nas mãos do Executivo e a manutenção da Justiça Militar, que era uma espécie de “Estado dentro do Estado” ao se constitucionalizar a “tutela militar sobre a ordem civil”. Sarney conseguiu uma pequena vitória: cinco anos de mandato presidencial. As esquerdas foram derrotadas no que se refere à questão da propriedade privada e da reforma agrária. Por fim, ampliou os direitos políticos ao permitir o voto dos maiores de dezesseis anos e dos analfabetos (25% da população adulta), apesar de ser facultativo o voto desses grupos (REIS, 2014: 161-164).

Os avanços da Constituinte de 1988 são inegáveis: proclamação da igualdade de gêneros, a condenação do racismo e a defesa das terras indígenas. Contudo, havia ambiguidades em seu texto. “Naquele emaranhado de dispositivos (250 artigos e mais parágrafos e incisos, acompanhados de 97 artigos de ‘disposições transitórias’, também com respectivos parágrafos e incisos), concessões entrelaçadas não raro se contradiziam” (REIS, 2014: 166), mas era sempre melhor ter o texto a favor da liberdade e dos direitos da cidadania.

¹⁵ Posteriormente esse artigo foi modificado e somente os sindicalizados contribuiriam para os sindicatos.

Entretanto, ao fim do processo de redemocratização o Brasil conseguiu dimensionar a herança deixada pelos anos de ditadura. O governo Sarney teve de lidar com o déficit do setor público. A dívida externa somava um valor exorbitante, fruto do “milagre econômico” e dos altos juros cobrados, causando nos anos seguintes uma alta na inflação e desestabilidade na economia. O esgotamento do modelo econômico adotado pelo governo militar fez o Brasil viver na década de 1980 com um PIB fraco e uma inflação alta. Os brasileiros foram amedrontados constantemente pela instabilidade dos preços e falta de produtos nos mercados. A mudança de preços era diária e, às vezes, acontecia mais de uma vez por dia. Isso ocorria por consequência da inflação que não era controlada pelo Governo Sarney.

A lei da anistia significou a impunidade dos torturadores e apoiadores do regime. O Estado não assumiu sua responsabilidade na apuração da morte e desaparecimento de presos políticos durante a ditadura. Além disso, a lei de 1979 significou a impunidade dos crimes cometidos contra os opositores do regime. A questão fundamental é como os governos que sucederam esse processo aceitaram essa lei e não iniciaram uma punição efetiva aos torturadores. A Comissão da Verdade trouxe à tona essa mancha na história do país e ao abrir as feridas cicatrizadas não conseguiu dar uma resposta concreta a sociedade. O Brasil se tornou uma exceção em relação à punição dos torturadores ao ser comparado com outros países latino-americanos que também viveram ditaduras.

Os partidos políticos apenas mudaram as suas legendas, mas mantiveram os políticos apoiadores do regime sem nenhuma restrição de direitos. O PFL, partido de José Sarney, compunha boa parte dos integrantes do extinto Arena e conseguiu alcançar a presidência após a morte de Tancredo. Sarney era um dos políticos civis mais influentes da ditadura militar e dez meses antes da eleição era presidente do partido de apoio do governo. A adesão de Sarney à Aliança Democrática foi necessária para que o MDB conseguisse votos suficientes no Colégio Eleitoral, mas sua posse significou a permanência de uma ideologia dos militares, assim como havia sido premeditado no governo Geisel.

Algumas medidas democráticas do Governo Sarney devem ser destacadas, como a legalização dos Partidos Comunistas e da UNE, bem como a maior liberdade sindical para as centrais sindicais, especialmente a CUT e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT). Foram reconhecidos os direitos dos trabalhadores em se organizar além da

estrutura sindical oficial (sindicatos de base, federações e confederações) e anistiados os dirigentes destituídos de seus postos desde 1964. O ministro da justiça, Fernando Lyra, anunciou o fim da censura política, mas sempre dependendo de como o ministro interpretasse as leis em vigor. Um exemplo dessa aplicação foi a proibição do filme de Jean Luc Godard, *Je Vous Salue Marie*, que era malquisto pela Igreja Católica: como Sarney dependia do apoio da Igreja para outro assunto político ele indicou que o ministro proibisse o filme, demonstrando que o fim da censura não foi completa e incondicional (SKIDMORE, 1988: 499).

O Brasil foi o primeiro país latino-americano a sofrer um golpe militar na década de 1960 e o último a se tornar novamente democrático. Com um eleitorado maior do que muitos países europeus, sua dívida externa era superior a qualquer outro país de Terceiro Mundo (SKIDMORE, 1988: 594). O processo de redemocratização no Brasil foi construído pelos personagens do alto, como uma negociação entre o governo e seus opositoristas mais moderados para definir o futuro do país. Mesmo assim, as esperanças do povo de um país melhor foram depositadas e centralizadas em Tancredo Neves, o homem que não viveu para materializá-las. Aquele que foi visto como o salvador político do Brasil ganhou proporções de santo após sua morte. Seu corpo foi seguido por uma romaria nos locais em que passou antes ser sepultado em São João del-Rei, onde jaz seu corpo sobre o epitáfio “Terra minha amada, tu terás os meus ossos, o que será a última identificação do meu ser com este rincão abençoado”.

2.3 A PROCESSO HISTÓRICO EM NARRATIVAS DOS ESTUDANTES

No questionário inicial (Anexo I) pedimos aos estudantes que comentassem algo sobre o fato histórico. Dentre os poucos alunos que responderam à questão, alguns incluíram Tancredo em suas respostas e citaram elementos do período a partir de ações do político mineiro. A pergunta focava apenas no processo de redemocratização, questionando se os alunos possuíam alguma memória sobre os episódios que ocorreram no final da década de 1970 até meados de 1985. Porém, apenas 22 deles responderam algo sobre o tema; 49 disseram que não sabiam responder; e 52 deixaram a questão em branco.

O objetivo era averiguar se havia educandos, entre os mais velhos, que se lembravam desse momento histórico e, entre os mais novos, se existia a presença de alguma memória indireta ou outra mediação pela qual eles teriam tido acesso sobre o assunto. Poucos estudantes responderam, demonstrando que em nossa amostragem o percentual de voluntários que conheciam algum elemento sobre o fato histórico era pequeno. A citação de Tancredo em quase todas as respostas, mesmo este não tendo sido mencionado na pergunta, demonstra que os alunos consideram relevante apenas aquilo que se aproxima de sua realidade, de sua rotina. Fatos nacionais só ficaram registrados na memória quando foram considerados marcantes, como a eleição e morte de Tancredo. Isto é, episódios que se aproximam do cotidiano dos indivíduos e que afetam sua rotina se tornam relevantes para eles.

Abaixo selecionamos algumas respostas que endossam tais afirmativas:

“Antes era a ditadura, mas ele lutou, se candidatou a presidente e ganhou, mas no dia da sua posse ele morreu”, Marciel Aparecido Resende (38 anos), aluno da E. E. Governador Milton Campos.

“Sim. O país sofria com a ditadura e na década de 80 passou a ser democrático”, Rafael da Silva Morais (27 anos), aluno da E. E. Governador Milton Campos.

“Foi o início do fim da ditadura no Brasil. A partir 1985 teve eleições indireta e direta”, Matosálem Heitor Camilo (58 anos), aluno da E. E. Cônego Osvaldo Lustosa.

“Tancredo Neves. Ele foi eleito, mas não chegou ao poder, pois nas vésperas de assumir seu mandato ele morreu. Teve uma complicação de saúde”, Iradici Romilda da Silva (42 anos), aluna da E. E. Cônego Osvaldo Lustosa.

“Só sei que o país sofria por diversos movimentos de protesto contra a ditadura militar, até conseguirem em 80 a volta da democracia”, Thomás Malta Rodrigues (20 anos), aluno da E. E. Governador Milton Campos.

“O povo lutava pelas Diretas Já, mas não conseguiram vitória. Foi um movimento social muito importante, que teve o apoio de vários artistas como Caetano Veloso, Milton Nascimento, Cazuza, Simone e outros. Tancredo foi eleito pelo colégio eleitoral, mas faleceu e não chegou a exercer a função”, Andréa Auxiliadora Cabral (39 anos), aluna da E. E. Governador Milton Campos.

Através dessas respostas podemos perceber que alguns educandos demonstram ter algum conhecimento em relação ao período que, como já apontado, muitas vezes está relacionado com Tancredo Neves. Os elementos encontrados nas respostas do questionário se repetem durante as entrevistas. São descrições resumidas, ou que dão enfoque em algum acontecimento que eles consideram determinante para o processo: houve estudantes que interpretaram o período como o fim da ditadura e a volta da democracia; outros citaram Tancredo Neves ou as manifestações das Diretas Já, indicando que suas memórias registraram algo que consideram relevante dentro do processo. Uma aluna descreveu como foi o enterro de Tancredo:

“Tancredo de Almeida Neves. Eu era pequena, mas jamais me esqueceria, fui ao enterro dele. Me lembro como se fosse ontem, a avenida presidente Tancredo Neves estava cheia de pessoas, do início ao fim, o outro lado da praia em frente a associação dos Sargentos lotada de gente. Me lembro, meu pai nos colocou, eu e minha irmã gêmea, em cima dos cais (uma beiradinha da praia), e no cemitério nem se fala, nem conseguimos entrar” [sic], questionário de Andréa Auxiliadora Cabral (39 anos), aluna da E. E. Governador Milton Campos.

Os alunos, de maneira geral, conseguiram identificar elementos que compõem o processo histórico, porém quase sempre inserindo as ações de Tancredo Neves como causa de todos os episódios que fazem parte no processo histórico. Isso pode ter acontecido devido a pergunta anterior, no questionário, em que os alunos observaram uma imagem de Tancredo Neves. Isso poderia ter determinado a criação de uma ligação direta entre o sujeito e o evento histórico, justificando as respostas que citam Tancredo. Por outro lado, alguns estudantes mencionam elementos presentes nesse processo histórico, os quais não poderiam ser identificados na imagem do político como, por

exemplo, sua eleição através de um colégio eleitoral. Assim, após a análise desses primeiros dados optamos por centralizar Tancredo Neves durante as entrevistas, porque o presidente foi mencionado inúmeras vezes em outras perguntas do questionário e houve indivíduos de diferentes idades que o reconheceram e citaram em suas respostas.

Os resultados do questionário se mostraram positivos. Foi possível delinear um balanço inicial de como os voluntários interpretam a vida política e pública de Tancredo Neves. O perfil dos alunos, seu consumo midiático, sua cultura histórica, são elementos que ajudam a entender a mudança no perfil de estudantes da EJA, requerendo também mudanças de perspectiva no ensino dessa modalidade. Além disso, ficou clara a necessidade de elementos próximos aos entrevistados para que fosse possível acessar suas memórias.

2.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Após as primeiras análises do questionário, selecionamos alguns estudantes para serem entrevistados. O primeiro passo no processo de seleção dos depoentes foi separar os alunos que aceitaram previamente conceder uma entrevista à pesquisadora na última pergunta do questionário (Anexo I). Dentre os 123 alunos voluntários da primeira etapa da pesquisa, 45 aceitaram conceder uma entrevista, 48 não quiseram, 26 deixaram a questão em branco e, por fim, 4 disseram que “talvez” aceitassem conversar com a pesquisadora. Assim, 12 pessoas foram selecionadas dentro desse recorte dos 45 que responderam claramente “sim” e os 4 que disseram “talvez” na última pergunta do questionário.

Outro critério de triagem foi analisar quais deles citaram no questionário memórias sobre Tancredo Neves e o processo de redemocratização. Demos enfoque nas respostas das questões 4 e 5, refletindo sobre novas possibilidades de discussões e lembranças que poderiam ser acionadas durante as entrevistas. Avaliamos que era necessário privilegiar todas as faixas etárias e conciliar as diferenças entre os entrevistados, para que fosse possível agregar perfis distintos que pudessem ter contribuições únicas e enriquecedoras. Apesar dos estudantes mais velhos terem vivido o período histórico, o perfil da EJA modificou muito ao longo dos anos e os alunos mais

jovens não poderiam ser ignorados. Além disso, Tancredo foi citado nas respostas de indivíduos com diferentes idades, não justificando selecionar apenas os mais velhos.

Inicialmente, descreveremos o perfil dos entrevistados que pertencem à E. E. Governador Milton Campos. Tomás Malta Rodrigues, 20 anos, pardo, solteiro, católico, natural de São João del-Rei, mora no bairro Matosinhos com duas pessoas e trabalha em emprego fixo. Não gosta de assistir televisão, mas gosta de acessar as redes sociais pelo celular. Já esteve em museus, teatros e cinemas, se recordando de muitas peças infantis e filmes. Adora samba, é membro da bateria da Escola de Samba Bate Paus e participa do projeto de percussão Reggae da Periferia. Desde pequeno sua mãe o incentivava a se envolver com a vida cultural da cidade, o levando em vários eventos. O aluno considera que São João del-Rei é uma cidade hospitaleira que fornece diferentes programas aos moradores e turistas. Lê pouco, geralmente apenas notícias na internet. Interrompeu seus estudos por um ano, em 2016, quando estava no terceiro ano do Ensino Médio, no ano de 2015, não concluiu os estudos por motivos pessoais. Retornou em 2017 porque acredita que o “estudo é necessário” para melhorar de vida; e justamente por isso pensa em continuar estudando após se formar na EJA. A mãe do aluno teve contato com a família Neves em sua infância: segundo o entrevistado, sua mãe conhecia as netas de Tancredo e chegou a frequentar o Solar dos Neves, localizado no centro histórico, pois residia em uma rua adjacente. Assim, em seu depoimento ele emite opiniões sobre Tancredo, citando histórias que sua mãe conta, criando uma narrativa a partir do ponto de vista dela.

Rafael da Silva Morais tem 27 anos, pardo, casado, católico, natural de São João del-Rei, cresceu e mora no bairro Matozinhos com sua esposa e filha, é artesão e trabalha como autônomo. Gosta de assistir programas de notícias, como telejornais e acessa a internet pelo computador e celular em sua residência, tendo preferência por redes sociais e sites de notícias nacionais e internacionais. Já visitou o Museu Regional de São João del-Rei, mas afirmou não participar de nenhuma manifestação cultural. Gosta de ouvir música, sobretudo pagode, sertanejo e funk. Interrompeu os estudos porque começou a se dedicar ao futebol profissionalmente no time de base do Botafogo, jogando depois em São Bento no estado de São Paulo e, por fim, na cidade de Varginha. Rafael retornou à escola para poder “melhorar de vida”: quer ser aprovado em algum concurso público e se graduar em Engenharia Civil. Comentou o caráter histórico da cidade e comparou São João del-Rei com outras cidades que também possuem uma

“parte antiga”, como Ouro Preto e Paraty. Afirmou que quando criança gostava de ir ao cinema e em teatros da comunidade; assistia na televisão Os Trapalhões; admira manifestações culturais, como o congado, mas nunca quis participar. Gosta de ler quando tem um pouco de tempo livre, mas a vida se tornou muito corrida ao longo dos anos.

O aluno Paulo Tolentino possui 39 anos, é solteiro, pardo, natural de São João del-Rei, católico, reside no bairro Matosinhos com seus pais e trabalha como comerciante. Tem preferência por programas de televisão que sejam informativos. Acessa a internet em casa, na maioria das vezes redes sociais. Tem muito interesse nos museus e igrejas antigas porque já exerceu a profissão de restaurador e participava de diversas feiras de artesanato, além de ser amante da música brasileira, principalmente MPB. Parou de estudar “por coisas da vida” e decidiu voltar aos estudos porque pretende se formar no curso de Artes Aplicadas da UFSJ. Sempre frequentou museus, teatros e cinema, gosta da parte da história porque “é importante sabermos as nossas raízes”. Tem apreciação pelas cidades históricas e sempre que pode faz viagens para poder ter acesso a informações sobre os antepassados e as histórias “de como das coisas são”. Gosta de ler para enriquecer o seu conhecimento, mas prefere textos impressos (jornais e revistas) porque acessa pouco a internet.

Nathanael Tales da Silva tem 29 anos, é branco, casado e pai de uma menina, natural de São João del-Rei, evangélico, divide a casa com cinco pessoas no bairro Colônia do Marçal; trabalha como garçom e em manutenção de placas de trânsito. Gosta de assistir telejornal e navegar nas redes sociais, mas apenas em casa. Esteve apenas no cinema local e gosta de ouvir pagode, samba, funk e música gospel, mas afirmou ler frequentemente coisas que lhe chamam a sua atenção. Começou a trabalhar muito cedo o que causou o abandono dos estudos. O diploma da escola básica se tornou uma necessidade quando veio o desejo de ser aprovado no concurso de agente penitenciário; além da vontade de se formar na faculdade de Direito. Para ele a melhor característica de São João del-Rei é que sempre há emprego para quem tem interesse. Recorda de ter frequentado apenas bailes; visitou o Museu Regional com a turma da EJA e começou a gostar de teatro e museus. Lembra-se de assistir Bom Dia e CIA, Sérgio Malandro e Caça-Talentos na televisão, mas atualmente parou de assistir TV porque lhe toma muito tempo. Ouvia muito Raça Negra e lê apenas coisas que lhe chamem a atenção. Afirmou admirar capoeira e escolas de samba, mas participou rapidamente de ambas.

Marciel Aparecido Resende tem 38 anos, é pardo, natural de São João del-Rei, casado e pai de três filhas (fruto de dois relacionamentos), trabalha como autônomo. Afirmou ser católico apesar de também frequentar centros espíritas por “gostar das palavras de Allan Kardec”. Não gosta de assistir televisão, mas acessa a internet pelo seu notebook, em casa, quase sempre para navegar nas redes sociais. Apesar de ter dito no questionário que nunca visitou nenhum museu, durante a entrevista ele confirmou ter ido ao Museu Regional numa visita oficial organizada pelo professor de História. Quando jovem não teve a oportunidade de estudar, mudou-se para São Paulo muito moço na expectativa de construir uma vida estável, porém não obteve êxito e retornou à São João del-Rei. Suas filhas lhe incentivaram para que voltasse a estudar e Marciel afirmou que se esforça muito porque quer ser um bom exemplo para elas. Tem o objetivo de cursar Direito, porque gosta muito de ler e se interessa bastante pela área. Cresceu na zona rural e mudou-se para a cidade quando era pequeno. Nunca teve oportunidade ou interesse de frequentar museus e teatros, tendo ido ao cinema só após o nascimento da primeira filha, quando já tinha mais de 20 anos de idade. Recorda de ouvir rádio quando criança e adorava as músicas da banda Legião Urbana. Já assistiu apresentações de grupos de congado, até mesmo em outras cidades, mas nunca sentiu interesse em participar.

Andréa Auxiliadora Cabral possui 39 anos, é natural de São João de-Rei, branca, casada e mãe de dois filhos, católica, mora no bairro São Dimas com o marido e o filho mais novo. Gosta de assistir novelas e filmes, além de telejornal e programas informativos. Acessa a internet apenas pelo celular na casa de uma vizinha, apenas quando precisa fazer pesquisas escolares. Já visitou alguns museus, foi ao teatro e cinema: Museu de Arte Sacra, Museu Regional, prestigiou peças sobre a vida de Jesus Cristo e filmes de gêneros variados. Gosta de ouvir vários estilos musicais e de ler. Interrompeu os estudos em 1993, aos 15 anos, porque não se sentia incentivada pelos pais e estes não a obrigaram a continuar quando ela tomou a decisão de parar de ir à escola. Após 20 anos voltou a estudar para acompanhar o marido que decidiu fazer um curso técnico noturno, mas não tem planos imediatos de uma faculdade. Para Andréa, a cidade é muito acolhedora e por isso muitas pessoas escolhem viver em São João del-Rei. Recorda de teatrinhos na escola e no Teatro Municipal, nunca foi de frequentar museus e nem cinema. Ao ser questionada sobre lembranças de quando era criança, Andréa afirmou se lembrar de todos os professores e escolas que estudou, apesar de

nunca ter achado os estudos algo interessante. Descreve em seu relato o enterro de Tancredo, fato que marcou sua infância.

Selecionamos seis alunos de cada escola. A seguir iremos listar os entrevistados da E. E. Cônego Osvaldo Lustosa. A primeira aluna é Sônia Maria da Silva Carvalho de 43 anos, branca, natural do distrito de São Sebastião da Vitória (município de São João del-Rei), católica, casada, mora no bairro Jardim das Acácias com o marido e os dois filhos, sendo dona de casa. Assiste a filmes, novelas e séries na televisão; navega nas redes sociais quando está em casa. Afirmou já ter visitado o Museu de Arte Sacra e ter assistido filmes no Cine Glória. Gosta de ler um pouco, quase sempre notícias no jornal, as quais chamem a sua atenção ou algum livro que lhe atraia, gosta de ouvir música gospel e sertaneja, mas não participa de nenhuma manifestação cultural. Quando já estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio abandonou a escola por vontade própria e retornou por causa dos filhos, pois quer ser um bom exemplo para eles. Lê pouco, geralmente apenas notícias que estão em destaque, mas lia muito livros quando era mais nova em “nos tempos de escola”, incentivada pela professora. O avô ouvia um programa de notícias no rádio todos os dias às 6h e ela se recorda de ficar ouvindo junto com ele, porque muitas vezes tinha que ficar na casa dos avós para os pais trabalharem. Esse foi o meio pelo qual ouviu sobre a morte de Tancredo Neves, pois havia poucos aparelhos de televisão no distrito. Mesmo assim, afirmou ter acompanhado o enterro pelo televisor da casa de uma vizinha.

Matosalem Heitor Camilo tem 58 anos, é aposentado, casado e pai de duas filhas, pardo, católico, mora com a esposa no bairro Alto das Mercês, sendo que cresceu em Januária (distrito de São Sebastião da Vitória) e aos 15 anos se mudou para São João del-Rei. Não gosta de assistir televisão, mas acessa redes sociais pelo notebook em sua casa. Já visitou o Museu Regional e o Museu de Arte Sacra. Gosta de ouvir música gospel e de apreciar manifestações culturais como o congado. Parou de estudar porque precisava trabalhar para ajudar nas despesas de sua casa. Recorda-se do final da ditadura militar porque estava engajado no Exército; após sofrer um acidente e perder a visão de um dos olhos se mudou para São Paulo onde concluiu a 8ª série em um supletivo. Retornou para a escola em 2016 com o intuito de concluir o Ensino Médio. Para ele o grande marco que ocorreu na cidade foi a morte de Tancredo Neves, enquanto a UFSJ é o marco do desenvolvimento que a cidade passou. Atualmente não assiste televisão e acessa pouco a internet, porque acha interessante apenas as vídeo-aulas disponíveis para

acesso gratuito. Presenciou o enterro de Tancredo, se recordando de alguns detalhes do evento.

Luiz César de Almeida tem 56 anos, é solteiro, pardo, natural de São João del-Rei, católico, mora com duas pessoas no bairro Tejuco e trabalha de forma autônoma como fotógrafo. Prefere assistir novelas e filmes na televisão e acessa a internet em locais de acesso pago, como Lan House. Já visitou alguns museus da cidade, lê poucas coisas, gosta de ouvir música sertaneja e já foi membro de um grupo de congado. Durante sua entrevista ele explicou que é alcoólatra e que isso afetou sua memória, por isso se recorda de poucas coisas da década de 1980 e dos eventos que se sucederam na cidade com a morte de Tancredo. Parou de estudar muito cedo por causa do vício em bebidas alcoólicas. Retornou aos estudos quando uma professora da E. M. Maria Tereza passou em sua rua questionando aos moradores quem gostaria de retornar aos estudos e se interessava em estudar na EJA, modalidade Ensino Fundamental. Para o aluno, o marco da cidade histórica são as figuras de Tiradentes e Tancredo, nos quais ele se inspira ao sonhar em um dia ter o diploma de um curso superior. Já adulto ele passou a visitar os museus da cidade, mas não frequenta teatro e cinema. Gosta de ler, principalmente livros de literatura, mas admitiu ter muita dificuldade com interpretação de texto, sendo às vezes necessário ler mais de três vezes uma pergunta para entender o que estão lhe perguntando.

Isabel Campos Silva possui 23 anos, é solteira, parda, natural de São João del-Rei, espírita, mora com seu companheiro no centro da cidade e trabalha como auxiliar administrativa. Tem preferência por assistir novelas e filmes; acessa a internet pelo celular em sua casa e no seu trabalho, mas além de navegar nas redes sociais utiliza a internet para pesquisas escolares. Afirmou nunca ter ido a nenhum museu, porém comentou que já prestigiou peças de teatro de alunos da UFSJ e do Grupo Manicômicos. Adora ouvir música e já participou de grupos de teatro e de dança, tendo se apresentado no Teatro Municipal e em festas religiosas da cidade. Interrompeu os estudos aos 16 anos, porque se mudou com o namorado para Santo Antônio do Monte (MG). Quando retornou a São João del-Rei tentou reiniciar os estudos na E. E. Governador Milton Campos, mas a distância e a rotina de trabalho fizeram com que desistisse novamente. Agora, morando no centro e mais próxima da escola, conseguirá o diploma da escola básica, pré-requisito para iniciar o curso de Pedagogia. Já visitou museus, mas apenas com a escola porque “como a gente é daqui não procuramos saber e

não falamos muito sobre isso”. Para ela, nada marcou realmente sua infância. Gosta de todos os tipos de programas de televisão, de ouvir rádio e acessa a internet diariamente porque trabalha no ramo de telecomunicações. Não gosta de ler porque “dá um sono”.

Iradici Romilda da Silva tem 42 anos, é natural de Volta Redonda (RJ), parda, católica, casada, mora com o marido e a filha no bairro Tejuco e trabalha como cozinheira em um restaurante localizado no centro da cidade. Gosta de assistir novelas, séries, telejornais, programas informativos; acessa a internet pelo celular e notebook em sua casa, para navegar em redes sociais e fazer pesquisas escolares, além de ler notícias nacionais e internacionais. Já visitou exposições no Solar da Baronesa e Museu da EFOM (Ferrovia). Tem um gosto musical eclético; não participa de manifestações culturais e nem religiosas; gosta de ler textos que retratem temas históricos. Após o falecimento de seu pai, a aluna decidiu sair de casa para trabalhar, porém engravidou, teve de se casar e abandonar a escola. Tentou voltar aos estudos muitas vezes, mas por questões familiares isso nunca tinha sido possível. Em julho de 2017 ela conseguiu se matricular na EJA e afirmou ter o desejo de cursar História na UFSJ. Fez diversas referências a toda parte histórica da cidade, inclusive a Serra do Lenheiros e o caminho da Estrada Real. Quando criança participava de atividades ligadas à igreja ou as novenas de santos, que aconteciam diariamente nas casas dos vizinhos. Não tinha televisão em sua casa, apenas rádio, lembrando-se de quando os adultos ouviram sobre a morte de Tancredo Neves e como a notícia afetou sua família. Aprendeu a gostar de leitura e se interessou pela História e livros literários.

Por fim, o último entrevistado foi o aluno Filippi Rocha Simplício de apenas 20 anos, solteiro, natural de Barbacena (MG), branco, católico, engajado no Exército e residente no quartel, que fica localizado no bairro Segredo. Gosta de assistir na televisão apenas telejornais e programas informativos; acessa as redes sociais pelo notebook, em casa; lê apenas textos quando são obrigatórios. Já visitou o Museu da FEB (por integrar o quartel), fazendo referência também aos montanhistas, que é uma parte importante do 11º Batalhão. Gosta de ouvir música sertaneja, nunca participou de nenhuma manifestação cultural. Para ele, São João del-Rei é uma cidade muito religiosa. Não teve a oportunidade de se formar no ensino regular porque precisou cuidar do pai, que sofreu dois acidentes em anos seguidos. Voltou a estudar para fazer concursos dentro do Exército, pois é exigida formação mínima para prestar as provas. Apesar de estar inserido no quartel, não apresentou nenhum conhecimento sobre a ditadura militar e o

processo de redemocratização. Morando em São João del-Rei apenas a dois anos, comentou sobre como Tancredo Neves aparenta ser uma pessoa importante para a cidade. Por interesse próprio, visitou quase todos os museus de São João del-Rei e Tiradentes.

Nesta síntese dos perfis de cada entrevistado ressaltamos alguns dados colhidos em seus testemunhos: os motivos que os fizeram interromper os estudos, o porquê de retornarem à sala de aula, se possuem objetivos futuros e quais seriam esses objetivos. Nota-se que em sua maioria eles pararam de estudar por falta de incentivo, por começarem a trabalhar muito jovens ou por se casarem. Voltaram a frequentar a escola motivados por um familiar ou pela intenção de conquistarem uma melhor colocação profissional como, por exemplo, serem classificados em um concurso público. Os dados resumem a esperança que eles têm de construir um futuro melhor e, no caso daqueles que são pais e mães, de se tornarem uma referência positiva para os filhos.

CAPÍTULO 3

Tancredo queria dar liberdade para as pessoas para ver se acabava com aquela Ditadura, porque as pessoas sofriam muito, era muito sofrimento. [...] Mas não foi ele sozinho, foi um grupo de políticos em que ele estava no meio, infiltrado, para melhorar as condições de vida do brasileiro, porque na época as coisas eram muito difíceis, muito difíceis mesmo. [SIC]
(Matosalém Heitor Camilo, 58 anos)

Na última parte da pesquisa realizamos as entrevistas com os alunos selecionados, utilizando suas respostas no questionário como guia. O primeiro bloco de perguntas do roteiro (Anexo II) aprofundou temas que já haviam sido abordados no questionário, como sua cultura histórica e infância. No segundo bloco de perguntas enfatizamos a trajetória dos alunos na escola e sua relação com o ensino de história. O terceiro bloco de perguntas foi mediado com fotos da época (Anexo III), principalmente do processo eleitoral que elegeu Tancredo Neves presidente e de seu cortejo fúnebre. Os alunos mais velhos comentaram suas próprias memórias sobre os eventos, enquanto os mais novos usaram referências que mediarão suas narrativas sobre Tancredo e o processo histórico da redemocratização. Assim, este capítulo apresenta uma discussão sobre o método de história oral temática utilizado nessa fase da pesquisa; ponderações dos alunos sobre a História como disciplina escolas e o conceito de histórico; além das narrativas dos alunos sobre a redemocratização e a participação de Tancredo nos acontecimentos da década de 1980.

3.1 O MÉTODO DA HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

Métodos de história oral se tornaram essenciais para pesquisas que trabalham com memória e usam entrevistas como fontes históricas. Alguns historiadores tradicionais afirmam que os depoimentos orais são fontes subjetivas, pois são nutridos por memórias individuais que podem ser falíveis de fantasias. Entretanto, na história oral o entrevistado é considerado um agente histórico e por isso é importante resgatar a visão de suas experiências pessoais e os fatos dos quais participou. A subjetividade questionada em fontes orais é um elemento presente em todas as fontes históricas, sejam

elas escritas, visuais ou orais. Todos os resultados são definidos a partir da análise do historiador e de sua metodologia, ou seja, os passos da pesquisa são semelhantes quando se lida com fontes primárias e secundárias. No campo da história oral o que interessa é saber por que o entrevistado foi seletivo ou omissivo durante uma entrevista, pois tal seletividade tem o seu significado (FREITAS, 2002: 68-69).

Um depoimento coletado através da história oral não deve ser interpretado como a verdade dos fatos, mas como uma das prováveis interpretações sobre o passado e o que ficou como herança ou memória:

Entre os muitos desafios da história oral, destacam-se, portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje. (DELGADO, 2010: 18)

Portanto, a história oral é uma metodologia integrada a um procedimento que visa a realização de entrevistas com sujeitos que participaram de processos históricos ou testemunharam episódios no campo da vida privada ou pública de algum personagem ou processo de relevância histórica. Além disso, tem como objetivo “a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas e/ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa” (DELGADO, 2010: 18).

Outro fator importante é aprender a detectar o significado dos silêncios nos depoimentos. A credibilidade das entrevistas não pode estar na sua fidelidade com a realidade, mas em suas divergências, onde a imaginação e o simbolismo estão presentes (FREITAS, 2002: 73). “Os fatos que as pessoas lembram ou esquecem seriam a substância da qual é feita a história” (FREITAS, 2002: 72), porque somente aquilo que faz sentido para o depoente sobrevive em sua memória e, por sobreviver se torna história para eles, isto é, não há fonte oral falsa, pois aquilo que o entrevistado acredita é para ele mais importante do que aquilo que verdadeiramente aconteceu (FREITAS, 2002: 71-74).

Contudo, saber ouvir é a característica mais essencial que o entrevistador deve possuir, porque o documento final será o resultado de uma conversa entre pesquisador e depoente. O entrevistador não é neutro neste processo: é ele quem elabora as perguntas e direciona a conversa (ALBERTI, 2004: 17-19). Por isso, os critérios para se lidar com as fontes orais devem ser os mesmos das fontes escritas, no que tange à análise como documento histórico, a indicação de cortes feitos, o respeito com o entrevistado etc. A produção de fontes orais pode propiciar também futuras pesquisas, em que historiadores do futuro examinarão com outro olhar os materiais colhidos nos atuais estudos (FREITAS, 2002: 77-78).

As entrevistas são produzidas para responder um determinado objetivo que está ligado ao objeto de uma investigação. Nesta pesquisa os depoimentos auxiliam em uma melhor compreensão das memórias sobre Tancredo Neves e sua inserção no processo de redemocratização, possibilitando que os alunos desenvolvam melhor algumas de suas respostas do questionário e comentem sobre temas que não foram abordados durante essa primeira etapa. Podemos definir que todas as entrevistas foram feitas se baseando em um determinado tema, ou seja, o foco não é a trajetória de vida dos entrevistados¹⁶, mas um momento específico da vida de Tancredo Neves e da história do país.

Isso significa que os testemunhos se enquadram em entrevistas temáticas que “são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2004: 37). Tais entrevistas são diferentes de depoimentos de história de vida, porque as perguntas são direcionadas para um determinado período, se referindo a “experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados” (DELGADO, 2010: 22). Os depoimentos nos fornecem elementos de interpretações a respeito da participação de Tancredo Neves no processo de redemocratização, revelando momentos da vida pessoal e pública do político. Como as entrevistas se enquadram em uma pesquisa de história oral temática possuem uma tendência a serem mais curtas se comparadas com entrevistas da história oral de vida, porque o recorte em um determinado período ou figura histórica, conseqüentemente, delimita as respostas (DELGADO, 2010: 23).

¹⁶ Destacamos que embora a pesquisa não trate da trajetória de vida dos entrevistados realizamos um levantamento desses dados durante as conversas com os alunos, a qual pode ser verificado no capítulo 2, subtítulo “Perfil dos entrevistados”.

O contato prévio com os estudantes foi no seu espaço escolar. Por ser uma pesquisa desenvolvida com alunos de escolas públicas decidimos que o seu ambiente de estudos seria ideal para a realização das entrevistas, especificamente suas bibliotecas, por serem o ambiente mais silencioso dentro desses espaços escolares. Conversamos com a direção e professores para que os alunos se ausentassem da sala de aula, verificando seus calendários no intuito de não existir nenhum empecilho que mudasse nossa programação. O início das entrevistas foi um diálogo despretensioso. Durante esses diálogos os entrevistados sentiram-se confortáveis para dividir assuntos pessoais como, por exemplo, os motivos que os afastaram da escola em sua juventude. Na escola Polivalente não existia um espaço dentro da biblioteca que pudesse isolar o entrevistado durante seu testemunho, causando algumas interrupções, mas nada que afetasse a qualidade do material. Já na escola Estadual foi reservada a sala de mídia para que as entrevistas fossem desenvolvidas num espaço mais restrito, evitando assim qualquer interrupção. Como em ambas as escolas houve sempre o aval de todas as atividades, tudo foi realizado com o apoio dos funcionários. As entrevistas eram antecipadamente agendadas com a escola para não atrapalharem as atividades que já tinham sido agendadas pelos professores.

As escolhas metodológicas no roteiro (Anexo II) das entrevistas também tiveram como objetivo criar um clima mais leve para que os entrevistados não respondessem de maneira mecânica, sem nenhuma naturalidade. Dividimos as perguntas e os objetivos em três blocos para direcionarmos as conversas. No primeiro bloco elaboramos perguntas sobre o perfil dos entrevistados, para compreendermos como era a infância desses alunos, quais os meios culturais eles tiveram acesso e como se relacionavam com museus, teatros, meios de comunicação etc., além de questioná-los sobre suas memórias de São João del-Rei. No segundo bloco, o objetivo foi entender o porquê de esses alunos terem parado de estudar, por quais motivos retornaram à sala de aula e se possuíam objetivos futuros de continuar os estudos após a EJA. Nesse bloco pedimos também que eles refletissem sobre o que eles consideravam “histórico” como, por exemplo, a própria cidade de São João del-Rei e suas ponderações sobre o próprio estudo da História enquanto disciplina escolar. Por fim, utilizamos no terceiro bloco algumas fotos (Anexo III) que pudessem mediar as perguntas sobre Tancredo Neves e o processo de redemocratização, na tentativa de acionar suas lembranças; questionamos

os entrevistados quanto a memória de Tancredo Neves em sua cidade natal; e, por fim, como eles avaliam o uso da memória como recurso didático em sala de aula.

3.2 A HISTÓRIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR E O CONCEITO DE HISTÓRICO

O objetivo central das entrevistas era que os alunos respondessem sobre o processo histórico da redemocratização, focando no papel de Tancredo Neves e qual a memória construída na cidade a partir desses acontecimentos. Contudo, é importante a discussão sobre como os entrevistados avaliam o lugar onde vivem e suas considerações sobre a história de sua cidade. Por isso, questionamos aos estudantes qual é a característica de São João del-Rei que eles consideram mais marcante e o que eles entendem a respeito do conceito de “histórico”. As respostas indicam que para eles a característica que marca a cidade está relacionada com os lugares físicos mais antigos. Há referências ao centro histórico, as pontes seculares, as igrejas e seus cultos que se mantiveram ao longo dos anos. Seguindo nessa mesma linha de pensamento, todos consideram que São João del-Rei é histórica e justificaram sua resposta se referindo aos elementos físicos utilizados para caracterizar a cidade. No trecho abaixo observamos esses dados, que estão presentes em todos os testemunhos:

Pesquisadora: Para você qual é a característica mais marcante de São João del-Rei?

Paulo: É a cidade dos sinos. A maioria das pessoas que vem aqui dão prioridade para visitar as igrejas históricas, porque essa parte é preservada. É algo que se manteve ao longo dos anos. Na semana passada eu estive em São Paulo e, por coincidência, o taxista tinha vindo aqui no ano passado e retornará esse ano porque não conseguiu ver as igrejas. Ele disse que quer conhecer as igrejas porque é algo antigo que foi mantido.

Pesquisadora: Você considera que São João del-Rei é uma cidade histórica?

Paulo: Com certeza.

Pesquisadora: Por quê?

Paulo: É uma cidade que conserva. Eu acho que é uma cidade que conserva muitas coisas que foram construídas no passado. É uma cidade que preserva os monumentos, tem muitos monumentos tombados. Eu gosto de ver as fotos de São João del-Rei no passado, principalmente perto da minha casa. Eu moro próximo da antiga estação Chagas Dória e da igreja de Matozinhos, que foi modificada. Tinha também um pavilhão perto da minha casa. Eu tenho oportunidade de ver essas coisas porque o meu pai é de um período mais antigo. O meu pai tem 88 anos, ele tem muitas recordações e as vezes eu pego para a gente lembrar como que era, porque tem muito material antigo.

Pesquisadora: Você considera que já visitou outros lugares que também são históricos?

Paulo: Sim.

Pesquisadora: Quais lugares? Para você, o que eles têm em comum?

Paulo: Ouro Preto, Tiradentes, Mariana. Tenho vontade de ir em Paraty. Eu penso que também são históricas porque tem o mesmo estilo de arquitetura.

Pesquisadora: Para você esse “algo em comum” seria a arquitetura?

Paulo: Sim, isso.

Os depoimentos têm elementos que perpassam, prioritariamente, a parte física ao considerar o que é histórico. Há citações sobre o patrimônio imaterial quando os entrevistados mencionam os sinos, indicando São João del-Rei como a “cidade onde os sinos falam”, mas para eles os sinos são uma parte física das igrejas antigas, ou seja, eles associam que os sinos também fazem parte do patrimônio material. Nenhum deles considerou ser importante a preservação desse patrimônio de “pedra e cal”¹⁷, que é justamente o patrimônio cultural, monumentos e edificações que se mantiveram ao longo dos anos e que comumente é citado pelas pessoas como exemplos de “algo histórico”. Os entrevistados apenas indicam que esse patrimônio de “pedra e cal” deveria ser mais bem explorado turisticamente, pois assim contribuiria no desenvolvimento da cidade, além de oferecer possibilidades de emprego e lucro para os moradores locais. Essa associação entre histórico e antigo acontece por diversos

¹⁷ O patrimônio de pedra e cal são construções e marcos históricos ligados à história oficial, que são considerados duradouros, algo permanente ao longo dos anos. Em São João del-Rei um dos principais monumentos de pedra e cal são as igrejas localizados no centro da cidade.

motivos, dentre eles a arquitetura ser algo visual e palpável para verificação e a falta de trabalhos nas escolas sobre o patrimônio material e imaterial. A única exceção, a aluna Iradici, observou a questão mais afundo quando acompanhou sua filha em um trabalho escolar que tratava sobre a história local. Nele, conseguiu perceber que sua rua era histórica porque faz parte da Estrada Real e, por meio de reflexões pessoais, percebeu que não apenas o antigo é histórico, mas tudo aquilo que de alguma maneira envolve um processo histórico pode ser caracterizado desta forma.

Essa definição de São João del-Rei, que acaba se desdobrando no patrimônio histórico, se concentra na existência desses monumentos, mas não há indícios de que os entrevistados consigam reconhecer fatos relacionados com a história da própria cidade. Eles conferem um sentido particular para esses marcos e prédios antigos, mas nada relacionado com fatos históricos específicos. Todavia, os alunos reconhecem essa defasagem em seu conhecimento, porque muitas vezes são questionados por turistas e outras pessoas que não moram na cidade e eles não conseguem responder a essas perguntas.

Isabel: É morar num lugar onde a gente tem tanta coisa para contar e a gente mesmo não sabe, porque quando a gente fala que é de São João del-Rei as pessoas ficam curiosas, perguntam “e o que é que tem lá?”. Elas começam a te fazer várias perguntas, querendo saber e é ruim a gente não saber isso.

Pesquisadora: Para você, qual o motivo dos moradores não conhecerem essas histórias?

Isabel: Porque não mostram a importância disso tudo para nós. Eu acho que a preocupação maior aqui é o turismo e dinheiro. Até para você entrar dentro de uma igreja para ver eles pedem dinheiro. Então, assim, eu acho isso um absurdo. Eu acho que nada disso é nosso, acaba não sendo nosso, por isso a gente não tem interesse.

Por outro lado, alguns entrevistados consideram que as memórias e histórias da cidade também se integram à parte física e antiga, mas nenhum deles desassociou suas falas das igrejas, casarões e monumentos históricos. Isso é importante na construção do herói que foi feita em relação à figura de Tancredo Neves. Além de ter sido descrito como o homem que acabou com a ditadura, existem comparações entre Tancredo e

outra figura importante na história mineira e nacional: Tiradentes. A construção de um herói popular, análogo a Tiradentes, surgiu através das semelhanças que ambos os personagens possuem: os dois são mineiros, participaram de movimentos importantes da história nacional e morreram no dia 21 de abril. Os entrevistados demonstraram através de suas memórias que Tancredo foi um homem que lutou para o retorno da democracia e pelo bem-estar do povo brasileiro, tendo sido uma fatalidade sua morte prematura antes de exercer o cargo de presidente.

A luta contra a doença, os vários dias no hospital e a forma como o sepultamento foi transmitido tinham um caráter de martírio dado à enfermidade que Tancredo enfrentou, enaltecendo sua luta para se manter vivo para comandar o Brasil. Um exemplo está nos programas que foram encomendados para o Globo Repórter: em um desses programas foi imaginado um diálogo entre Tiradentes e Tancredo, encenado por dois atores, que no final tende a criar um elo entre os dois personagens como se eles fossem semelhantes que representam a mesma coisa (PALHA, 2011: 91-92). Durante o programa, segundo Palha (2011), há um momento em que o psicanalista Hélio Pellegrino dá o seu testemunho e faz a seguinte declaração:

Tancredo e Tiradentes são mitos. Tancredo e Tiradentes são pais da pátria e autênticos. Tancredo e Tiradentes são heróis. O herói é todo aquele que morre por uma causa nobre e morrendo por uma causa nobre, ele realiza um valor de vida que transcende a morte. Ele realiza e encarna essa utopia que é tão velha quanto o homem: a vitória da vida sobre a morte. (PALHA, 2011: 93)

A declaração de Hélio Pellegrino reflete algo que foi construído sobre estes dois personagens históricos. Essa construção está presente nas memórias dos entrevistados, tanto os mais novos quanto os mais velhos. A formação escolar, o convívio diário com a memória da cidade e ouvir as histórias narradas por seus moradores são mecanismos de mediação que podem ter contribuído para a construção de uma memória significativa para esses entrevistados.

Neste momento cabe fazermos um questionamento sobre o papel da escola como mediadora na construção dessas memórias. Como os professores fazem a relação entre os fatos históricos e seu impacto na cidade? Como utilizam as fontes materiais e

imateriais presentes em São João del-Rei? Tais indagações podem ser respondidas apenas de forma superficial neste texto, pois carecem de maiores análises. Contudo, em nossas conversas com os professores foi possível perceber que eles próprios discutiam a sua relação com a cidade e o sentimento de pertencimento. A historiadora Maria Coelho discutiu como a cidade parecia excluir os professores e estes, de um modo geral, a silenciavam (COELHO, 2013: 359).

Os professores de História na “histórica” São João del-Rei lidam com o conhecimento e o ensino da disciplina como se eles estivessem desvinculados de sua própria história. Desterrados de uma cidade que não reconhece as memórias diversas daquela que se estabeleceu como hegemônica – cidade setecentista ligada ao brilho do outro –, esses sujeitos reproduzem o discurso corrente e silenciam sobre a história são-joanense em sua prática docente. (COELHO, 2013, p: 359-360)

A escola e seus educadores não se apresentam como um dos “*próximos*”, que são fundamentais na constituição das memórias dos alunos. Talvez isso ocorra devido a um sentimento contínuo dos moradores de não pertencimento ao lugar, como se aquilo que é histórico pertencesse apenas aos turistas ou moradores sazonais, por motivos de estudo ou trabalho. Dentre os entrevistados apenas Fillipi não cresceu em São João del-Rei, por isso aparentemente se sente mais confortável para desfrutar dos locais que muitas vezes parecem ser destinados aos turistas. O pertencimento ao lugar colabora para a construção de sua própria memória, como refletiu o escritor José Saramago: “fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos [...]”. Como os professores podem repassar o sentimento de pertencimento à cidade histórica, se transformando em um mediador da memória dos alunos, se eles próprios não sentirem que fazem parte deste lugar e de sua história? A partir de tal reflexão percebemos o porquê de os “*próximos*” habitualmente serem pessoas da família, do ambiente de trabalho ou amigos. Todavia, a escola ainda ocupa o seu lugar de referência e não podemos fazer generalizações sobre o tema, afinal de contas muitos educadores se empenham em aproximar os alunos da história local, buscando fatos importantes na História que tenham tido impacto na vida cotidiana dos seus alunos e moradores. Assim, percebe-se que a escola é importante nas narrativas dos alunos, mas não tão central quando outros mediadores.

Após essa reflexão, voltemos ao tema dos conterrâneos Tiradentes e Tancredo. Ambos são considerados heróis da história nacional e para as pessoas possuem semelhanças, as quais por serem repassadas de geração para geração, acabam reforçando a ideia de igualdade entre eles. Isabel, durante a entrevista, confundiu os personagens e teve dificuldades em separar os elementos que caracterizavam cada um deles. Mas é na fala de Luiz César que percebemos como essa comparação marcou os são-joanenses:

Pesquisadora: Qual é a característica que o senhor considera mais marcante na cidade de São João del-Rei?

Luiz César: Com certeza são duas estátuas maravilhosas que temos dentro da cidade: a do nosso alferes Joaquim, o Tiradentes, Joaquim José da Silva Xavier me parece, não tenho certeza do nome de Tiradentes, mas eu acho que é isso mesmo; e a nossa estátua do nosso excelentíssimo ex-presidente da República, que não pôde assumir o seu posto de presidente, Tancredo Neves. Elas estão no centro da cidade, de frente uma para outra, porque os dois são grandes heróis do povo brasileiro.

Luiz afirma que Tancredo morreu antes de assumir o cargo de presidente, mas intitula o político de “ex-presidente” repetindo o que já havia escrito anteriormente em seu questionário. Ele considera que a característica mais marcante da cidade são os dois personagens históricos (Tiradentes e Tancredo), citando como suas estátuas foram colocadas de frente, numa alusão à sua importância e igualdade dentro da história nacional como “heróis do povo”. Outro entrevistado, Matosalém, citou em seu depoimento que durante o velório de Tancredo Neves, na Prefeitura Municipal de São João del-Rei, escutou comentários sobre a relação do político com Tiradentes. Segundo ele, um grupo de pessoas comentava se Tancredo não estava morto há dias enquanto os médicos diziam que estava vivo, apenas para anunciarem sua morte no dia 21 de abril com a intenção de ser um marco igual a morte de Tiradentes. Esses boatos foram noticiados e refutados por médicos e familiares:

Desde o anúncio da morte do presidente Tancredo Neves, no dia 21 de abril, surgiu uma especulação na sociedade brasileira. Esta

coincidência foi forçada? O anúncio da morte de Tancredo foi adiado para o dia 21 de abril para coincidir com o dia da morte de Tiradentes? Tancredo já estava morto há muito tempo? Este sentimento da população foi sempre rebatido pela família, por políticos e médicos envolvidos no episódio. (PRATA, 2011: 255)

A conversa que Matosalém ouviu enquanto estava na fila, aguardando para ver o corpo de Tancredo, pode ser um reflexo do que a mídia divulgava naquela época. Havia um clima de incredulidade sobre a coincidência de o futuro presidente ter morrido no mesmo dia que o inconfidente Tiradentes que foi enforcado em 1972, na capital da colônia portuguesa, o Rio de Janeiro (PRATA, 2011: 254-255). Essas notícias e especulações parecem ter contribuído para que essa ligação entre os dois personagens históricos ficasse marcada na memória das pessoas. O grande diferencial na resposta de Luiz é que ele interpreta um patrimônio material (as estátuas) e analisa as duas figuras que compõem esse cenário. Isto é, para Luiz o que marca São João del-Rei não é a parte física, mas sim os grandes homens que saíram da cidade mineira e contribuíram para a história nacional.

Após caracterizarem a cidade e justificarem o porquê de considerarem São João del-Rei como histórica, os alunos falaram sobre o seu interesse na disciplina escolar de História e qual período eles consideram mais atrativo ou importante de ser estudado. Em suas respostas eles não fizeram ligação com memórias de algum fato histórico que tenham vivido, mas a maioria citou períodos que estão diretamente ligados com a história da cidade onde residem. Dentre os entrevistados, nove gostam de estudar História (Tomás, Sônia, Rafael, Paulo, Nathanael, Marciel, Matosalém, Filippi e Iradici) e três responderam “mais ou menos” (Luiz César, Isabel e Andréa), porque acham que as vezes as leituras e aulas são maçantes.

A maioria dos alunos considera mais importante os estudos de períodos antigos. Quando questionados sobre o que é “histórico” ou sobre a época que possuem preferência os alunos são remetidos ao passado, ao início das coisas, ao princípio dos fatos e consideram que a História só pode ser alcançada quando se tem um olhar para o passado. Todavia, o processo de redemocratização pode ser considerado um fato recente na história do país, pois ocorreu há cerca de quarenta anos, sendo analisado dentro da história do tempo presente. Durante as entrevistas alguns alunos se recordaram desse momento histórico, citando as Diretas Já e outros acontecimentos, principalmente da

vida política de Tancredo até sua morte. A figura de Tancredo Neves se mostra fixa nas memórias de seus conterrâneos, porém os depoimentos indicam que os alunos não consideram os acontecimentos mais recentes no país como pertencentes à História. Nota-se que apenas o distante, o intocável que ficou no passado merece a alcunha de “histórico”.

Pesquisadora: Tomás, qual o período ou momento da História você mais gosta de estudar?

Tomás: Do descobrimento do Brasil.

Pesquisadora: Por quê?

Tomás: Eu gosto desse período porque é a raiz de tudo, é onde começou tudo no Brasil. Eu gosto de entender o começo das coisas, o começo de tudo, para entender como foi desenrolando depois.

Pesquisadora: Você acha que a História consegue explicar isso?

Tomás: Sim, porque a História é que faz a ligação entre nós e a raiz. A História conta como as coisas aconteceram e a raiz precisa da História para existir.

Pesquisadora: Como você enxerga isso em São João del-Rei?

Tomás: Eu acho que cada rua daqui conta uma história diferente. As igrejas, as construções antigas, tudo isso lembra como foi o início da cidade. Qual foi a nossa origem? Por que isso tudo aqui começou? Tudo tem uma história. Olha a história do Tancredo, o começo dele foi aqui, numa cidade pequena, mas ele foi eleito presidente.

Na perspectiva de Tomás é importante o estudo do início dos fatos para entender os pontos positivos e negativos dos processos históricos, isto é, a “raiz da história”. Cita Tancredo Neves como um exemplo de algo que começou em São João del-Rei, mas que posteriormente ganhou destaque na história nacional. Durante o depoimento o tom de voz de Tomás demonstrava orgulho de sua cidade natal quando se referiu a Tancredo Neves. Todavia, quando cita o político e sua referida história, Tomás não se refere à história nacional, mas sim a história pessoal de vida de Tancredo, na qual o mineiro saiu de sua cidade natal e alcançou o mais alto posto na política nacional.

3.3 TANCREDO NEVES E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO

Iniciamos o último bloco de perguntas das entrevistas com a mediação de fotos (Anexo III), as quais poderiam acionar as memórias dos alunos sobre os fatos históricos da época, relacionando Tancredo Neves com o processo de redemocratização. As fotos foram disponibilizadas em um aparelho digital, em ordem cronológica de acontecimentos. Desta forma, os entrevistados tiveram a oportunidade de apreciar cada imagem com calma, pensar sobre o que viam e fazer suas ponderações. Aos poucos, apreciando as imagens, os alunos mais velhos – acima de 30 anos – se lembravam de algum fato da época; por outro lado os alunos mais novos não sabiam fazer referência. Somente nas últimas imagens, do Memorial Tancredo Neves e a estátua do político, todos os alunos souberam identificar o local. Entre os estudantes que viveram esse período podemos destacar as falas de Matosalém, Paulo e Andréa, que acompanharam o cortejo fúnebre, enquanto os outros alunos que viveram o período histórico recordam apenas de cenas na televisão e notícias no rádio. Andréa, em seu depoimento, afirmou ter visto o cortejo e a comoção da população.

Pesquisadora: Andréa, eu trouxe essas fotos para você poder ver e me dizer se reconhece alguma pessoa ou se elas te remetem a alguma lembrança.

Andréa: Esse é o Tancredo Neves. Eu me lembro dessa caixinha de votação, porque minha mãe ia votar e levava a gente junto. Tem o Sarney aqui do lado; esse no microfone é o Ulysses Guimarães, eu lembro dele na televisão também. Esse aqui é o enterro do Tancredo Neves. Eu não o vi no caixão, mas eu vi o enterro. Eu lembro direitinho, a Avenida Tancredo Neves repleta de gente. Eu lembro que eu estava sentada no cais. O cais que a gente fala é a beiradinha da praia onde a gente encosta. Eu estava em frente a Associação dos Sargentos e ele estava passando. O movimento maior mesmo era na Presidente Tancredo Neves, eu lembro direitinho da gente sentado lá, meu pai e minha mãe. Um sol quente. A gente foi acompanhando o cortejo até o lado de fora do cemitério. Eu lembro do enterro porque eu estive lá. O filho ilustre de São João del-Rei que tinha ido embora, todo mundo chorava muito. Estava triste por isso.

Os três, em seus depoimentos, esclareceram que a cidade ficou abalada com a morte de Tancredo. Nesta direção, os meios de comunicação que transmitiram a notícia sobre a morte do político também são significativos. Sônia, Iradici e Marciel, que eram crianças em 1985, recordaram que ouviram a notícia pelas ondas do rádio, informando sobre todos os acontecimentos até o sepultamento de Tancredo. Naquela época, segundo os entrevistados, os aparelhos de televisão eram limitados e apenas pessoas com um melhor poder aquisitivo conseguiam adquiri-los. O rádio ainda era a melhor forma de terem acesso às notícias locais e nacionais e foi através dele que a maioria dos são-joanenses soube da enfermidade e morte de Tancredo. A Rádio Itatiaia, em Minas Gerais, levou aos seus ouvintes diariamente informações, desde a internação até o enterro em São João del-Rei:

Em Minas Gerais, terra natal do presidente, a Rádio Itatiaia se preparou para fazer uma grande cobertura da festa de posse. Mas ao invés disso, seus repórteres tiveram que se desdobrar para levar ao ouvinte avido, as notícias diárias de cirurgias sucessivas – sete ao todo – e depois o drama da morte, o velório em Brasília e Belo Horizonte e o enterro em São João del-Rei. Pelas ondas da Rádio Itatiaia, o público mineiro acompanhou todos os lances desse episódio, participando da programação, rezando junto com a emissora e sugerindo inclusive alternativas médicas para o drama. (PRATA, 2011: 251)

Além da Rádio Itatiaia, havia também a Rádio Inconfidência que atendia não só as pessoas da cidade, mas também o homem do campo, se preocupando para que as notícias chegassem com exatidão em todas as regiões do estado (CAMPELO, 2011: 326). Os alunos disseram que foi a primeira vez que ouviram constantemente os meios de comunicação informando sobre uma pessoa e os episódios relacionados ao momento que o país vivia. Assim, podemos afirmar que essa cobertura das rádios e emissoras de televisão foi importante para a sociedade, pois naquele momento fizeram a mediação entre os episódios e a população, noticiando o que acontecia com Tancredo e comovendo o povo brasileiro por meio de seus frequentes boletins médicos sobre a saúde e morte do político.

Todas as notícias midiáticas e memórias contribuíram para a criação de uma determinada imagem de Tancredo. As respostas tinham uma moral formulada por cada

indivíduo a partir de suas experiências e opiniões. As entrevistas ocorreram em dezembro de 2017 em meio a diversas notícias sobre corrupção, prisões de políticos e investigações sobre grandes esquemas de corrupção. Esse cenário que se formou no tempo presente afetou as considerações dos alunos, que em seus julgamentos em relação a quem tinha sido Tancredo Neves acabaram criando algumas respostas embargadas de ponderações positivas ou negativas, avaliando se o político tinha sido “bom” ou “ruim” como ser humano.

Pesquisadora: Luiz, para você quem foi Tancredo Neves?

Luiz: Foi um pai para o seu eleitorado. Um homem bom, de coração grande. Todo mundo confiava muito em Tancredo Neves. Ele seria um ótimo presidente. Foi uma pena que Deus tirou ele de nós antes da hora.

Pesquisadora: Por que você acha que ele teria sido um ótimo presidente?

Luiz: Porque ele se importava com os outros. Minha mãe trabalho no Solar dos Neves por um tempo e foi ele que conseguiu o emprego de enfermeira para minha irmã na Santa Casa. Ele teria sido um ótimo presidente e estaria até hoje no poder, porque ele poderia ser eleito novamente.

Os alunos que descreveram Tancredo de forma positiva usaram adjetivos como “bom”, “honesto” e “trabalhador” relacionando o mineiro com a prosperidade da cidade de São João del-Rei e o estado de Minas Gerais. Apresentaram o político como um herói nacional que teve sua vida cessada muito cedo antes de concretizar o sonho de melhorar o país e ajudar o povo brasileiro. Em suas narrativas a maioria dos entrevistados demonstrou uma opinião positiva sobre Tancredo, a partir de experiências próprias ou opiniões emitidas por pessoas próximas.

Durante algumas entrevistas, aparentemente, existiu certo receio por alguns alunos em admitir que pessoas da cidade avaliam Tancredo de forma negativa. Dois entrevistados citaram brevemente comentários que ouviram quando jovens sobre como Tancredo conseguiu se inserir no cenário da política nacional, com o intuito de se tornar eleito, além de considerarem que o político também tinha um lado negativo. Nathanael

emitiu claramente sua opinião sobre o processo das Diretas Já e a participação de Tancredo Neves:

Pesquisadora: Como você definiria Tancredo Neves?

Nathanael: Então, eu não consigo dizer muita coisa dele, porque não conheço muita coisa.

Pesquisadora: Mas você consegue dizer algo a respeito dele?

Nathanael: Olha, eu não tenho condições de dizer se ia ser um cara bom ou um cara ruim, mas acho que ia ser um cara muito chato. Assim, “é eu e eu mesmo”, entendeu? Se for para eu falar dele eu só vou falar que ele devia ser um “malão”. Na minha opinião com ele ia ser “tem que ser do meu jeito”. Eu já ouvi falar que ele era um cara chato e ignorante.

Pesquisadora: Nathanael, qual é a visão que as pessoas têm dele?

Nathanael: Eu acho que é bem negativa. Para mim naquela época teve isso aí [Diretas Já] porque ele viu que ia ganhar. Aliás, viu que ia ganhar não, no meu pensamento eu acho que ele viu um jeito de subir e ter o poder, de ser o presidente. Então ele pensou “ah, vou fazer uma manifestação para acabar com eles e eu conseguir me eleger”. E foi o que aconteceu.

Pesquisadora: Você acha que o Tancredo incitou o movimento das Diretas Já?

Nathanael: Foi ele que criou isso para conseguir ganhar. Porque você vê foi muita coincidência ele estar no meio disso e de repente ele virou presidente. Ele só não assumiu [o cargo].

A opinião de Nathanael se apresenta como uma exceção entre os depoimentos, porque ele afirma existir uma visão negativa em relação a Tancredo e, assim, representa dentro do grupo de entrevistados um contraponto a ideia de herói da nação apresentada por outros alunos. No depoimento de Nathanael observamos elementos importantes na construção de sua interpretação do processo histórico: suas principais referências são pessoas próximas (familiares e colegas de trabalho) que descreveram como Tancredo se comportava quando estava vivo; o aluno avalia uma intenção pessoal do político em suas intervenções no processo de transição política, que seria um interesse pessoal em conseguir ser eleito Presidente da República; e, por fim, o entrevistado afirma que existem pessoas que tem uma concepção negativa do líder mineiro. Neste caso, suas

referências não são mediadas pela mídia, escola ou o patrimônio da cidade, mas apenas pela narrativa de pessoas próximas. O depoimento de Nathanael apresenta indícios de que nem todos os moradores de São João del-Rei tem uma memória positiva de Tancredo, mas endossa os vestígios da existência de uma memória coletiva sobre o político na cidade.

Existe entre os entrevistados uma memória coletiva sobre Tancredo Neves, passada de geração para geração, que foi absorvida após ser interpretada por eles. Essa memória é positiva de maneira geral, segundo os próprios entrevistados, e consolidada a partir do mito nacional que se criou em torno do político, o santificando perante a atual política nacional. Até os alunos que apontaram o lado negativo do político consideram que a maioria da cidade avalia Tancredo positivamente. O único entrevistado que não cresceu na cidade, Filippi, afirmou que o político foi um homem muito importante para São João del-Rei e que deve ter feito coisas muito favoráveis para que exista um memorial em sua homenagem.

Isso é reiterado nos outros depoimentos, em vozes embargadas pela emoção de lembranças dos momentos da morte de Tancredo ou em narrativas construídas a partir dos testemunhos de familiares. Tancredo, segundo os entrevistados, pode ser apontado como um “pai de seu eleitorado”, um político que inspirava confiança nas pessoas, que foi símbolo de trabalho para os menos favorecidos e motivação para que surgisse uma esperança nacional na construção de uma nação livre e próspera.

Em sua cidade natal existe um espaço de memória em sua homenagem, o Memorial Tancredo Neves, que foi construído por sua família para homenagear o político são-joanense:

O Memorial Tancredo Neves, São João del-Rei – é um espaço que foi inaugurado em dezembro de 1990, pela Fundação Tancredo Neves. O Memorial contém nove salas que contam a trajetória do político mineiro na seguinte sequência: 1. Os Caminhos Pessoais do Homem; 2. Presença Política (1936-1964); 3. Réplica do Gabinete de Trabalho de Tancredo Neves; 4. Vida Pública: Resistência e Dignidade (1964-1984); 5. Aclamação de um Líder Cívico (1984-1985); 6. O Presidente da Transição Democrática (janeiro a março de 1985); 7. Solidariedade Nacional (março e abril de 1985); 8. A Consternação Nacional; e 9. O Sentimento Brasileiro. (GONÇALVES, 2011: 17)

Nenhum dos entrevistados visitou esse espaço de memória. As justificativas apresentadas por eles se tornam repetitivas ao longo dos depoimentos. O principal motivo é a taxa cobrada por cada visita, o que eles consideram um incentivo a menos. Para eles o espaço parece ser restrito a turistas e pessoas de posse. Os moradores naturais da cidade possuem um consenso de que o patrimônio histórico não lhes pertence, mas apenas aos turistas e aos moradores sazonais de São João del-Rei.

As entrevistas caminharam para o processo histórico da redemocratização e a inserção de Tancredo nos acontecimentos que se seguiram na década de 1980. Esclarecemos que o intuito da pesquisa não é analisar se há narrativas precisas ou coerentes sobre a transição política, pois a memória passa por transformações ao longo dos anos ao apropriar-se de fatos novos que podem alterar algumas lembranças. Isso não torna os depoimentos menos relevantes, porque os elementos que são mencionados elucidam os aspectos mais marcantes desse momento histórico para a sociedade são-joanense e que, por isso, estão mais vivos em suas memórias.

Os entrevistados sempre associaram de alguma maneira o processo histórico a Tancredo Neves. Em seus depoimentos reafirmam que as ações do líder político foram decisivas em algum episódio que está inserido no processo de transição política, sempre o citando como personagem central, principalmente quando se referiam às Diretas Já. Isso pode ter relação com as notícias que a mídia transmitia todos os dias desde que se iniciaram as manifestações em favor das Diretas Já, que foram eventos muito marcantes na década de 1980. Tancredo Neves era apontado por muitos populares como “candidato ideal” à presidência e o eleitorado esperava que ele assumisse o cargo através de uma eleição direta (CAMPELO, 2011: 335).

Pesquisadora: Como você enxerga esse processo de transição política que ocorreu na década de 1980?

Matosalém: O Tancredo não era uma pessoa cruel, ele era um político. Agora o pessoal do Exército, essa ditadura que tinha, era uma coisa que as pessoas não tinham o direito de se expressar. Tudo era debaixo da ordem, porque o pessoal não podia ficar até tarde na rua, a própria polícia reprimia as pessoas: se você ficasse até tarde na rua, mesmo o pessoal do Exército não fazendo parte da polícia, eles queriam saber o quê que você estava fazendo naquele local. Tanto que aqui em São

João del-Rei era muito difícil. Passou das 10h não tinha muita baderna na cidade. Não era igual hoje, porque de primeiro os jovens tinham mais respeito com a polícia. De primeiro, se fizesse coisa errada, além de ir para cadeia ainda tomava coro.

Pesquisadora: No seu questionário quando você respondeu à questão número 5, sobre esse processo de redemocratização, você escreveu: “Foi o início do fim da ditadura. A partir de 1985 teve eleições indiretas e diretas”. O que mais você lembra sobre isso?

Matosalém: A eleição das “Diretas Já” foi a parte do Tancredo Neves quando ele lutou pela eleição direta, “Diretas Já”, porque antes era indireta, entre eles no plenário, eram eles lá que faziam. O Tancredo sempre teve esse lado dele de dar direito ao povo para o povo votar e escolher quem eles queriam. Foi o Tancredo que movimentou isso, da gente poder votar para presidente e acabar com a ditadura.

Assim como Matosalém, os outros entrevistados relacionaram o tema da pergunta com Tancredo Neves, mesmo que este não tenha sido citado pela pesquisadora. Demonstram acreditar que o político foi o motor deste processo histórico, ou seja, que sem ele nada teria acontecido e que por isso Tancredo sempre será lembrado na história do país. Alguns simplesmente disseram não saber nada a respeito, justificando que não viveram o período em questão (entre os mais novos) ou que eram crianças muito pequenas quando tudo aconteceu (entre os mais velhos). A maioria dos alunos que viveram os anos de 1980 tiveram uma tendência de retornar as memórias que eram centradas em Tancredo, relembando ações do político que o levaram a vitória das eleições para presidente.

Andréa, durante o seu depoimento, explicou que as pessoas da cidade se referiam a Tancredo como “o nosso presidente”. Ela explica que existem pessoas na cidade que sempre o chamam pelo título de “presidente do Brasil”. Esse título de “o nosso presidente” pode ter ficado no imaginário das pessoas por causa das narrativas midiáticas construídas naquela época nas vozes de repórteres, pessoas próximas ao político e até membros comuns da sociedade. Quando Antônio Britto anunciou a morte de Tancredo ele foi enfático em intitulá-lo como Presidente da República e apresentá-lo como herói da nação, fato que se repetiu em outros programas de rádio e televisão, contribuindo para que as memórias também se construíssem em torno dessas narrativas.

O episódio da morte de Tancredo Neves é lembrado pelos telespectadores como sendo produto da narrativa midiática. O fato se transforma naquilo que a televisão transmitiu. A imagem da morte foi a mostrada pela televisão, a imagem da multidão que o público recorda, tendo acesso novamente ao passado, aparece em suas palavras como descrição das cenas transmitidas outrora. (BARBOSA, 2011: 250)

A televisão, através do uso de imagens, conseguiu fixar na memória das pessoas que puderam assistir os eventos de abril de 1985, a sua narrativa sobre os fatos. Essas imagens foram reatualizadas nas comemorações dos 30 anos da morte do político, reafirmando a importância do mineiro nos eventos da década de 1980 (CORDÃO, 2017: 03). Segundo Barbosa (2011) é essa a narrativa que as pessoas reproduzem quando são questionadas sobre a morte de Tancredo.

Esses dados ressaltam a importância dos mecanismos de mediação na construção das memórias. Durante a enfermidade e morte de Tancredo ele foi nomeado constantemente como “o nosso presidente”. Pessoas da época lhe conferiram esse título e o reproduziram constantemente, causando impacto nas crianças que viveram esse período. Andréa, em sua entrevista, descreveu como desde menina ouvia as pessoas chamarem Tancredo pela alcunha de presidente e que apenas descobriu que o político não tomou posse do cargo quando fez um trabalho para a disciplina de Sociologia, quando cursava o segundo período da EJA. Oficialmente, esse título foi conferido ao mineiro em 21 de abril de 1986, exatamente um ano após a sua morte, com a sanção da lei 7465/1986, a qual determinou que Tancredo Neves deveria estar na galeria dos Presidentes do Brasil, para todos os efeitos legais. Assim, apesar de Tancredo não ter tomado posse, a lei garantiu a ele o título de Presidente da República. Nossa intenção não é avaliar o uso do termo “presidente” para designar Tancredo, mas por quais motivos as pessoas lhe nomeiam dessa maneira. Andréa elucidou essa questão porque esclarece que apenas usava o termo porque o ouvira quando criança. Assim como ela, talvez outras pessoas da cidade também conheçam Tancredo como “o nosso presidente” através de seus *próximos* ou de outra referência.

De maneira geral, os elementos que aparecem nas memórias dos alunos mais velhos também estão relacionados com a narrativa midiática da época. As Diretas Já são

relembradas por todos, inclusive entre alguns dos mais jovens, sendo relacionada completamente com Tancredo Neves. Para eles, basicamente, o processo histórico se resume nesse universo das Diretas Já e o papel de Tancredo como conciliador do conflito entre o antigo governo e o processo eleitoral. Matosalém cita a repressão da ditadura em São João del-Rei e como Tancredo lutou para que esse período acabasse através de eleições diretas para presidente. Na descrição dos alunos as manifestações alcançaram seu objetivo porque o líder mineiro foi eleito presidente. Isto é, novamente percebemos que para eles a construção do fato histórico parte das ações de um único indivíduo. Os alunos narram os fatos interpretando que a história dos grandes fatos é impulsionada por um grande homem.

Essa interpretação que os alunos fazem tem resquícios das narrativas em que o político mineiro conciliou o processo de mudança política, além de ter sido o único responsável por conseguir a transição do regime militar para um novo período de democracia no Brasil. Esse tipo de narrativa ainda existe em atuais textos produzidos por jornalísticas:

O “voo cego” daria certo. Mesmo com todo o clamor popular, a Câmara Federal não aprovou a emenda Dante de Oliveira, no dia 1º de abril de 1984. Derrotadas as diretas, Tancredo não precisou procurar aliados entre oposicionistas e governistas – estes é que o procuraram. Tancredo, um político “de oposição” com boas bases dentro e fora do governo militar, tornara-se o catalisador entre todos que buscavam uma saída para um regime falido. (SOUZA, 2011: 279)

Esse tipo de narrativa se repete entre todos os entrevistados que fizeram suas considerações sobre o processo histórico, reforçando o papel central de Tancredo. Contudo, os entrevistados fazem suas próprias interpretações e avaliações, criando suas versões dos fatos históricos. Tomás, durante seu depoimento, explicou que apesar de não ter vivido o período histórico acredita que a mídia foi responsável por criar o clima para as manifestações das Diretas Já, através de notícias manipuladas que incitaram as pessoas a aderirem o movimento. Segundo o entrevistado essa relação entre a mídia e a manipulação de massa é semelhante às manifestações de 2013 contra a corrupção.

Todavia, dois alunos, Isabel e Filippi, que em seus questionários comentaram algo sobre os episódios da década de 1980, não acrescentaram nada sobre o processo de

redemocratização em suas entrevistas. Isabel, como já citado anteriormente, justificou que não tem conhecimento sobre os fatos importantes que ocorreram em São João del-Rei; apesar de conseguir identificar Tancredo não vê relação do político com a transição democrática. Filippi considera o político uma figura respeitável para a cidade, porém não sabe explicar o motivo. Existem homenagens a Tancredo que o depoente interpreta como formas de agradecer por algo importante que o político fez em prol da sociedade são-joanense. A fala de Filippi endossa os vestígios referentes a uma memória coletiva positiva de Tancredo Neves em sua cidade natal.

Pesquisadora: Para você quem foi Tancredo Neves?

Filippi: Eu tenho pouco conhecimento sobre ele. O meu conhecimento sobre ele é mínimo.

Pesquisadora: E o que você sabe sobre ele?

Filippi: Eu sei que ele foi deputado. Eu não tenho conhecimento quase nenhum sobre ele. O que eu vejo é que ele foi muito importante para a cidade. Por ter um museu dele, por ele ter sido enterrado aqui eu vejo que algo importante pela cidade ele fez. Algo marcante, importante para cá. Então, eu vejo que ele foi um cara positivo para a cidade.

Pesquisadora: Você acredita que existe uma memória sobre Tancredo Neves na cidade? Como é essa memória?

Filippi: Assim, eu acho que tem uma memória sim, porque tem o museu dele, a avenida com o nome dele. Eu acho que ele foi um cara positivo, que fez coisas para a cidade. Então, como ele foi positivo eu acho que essa memória é boa.

Pesquisadora: No seu questionário você afirmou, na questão número 5, que o processo de redemocratização foi uma “renovação na política”. Você sabe mais alguma coisa sobre esse processo?

Filippi: Não me lembro mais de nada. Agora não lembro.

Pesquisadora: Você sabe o que foi a ditadura no Brasil?

Filippi: Muito pouca coisa. Eu sou a favor da ditadura e não leio muito.

Pesquisadora: Por que você é a favor da ditadura?

Filippi: Porque nessa época o país, as coisas andavam na lei. Era certo, não era jogado igual é hoje. Acontecia muita coisa ruim, mas parte também era muita coisa positiva. Tinha mais

educação, não tinha essa drogaiada [sic], roubalheira. Eu acho que hoje está meio assim jogado.

Filippi é claro quando expressa sua opinião sobre a ditadura militar ao afirmar que essa seria a única forma de melhorar a atual situação do país. A discussão sobre uma nova intervenção militar tem se tornado frequente entre diversos grupos, reacendendo o debate sobre quais teriam sido os pontos positivos e negativos do regime ditatorial. Apenas Filippi e Iradici comentaram claramente pontos positivos na ditadura, dentre os quais foram citados a ausência de corrupção, o menor consumo de drogas e criminalidade, e o respeito dos jovens pelas instituições tradicionais.

Contudo, essa visão não é partilhada por todos. Nas palavras do próprio Tancredo: “Toda ditadura é abominável. Não há nada que justifique um regime de força e usurpação dos direitos, das liberdades essenciais à dignidade humana”¹⁸. Para os outros alunos a ditadura era algo que deveria ser superado justamente porque Tancredo lutou nas Diretas Já para acabar com esses governos, ou seja, associam que um homem “bom” só lutaria para acabar com algo que era ruim. Citam as Diretas Já como referência no período da redemocratização, por significar o momento que o Brasil iria decidir seus representantes através do voto. Por meio dos depoimentos percebemos que o Brasil viveu um momento de agitação política, no qual as manifestações das Diretas Já eram comentadas em todas as camadas da comunidade são-joanense, no rádio e na televisão, entre as pessoas comuns. Os alunos se recordam de ouvir comentários, já escutaram outras pessoas relatarem sobre o tema, mas não sabem maiores referências, apenas que Tancredo participou desse movimento. Entre os entrevistados há um consenso de que ele teria sido muito importante nessas manifestações e por isso foi eleito presidente. A memória coletiva sobre o homem e o fato, nesse caso, se apresenta como positiva, mas não como unanimidade.

Pesquisadora: Sônia, no seu questionário você comentou sobre as Diretas Já. O que você lembra sobre isso?

Sônia: Eu acho que foi pelo voto, o direito a ter voto livre. Livre entre aspas, porque a gente é obrigado a votar. Mas deu o

¹⁸ Trecho de um discurso de Tancredo Neves em 1985. Citado por CAMPELO, 2011: 326.

direito do homem e da mulher, de todo mundo votar, mas ao mesmo tempo você é obrigado a ir votar.

Pesquisadora: Você não lembra de mais alguma coisa?

Sônia: Eu lembro só de falar dessas Diretas Já mesmo. Eu lembro que eles comentavam na época: “agora todo mundo vai poder votar da maneira que quiser, não precisa ter partido, cada um vota no que quiser”. Eu ouvia isso na escola também. As vezes algum professor comentava alguma coisinha, mas não falava direto também não, eles preferiam tratar muito sobre a história da época dos escravos. Eles não tratavam muito sobre a política naquela época atual.

É possível perceber no testemunho de Sônia que as pessoas comentavam sobre a mudança na dinâmica política do país, fazendo alusão aos partidos políticos que estavam se formando e o voto que seria em candidatos e não mais em partidos. Ou seja, Sônia indica que as discussões eram sobre o direito de votar e eleger o presidente, mas também nas mudanças estruturais dos partidos.

A questão moral permeou a fala dos alunos quando lhes indagamos sobre o papel de Tancredo Neves na política nacional durante o processo de transição política. As respostas caminharam para os escândalos de corrupção envolvendo diversos nomes da política, em esquemas gigantes de fraudes e favorecimentos de pessoas no serviço público.

Pesquisadora: Tomás, você enxerga alguma relação entre Tancredo Neves e o processo de redemocratização?

Tomás: Sobre isso eu não sei. Mas Tancredo Neves com certeza não queria a ditadura, porque ele tinha boas ideias de governo. Ele era honesto, inteligente e sabia que iria fazer uma democracia limpa, onde o povo tivesse segurança, saúde e as necessidades básicas para viver. Eu acho que foi por isso que ele queria ser presidente, porque ele sabia que não precisava daquela repressão do Exército. Ele era a favor da democracia.

Pesquisadora: Então você acredita que ele era a favor da democracia?

Tomás: Sim, ele era. Tancredo teve que morrer com seus ideais para depois o Brasil virar isso: crise, escândalos de corrupção, Petrobrás e roubos, políticos embolsando tudo. Ele lutou para o

Brasil melhorar e acabou morrendo na praia, sem conseguir evitar tanta corrupção e roubalheira.

Os homens são moldados também pelas demandas de seu próprio tempo e isso causa uma tendência de julgar o passado a partir de suas experiências atuais. O cenário político nacional no período de realização das entrevistas sugeria que as respostas fossem marcadas por esses julgamentos, em que o passado (longe) está imaculado pelas ações de heróis da nação, enquanto no presente (próximo) os políticos não trabalham para o bem-estar do povo e mancham a história do país com suas ações corruptas.

Solicitar aos alunos que relacionassem Tancredo Neves com o processo histórico da redemocratização apenas reafirmou o que já havia sido construído ao longo dos testemunhos. Eles descreveram Tancredo como um homem acima dos demais porque tinha um bom coração e construiria o recomeço do Brasil. Havia uma esperança de que o governo de Tancredo salvasse o Brasil da crescente crise econômica que vinha sofrendo desde o governo do general Figueiredo. Os estudantes conseguiram fazer essas relações através de suas interpretações em relação aos eventos da eleição de Tancredo para presidente, como as campanhas das Diretas Já.

A liberdade de poder escolher o futuro presidente marcou uma geração que cresceu conhecendo um sistema eleitoral que limitava a participação dos cidadãos. O ato de pensar e decidir qual candidato poderia governar o país passou a ser discutido em todas as camadas sociais, independente de posicionamento político e ideológico ou de profundos conhecimentos sobre os efeitos colaterais de duas décadas de ditadura militar. Nos depoimentos nota-se que os alunos mais velhos percebiam uma crise econômica pela falta de emprego e alta de preços dos produtos, que eram consequências de uma inflação instável, avaliando que um novo governo poderia solucionar o problema. O que está em discussão não são os conhecimentos sobre a política nacional e uma posição ideológica de ser a favor ou contra o regime militar, mas um discurso de um futuro melhor para a nação brasileira que padecia e que acabou amargando ainda mais com as medidas do governo de José Sarney.

Esses elementos contribuíram para a sacralização de Tancredo Neves. As constantes notícias do homem que conseguiu “dobrar” os militares e construir um

diálogo entre eles e seus opositores, possibilitando assim o processo de transição política, contribuíram para a construção do mito na memória das pessoas:

O tempo da televisão, apesar da ideia peculiar de fim, instaura a percepção mais fundamental do tempo vulgar. Através das narrativas ficcionais morre-se e renasce-se no momento seguinte. E mesmo as cerimônias midiáticas que informam sob uma morte incomum constroem a significação do morto como eterno: sua elevação à categoria de mito transforma sua face no rosto de personagens da história. Através da história, permanecerá vivo na memória das multidões. (BARBOSA, 2011: 240)

A morte de Tancredo Neves afetou profundamente o povo brasileiro e, conseqüentemente, as memórias das pessoas sobre essa época a partir de narrativas que se construía durante um evento que era novo para o país: a transmissão de cada detalhe dos acontecimentos de seu quadro clínico e depois de seu cortejo fúnebre. Os alunos explicam que foi, principalmente, através do rádio que tiveram notícias sobre a evolução da doença. Contudo, é perceptível, entre os depoimentos, a descrença de que os meios de comunicação anunciavam apenas fatos e “verdades”. Tomás, como já citado, acredita que foi a mídia que construiu as manifestações das Diretas Já. Há uma linha tênue entre absorver uma narrativa transmitida pelos meios de comunicação e questionar a veracidade de suas informações.

Outros alunos explicam que naquela época existia essa incredulidade nas notícias que eram transmitidas sobre Tancredo. Os médicos afirmavam que o quadro era reversível e logo o presidente eleito poderia assumir suas funções. As sete cirurgias que se seguiram, os constantes altos e baixos, fizeram com que os brasileiros passassem a duvidar das notícias, não acreditando mais nos meios de comunicação. Além disso, questionavam as boas intenções da mídia visto que existiam relatos de jornais e emissoras de rádio e televisão que se preparavam para o fim trágico de Tancredo. Muitos jornalistas foram chamados de “urubus” pelos moradores de São João del-Rei, porque, na visão deles, os jornalistas apenas estavam à espreita aguardando uma notícia que seria triste para a nação brasileira (PRATA, 2011: 264). O povo não acreditava que fosse possível a morte do presidente eleito:

A fé consiste em não crer no que está acontecendo. O povo acompanha com emoção a luta do Presidente. E reage às notícias que lhe diminuem as esperanças. Nestes 35 dias em que a luta do Presidente Tancredo Neves contra a doença se trava em meio a notícias que partiram do mais contagiante otimismo ('Ele poderá tomar posse em poucos dias', afirmou um dos médicos logo após a segunda cirurgia) a mais sombria constatação ('Tancredo está morrendo', disse o *Jornal do Brasil* em manchete de primeira página), em nenhum momento a imprensa esteve tão na berlinda como ontem. Que papel afinal, tem ela representado ao longo desse dramático episódio? ("O que pensa o leitor"). [...] As queixas dos leitores vão desde esses equívocos de interpretação de lei, cometidos pelos comentaristas políticos, a toda sorte de grandes e pequenos pecados vindos em seguida: sensacionalismo, contradições, otimismo exagerado de uns, pessimismo de outros, acobertamento da verdade, aceitação passiva dos relatórios médicos como definitivos ('como é que vocês aceitaram aquela história de diverticulite?'). Leitores que acham não terem os jornais, as rádios e as televisões tratado adequadamente a doença e a agonia do mais importante presidente da história da República. (*Jornal do Brasil*, 20 de abril de 1985, p. B-10 apud BARBOSA, 2011: 242)

O que ficou registrado na memória dos alunos são os eventos mais marcantes na trajetória de Tancredo e não o processo de transição em si. Por isso, os acontecimentos desse processo histórico são narrados a partir de Tancredo e das ações do político. Partem da perspectiva que o homem cria o fato e não que o homem seja um indivíduo que apenas participa do processo histórico. Isto posto, os entrevistados acreditam que Tancredo, através de suas ações, exerceu sua cidadania e agiu no tempo para mudar os rumos da política nacional, mudando a própria história. Ou seja, há sinais da existência de uma memória positiva em torno de Tancredo na cidade de São João del-Rei.

Finalizando as entrevistas, os alunos foram questionados sobre sua relação com a própria história a partir do processo de redemocratização: se houve alguma mudança de visão do país e do mundo, rupturas ou continuidade de conceitos e ideias. Além disso, eles afirmaram se achavam mais fácil estudar, em sala de aula, através de suas próprias memórias ou de memórias indiretas de pessoas próximas. O objetivo era compreender como eles se relacionavam com o ensino de história na escola e como enxergam o uso de memórias em sala de aula.

A preferência dos alunos por estudar determinado período parece ter norteado as respostas sobre os benefícios gerados pelo estudo da transição política. Os entrevistados que optaram por estudar fatos recentes entendem que o processo de redemocratização

pode contribuir na compreensão da atual política do país. A emissão de opinião e comparação entre o presente e o passado está presente em suas falas. Em alguns casos eles inseriram Tancredo Neves em afirmações como, por exemplo, que na hipótese de Tancredo ter assumido a presidência o Brasil teria se tornado um país sem os atuais escândalos de corrupção. De maneira geral, os entrevistados compreendem positivo o estudo de fatos históricos que afetaram diretamente suas vidas e, por isso, avaliam que esse processo histórico é importante porque teve a participação de um conterrâneo.

Apesar da opção dos alunos por estudar períodos mais antigos, há também um reconhecimento de como as memórias ajudariam no processo de aprendizagem. Pelos depoimentos, nota-se que se tornou essencial discutir a partir da experiência e de exemplos mais concretos do que apenas apresentar o tema de forma abstrata aos alunos em sala de aula. A construção de narrativas deles sobre processos antigos também busca referências e justificativas que expliquem o seu presente.

Pesquisadora: Pensando em nossa conversa, você acha que as memórias das pessoas são importantes?

Matosálem: Sim, acho muito importante, seria até bom se estudasse isso na sala.

Pesquisadora: Por que você acha que seria bom Matosálem?

Matosálem: Para você aprender seria mais fácil, porque é uma coisa que você viveu ali ou ouviu pessoas que viveram. Outros assuntos você tem que ler para interagir com aquilo. Uma coisa que você viveu é mais fácil para recapitular. Igual falar da ditadura, que eu vivi e sei como era.

Contudo, há contrapontos sobre o uso de memórias em sala de aula. Alguns alunos acreditam que seria enriquecedor, porque lhes permitiria ter mais elementos para auxiliar na compreensão de temas discutidos nas aulas. Outra parcela dos entrevistados, afirma que o assunto seria muito diferente em sala e que haveria muitas divergências com as opiniões dos alunos mais novos e até mesmo do professor, caso este não tenha vivido o período histórico ou tenha opiniões muito diferentes dos estudantes. Isso porque os alunos mais novos não teriam o mesmo interesse pelo tema, por não terem vivido e tido as mesmas experiências que os alunos mais velhos. De qualquer forma, concordam que as memórias poderiam sim contribuir para as aulas, só lhes resta

dúvidas sobre os efeitos que o uso delas poderia gerar em debates. Para eles discussões podem ser mais desnecessárias do que promotoras de conhecimento. Houve também entrevistados que valorizaram o ensino de história, principalmente de São João del-Rei, e consideram que as crianças devem ser ensinadas desde pequenas sobre a história da cidade.

Ainda há são-joanenses que choram a partida de seu Presidente. A memória é acionada por fatos, imagens e músicas que marcaram o período. Andréa e Paulo sempre que escutam a música *Coração de Estudante* na voz de Milton Nascimento sentem a tristeza que se abateu na cidade naqueles tempos sombrios. Para os entrevistados Tancredo mobilizou o país e fez a nação ter um objetivo em comum: a reconstrução do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio histórico da cidade de São João del-Rei, material e imaterial, é rico e possibilita que sejam desenvolvidas análises de diferentes momentos da história Brasil e do mundo. Tancredo Neves, que nasceu e cresceu na cidade mineira, foi comparado com Tiradentes por causa de seus feitos dentro da política nacional. O processo de redemocratização, no qual ele teve um papel importante, está vivo na memória das pessoas por meio de imagens, símbolos e lembranças, as quais são cultivadas e foram passadas de geração para geração. Os aspectos de uma memória sobre Tancredo e o processo de transição política são evidentes no grupo desta pesquisa. Os depoimentos são indícios da existência de uma memória coletiva de Tancredo em São João del-Rei, a qual pode ser caracterizada, de maneira geral, como positiva.

As fontes desta pesquisa possuem vestígios dessa memória coletiva. Apesar de se tratar de poucas entrevistas, os depoimentos foram realizados com um grupo diversificado, com o objetivo de propiciar diferentes possibilidades de resposta das pessoas que compõem os múltiplos grupos da sociedade são-joanense. Desta forma, eles refletem pensamentos e ideias de sua comunidade. Entender que as memórias dos alunos são uma construção a partir da convivência com seu grupo é primordial para se entender as relações que são criadas com a própria história.

A pesquisa ajudou a fomentar discussões sobre Tancredo Neves e sua importância na política nacional. Todos os entrevistados, exceto uma, afirmaram que sua participação no estudo criou uma vontade de conhecer o Memorial Tancredo Neves e saber mais sobre a história do político. Professores e funcionários das duas escolas questionaram métodos de introduzir o tema com os alunos, mesmo quando estes ainda não estudaram esse período histórico ou que não poderão estudar devido ao curto prazo da EJA. Ou seja, iniciativas como esta pesquisa ajudam a provocar novas iniciativas de ensino nas escolas.

O ensino de história já ultrapassou a ideia de que o aluno é passivo na construção de seu conhecimento. Todavia, a falta de recursos ainda inviabiliza que novas metodologias sejam aplicadas em sala de aula, dificultando uma dinâmica que renove o interesse dos alunos e possibilite melhores resultados de aprendizagem. A memória se mostra uma fonte diferenciada como possibilidade de ser utilizada sem grandes recursos materiais, porém é necessário que o professor tenha domínio sobre o

uso da história oral e da história do tempo presente. Os próprios entrevistados avaliaram como positivo o uso de depoimentos como fonte em sala de aula, afirmando que as memórias os aproximariam ainda mais do tema estudado. Essa avaliação dos alunos foi construída independentemente de sua idade, ou seja, há consenso entre eles sobre esse assunto.

Observa-se como as narrativas construídas pelos meios de comunicação conseguiram ter um grande impacto para as pessoas da época. Após o fim da ditadura houve a construção de uma memória oficial, na qual o processo de redemocratização é interpretado como um momento importante na história da sociedade brasileira, na qual Tancredo Neves é idealizado como herói. Tais afirmações não se sustentam em pesquisas historiográficas, as quais tem demonstrado que o processo de transição foi um “acordo entre amigos” feito pelos militares e a oposição “moderada” ao regime, da qual Tancredo Neves era membro. Contudo, as memórias dos alunos sobre o presidente eleito possuem referências de narrativas que o apresentam como conciliador dos conflitos e fomentador do processo histórico.

É fundamental que educadores busquem compreender o conhecimento que estudantes possuem de processos históricos e seus personagens, principalmente quando se trata de alunos da EJA. As discussões feitas em sala de aula podem contribuir para a desconstrução de uma imagem criada com um único ou que foram baseadas em fatos manipulados. A memória se torna um mecanismo essencial nessa compreensão das narrativas, pois é nela que encontramos os elementos de referência e sua resignificação para os sujeitos históricos, que muitas vezes se inserem de alguma forma nos processos históricos ao pensarem sobre como isso afeta a sua vida no presente.

Esses elementos foram observados durante as entrevistas. Os alunos concebem a importância de Tancredo Neves no processo histórico, pois imaginam, por exemplo, o que teria acontecido se Tancredo não tivesse sido eleito pelo Colégio Eleitoral ou como teria sido a história do país caso o político tivesse assumido a Presidência. As inúmeras possibilidades que surgem no horizonte de expectativas em relação a um presente melhor e um futuro promissor são vestígios de reflexões dos alunos sobre sua relação com a própria história.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ANTUNES, Ricardo & SANTANA, Marco Aurélio. Para onde foi o “novo sindicalismo”? Caminhos e descaminhos de uma prática social. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (orgs). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964.** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014. (p.128-141)

ARELARO, Lisete Regina Gomes. Reforma do Ensino Médio. Brasília: 2017. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 20, p. 11-17, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

BARBOSA, Marialva Carlos. A morte de Tancredo Neves, imitações narrativas da TV e memórias duradouras do pública. In: PRATA, Nair & CAMPELO, Wanir (orgs.). **Tancredo Neves – a travessia midiática.** Florianópolis: Insular, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 11/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

_____. Constituição Brasileira. 5 de outubro de 1988.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

CAMPELO, Wanir. Da Liberdade ao Planalto: a travessia de Tancredo Neves em seus múltiplos tons. In: PRATA, Nair & CAMPELO, Wanir (orgs.). **Tancredo Neves – a travessia midiática.** Florianópolis: Insular, 2011.

COELHO, Maria da Luz. Na roda da Memória, sujeitos e um lugar: memórias de professores de História na “histórica” São João del-Rei. In: MIRANDA, Sonia Regina, SIMAN Lana Mara Castro (Org.). **Cidade, memória e educação.** Juiz de Fora: Editora UFSJ, 2013.

CORDÃO, Michelly Pereira de Souza. Tancredo Neves e as memórias da “Redemocratização”: a construção de um “herói” da resistência. In: XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. Brasília. *Anais eletrônicos*, 2017.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades – 2 ed. – Belo Horizonte : Autêntica, 2010.

_____ ; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. *Revista História Hoje*, v. 2, nº 4, p. 19-34 – 2013. Disponível: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>

FÁVERO, Osmar. Lições da história: os avanços de 60 anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil. In: PAIVA, Jane & OLIVEIRA, Inês B. de. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. – Petrópolis, RJ : DP et Alii, 2009. (p. 9-21)

FICO, Carlos. **História do Brasil contemporâneo**: da morte de Vargas aos dias atuais. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2016

FREIRE, Paulo et al. Relatório final do seminário regional de educação de jovens e adultos. II Congresso Nacional de Educação de Adultos. Pernambuco, 1958. (mimeo.)

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Sônia Maria de. **História X História Oral X Memória**. In: Idem. Possibilidades e Procedimentos. SP: Humaninas /USP/Imp. Oficial do Estado, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

GASPARI, Elio. **A ditadura acabada**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

HADDAD, Sérgio (org.). **Novos caminhos em educação de jovens e adultos – EJA:** um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Ed. Global, 2007.

_____. A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB. In: BRZEZINSKI, Iria (org.). **LDB interpretada:** diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997. (p. 111-127).

HARTOG, François. **Evidência da História:** o que os historiadores veem. François Hartog; tradução Guilherme João de Freitas Teixeira com colaboração de Jaime A. Clasen. – 1. ed., 2. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017. – (Coleção História & Historiografia / coordenação Eliana de Freitas Dutra, 5)

HOLLERBACH, Joana d’Arc Germano. *O jovem e o Ensino de História: a concepção da construção de História por alunos do Ensino Médio.* Belo Horizonte. Dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da UFMG, 2007.

LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). In: REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (orgs). **A ditadura que mudou o Brasil:** 50 anos do golpe de 1964. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014. (p. 92-111)

MARTINS, Franklin. **Quem foi que inventou o Brasil?** A música popular conta a história da República. Volume II- de 1964 a 1985. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MARTINS, Ismênia de Lima. História e ensino de história: memória e identidades sociais. In: MONTEIRO, Ana Maria, GASPARELLO, Arlette, MAGALHÃES, Marcelo (Orgs). **Ensino de História:** sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2007. (p. 13-21)

MOURA, Dante Henrique. Proposta Pedagógica. EJA: formação técnica integrada ao Ensino Médio. Rio de Janeiro: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto16.pdf#page=24> Acesso em: 9 abr. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. **1964:** História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, Margarida de Souza. História e memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

_____. Nos compassos do tempo. A história e a cultura da memória. In: SOIHET, Rachel...[et.al.]. **Mitos, projetos e práticas políticas**: memórias e historiografia. – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (orgs). **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014. (p. 172-185)

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente e o contemporâneo. Henry Rousso; tradução de Fernando Coelho, Fabrício Coelho. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

RÜSEN, Jörn. **História viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. **Teoria da história**: uma teoria da história como ciência. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UFPR, 2015.

SILVA, Vera Alice Cardoso & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Tancredo Neves**: a trajetória de um liberal. – Petrópolis, Vozes; [Belo Horizonte]: Universidades Federal de Minas Gerais, 1985.

SKIDMORE, Tomas E. **Brasil**: de Castelo a Tancredo, 1964-1985. Tradução Mario Salviano Silva. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação de Jovens e Adultos**. – Curitiba: Editora InterSaberes, 2012.

SOUZA, Rogério Martins de. Tancredo Neves em três tempos: ascensão, martírio e glorificação. In: PRATA, Nair & CAMPELO, Wanir (orgs.). **Tancredo Neves – a travessia midiática**. Florianópolis: Insular, 2011.

PAIVA, Jane. **Os Sentidos do Direito à Educação para Jovens e Adultos**. Petrópolis, RJ : DP et Alii ; Rio de Janeiro : FAPERJ, 2009.

_____. Histórico da EJA no Brasil: descontinuidades e políticas públicas insuficientes. EJA: formação técnica integrada ao Ensino Médio. Rio de Janeiro: MEC, 2006. Acesso em: 9 de abril 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto16.pdf#page=24>

PALHA, Cássia Rita Louro. Televisão e política: o mito Tancredo Neves entre a morte, o legado e a redenção. In: PRATA, Nair & CAMPELO, Wanir (orgs.). **Tancredo Neves – a travessia midiática**. Florianópolis: Insular, 2011.

PORCARO, Rosa Cristina. *Caminhos e desafios da formação de educadores de jovens e adultos*. Belo Horizonte. Tese de doutorado da Faculdade de Educação da UFMG, 2011.

PRATA, Nair. Tancredo Neves: a agonia e a morte do presidente pelas ondas da Rádio Itatiaia. In: PRATA, Nair & CAMPELO, Wanir (orgs.). **Tancredo Neves – a travessia midiática**. Florianópolis: Insular, 2011.

VIANNA, Graziela Mello. Dura Travessia: a importância da música popular na mobilização pelas Diretas Já e na comoção pela morte de Tancredo Neves. In: PRATA, Nair & CAMPELO, Wanir (orgs.). **Tancredo Neves – a travessia midiática**. Florianópolis: Insular, 2011.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

Escola: _____ Turma: _____

Nome do (a) estudante: _____

E-mail: _____

Telefone para contato: _____

1 – Você nasceu em São João del-Rei? Comente um pouco sobre a história de São João del-Rei e como é viver em uma cidade histórica.

2 – Há algum fato que ocorreu na cidade e que tenha marcado a sua infância?

3 – Quando criança você ouvia música, rádio ou assistia TV? Cite alguma música ou programa que você mais gostava.

4 – Quem é o homem da foto abaixo?



Imagem I: Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br>

5 – Você sabe explicar o que foi o processo de redemocratização da década de 1980 e o que ele significou para o país? Você se lembra de algum fato sobre esse período?

6 – Qual é a sua idade?

7 – Sexo: () Masculino () Feminino

8 – Você mora em qual bairro da cidade de São João del-Rei?

9 – Quantas pessoas moram com você?

10 – Você exerce ou já exerceu atividade remunerada?

a) Sim, estou trabalhando.

b) Sim, já trabalhei, mas não estou trabalhando.

c) Não, nunca trabalhei.

11 – Como você se considera:

() Branco (a) () Pardo (a)

() Amarelo (a) () Preto (a)

() Indígena

12 – Qual é a sua religião?

() Católica.

() Protestante ou Evangélica.

() Espírita

() Umbanda ou Candomblé

() Outra

() Sem religião

13 – Marque os programas que você mais assiste na televisão:

() Novelas, filmes, desenhos, séries

() Telejornal, programas informativos

() Programas de variedades, programas de auditório e reality shows

() Não assisto televisão

14 – Por qual meio tecnológico você acessa a internet?

() Telefone celular

() Notebook, computador

() Tablet

() Não acesso à internet

15 – Em que lugar você mais acessa a internet?

() Em casa

() Na escola

() Em local de acesso pago (Lan House).

() Em local público de acesso gratuito.

() Na casa de outra pessoa (vizinho, amigo, familiar).

16 – Quais os sites que você mais visita na internet?

() Redes sociais (Facebook, Twitter, Youtube, etc).

() Sites de notícias nacionais e internacionais.

() Pesquisas escolares.

() Não tenho acesso a internet.

17 – Marque os locais que você frequenta ou que já tenha visitado.

() Museu () Cinema.

() Teatro () Nenhum dos anteriores.

18 – Caso você tenha marcado museu, cinema ou teatro na questão anterior, comente o(s) museu(s) que você visitou, os filmes que já viu no cinema e os espetáculos que assistiu no teatro.

19 – Marque o gênero musical que você mais gosta de ouvir:

() Sertanejo () Samba () Pagode

() MP () Funk () Hip Hop () Pop

() Rock () Clássica () Música religiosa

() Outro.

20 – Você participa de alguma manifestação cultural da cidade? Qual é essa manifestação?

21 – Você estaria disposto (a) a ceder uma entrevista para a pesquisadora?

ANEXO II

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Primeiro bloco:

Qual o seu nome? Quantos anos você tem?

Você nasceu em São João del-Rei? Sempre morou aqui?

O que você gostava de fazer na sua infância e adolescência? Quais lugares frequentava e onde gostava de ir?

Você assiste televisão? Quais programas? Qual era a sua programação favorita na infância?

Você gosta de ouvir música? Qual gênero musical você mais gosta? Há alguma música que tenha marcado a sua infância?

O que você acessa na internet? Você acessa por meio de qual aparelho eletrônico e em quais lugares?

Você gosta de ler? Qual o tipo de leitura você prefere? Quando criança você gostava de ler?

Você ouve rádio? Qual programa de rádio você escuta? Você se recorda de ouvir algum programa de rádio na infância?

Qual a sua religião? Com qual frequência você frequenta as atividades de sua igreja/centro?

Você participa de alguma manifestação cultural, como o congado e folia de reis?

Quais eventos ou lugares culturais (cinema, shows, teatro...) você frequenta na cidade? Qual deles você prefere? Em sua infância/adolescência você frequentava algum deles?

Segundo bloco:

Por que você parou de estudar?

Quais fatores te motivaram a voltar para a escola?

Como você caracterizaria a cidade de São João del Rei? Qual a característica da cidade é mais marcante para você?

Você considera São João del-Rei uma cidade histórica? Por quê?

Você já visitou outros lugares que você considera “históricos”?

Você gosta de estudar história?

Que época/período da história você mais gosta de estudar? Por quê?

Terceiro bloco:

Essas fotos fazem você se lembrar de algo?

Para você quem foi Tancredo Neves?

Você já visitou o Memorial Tancredo Neves?

No questionário você afirmou que (citarei alguma passagem da questão 5 do questionário). Fale um pouco mais sobre essas memórias.

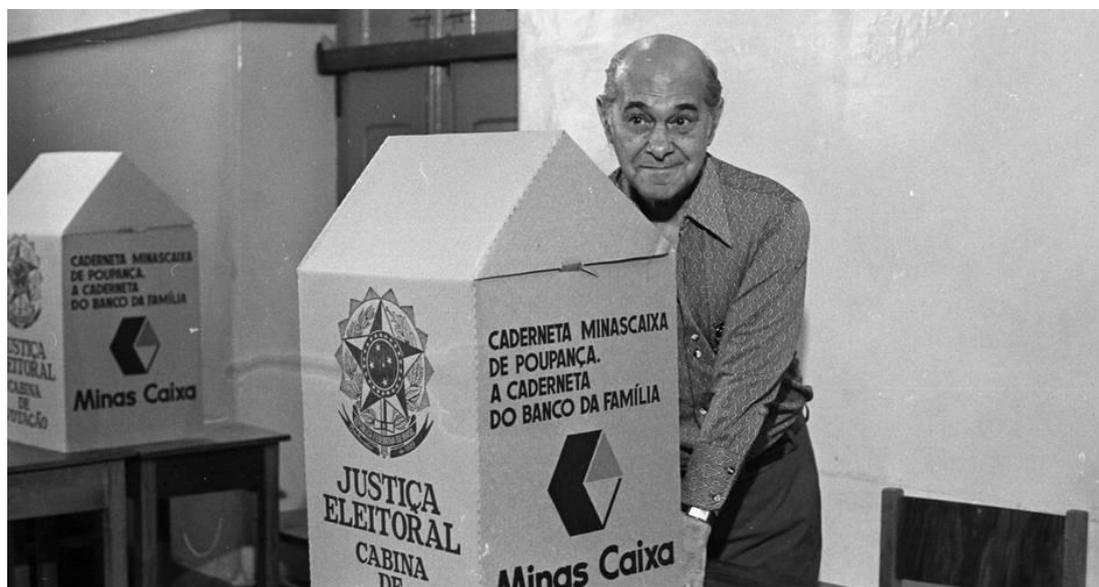
O que foi o processo de redemocratização?

Você enxerga alguma relação entre Tancredo Neves e o processo de redemocratização da década de 1980?

Eu queria que você comentasse sua percepção desse fato histórico, pensando que você viveu esse momento. A sua visão de país mudou? A sua relação com a história mudou?

ANEXO III

Imagem II: Tancredo Neves votando nas eleições 1982.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com>

Imagem III: Campanha eleitoral de Tancredo Neves, 1985.



Fonte: <https://noticias.r7.com>

Imagem IV: Funeral de Tancredo Neves, Brasília, 1985.



Fonte: <https://oglobo.globo.com>

Imagem V: Cortejo fúnebre de Tancredo, Brasília, 1985.



Fonte: <https://epoca.globo.com>

Imagem VI: Velório de Tancredo Neves, Belo Horizonte, 1985.



Fonte: <https://fgv.com.br>

Imagem VII: Familiares no velório de Tancredo, Belo Horizonte, 1985.



Fonte: <https://oglobo.globo.com>

Imagem VIII: Cortejo fúnebre de Tancredo, São João del-Rei, 1985



Fonte: <http://fgv.br>

Imagem IX: Enterro de Tancredo, São João del-Rei, 1985



Fonte: <http://fgv.br>

Imagem X: Estátua de Tancredo Neves no centro de São João del-Rei



Fonte: <http://www.patriamineira.com.br>

Imagem XI: Memorial Tancredo Neves localizado em São João del-Rei



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br>